

BIBLIOTÉCA DE FILOSOFIA ESPIRITUALISTA
MODERNA E CIÊNCIAS PSÍQUICAS

Chiniquy
(EX PADRE)

O PADRE,
A MULHER
E O
CONFESSIONARIO



LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

Chiniquy
(EX. PADRE)

O PADRE,
A MULHER
E O
CONFESSORARIO



Espírito Consolador

Livro precioso do

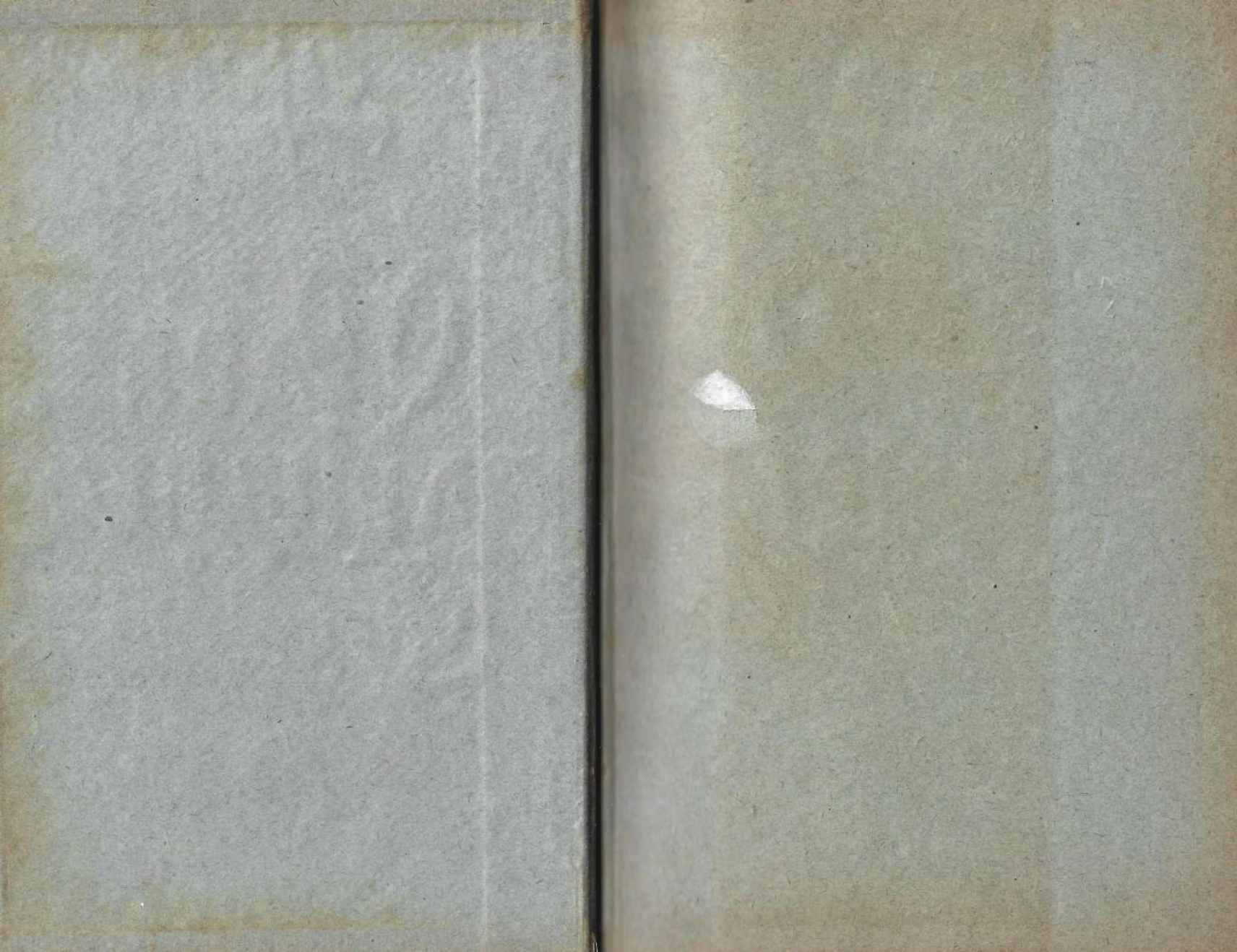
PADRE MARCHAL

A indole da obra justifica de sobejo o seu titulo. E' um repositório de incentivos para amarmos a vida e uma fonte inexhaurivel de forças para encararmos sem temor a morte.

Volume, br. . . 6\$000

Enc. 8\$000





O PADRE, A MULHER
E O CONFESSORIO

origina

O Padre, a Mulher e o Confessionário

pele

EX-PADRE CHINIQUI

Traduzido do original inglês

por

M. de V.



1937

LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
88, Avenida Passos, 30 ————— Rio de Janeiro

APRESENTAÇÃO

A obra que aqui oferecemos ao público é daquelas que por si se definem e recomendam, com dispensa de comentários.

Obra de combate, sem tergiversamentos, clara e forte no deflagrar das idéias, ela teve, a seu tempo — e vai para mais de 50 anos — a mais larga repercussão, tanto que traduzida em várias linguas.

Nem por isso, diga-se, lhe sobejam foros de caducidade. Antes, muito pelo contrário, o instituto nela atacado com hombridade e denodo, aí se alça revigorado no tumulto das convulsões politico-sociais remanentes da grande guerra.

Em nosso País, particularmente, não ha quem ignore o movimento de reação católica, procurando intermitir-se na politica para arbitrar, em facundia de regalos e privilégios incontestaveis, os destinos da nacionalidade.

E nós já não temos, em penúria de liberalismo e ardores cívicos, a visão arguta e a clava de um Rui Barbosa, por dar-nos um outro — *O Papa e o Concílio*.

Haverá quem, por espírito de inércia e otimismo, julgue a obra do ex-padre Chiniquí já infirmada pela evolução promovida no seio mesmo da Igreja.

Dir-se-á, por exemplo, que a difusão da cul-

tura popular já não comportaria conseqüências idênticas ás apontadas e autenticadas nesta obra de saneamento espiritual.

Mas, é um engano. Instrução intelectual e fanatismo religioso jámais colidiram, antes muitas vezes se conjugaram, de todos os tempos.

E depois, ainda que o confessionário deixasse de ser o agente perigoso de corrupção familiar, nem por isso lhe faltaria o nefario ascendente de retorta aberta a todas as intrigas e maquinações possíveis.

A Igreja Católica que perfilhou todos os processos do Paganismo religioso e vem, a partir de Constantino, mistificando a humanidade com um cristianismo bastardo; a Igreja que tem promovido monstruosos contubernios nacionais, internacionais, políticos e sociais; essa Igreja que estadeia fraternidade, mas erige altares em zonas de guerra e aplaude a conquista e escravização de um povo manu-militari; essa Igreja maleavel a todas as tiranias que lhe nutram o sonho megalómano de hegemonia universal; essa Igreja, dizemos, coleia, disfarsa-se, contemporiza, mas não se rende nem abdica jamais de suas tradições.

Assim, os livros desta índole não prescrevem nunca e podem ser lidos sempre em sabor de atualidade.

Além disso, o leitor emancipado de prejuizos sectaristas, aí vai encontrar em amálgamas de estilo ameno, os frutos sadios de uma legítima hermenêutica evangélica, adequada mais que nunca aos anseios contemporâneos de reajustamento moral da humanidade.

Que o leitor assim o entenda e nós com muitas graças a Deus teremos por melhor compensado o nosso trabalho.

A EDITORA.

BIOGRAFIA

Quem é Chiniquí?

Documentos originaes, comprovantes da posição relevante e do alto conceito que desfrutava no seio da Igreja Romana.

Sabido é que o Padre Chiniquí granjeou fama nos dimínios do Canadá, como expoente máximo, e apostolar, da "Obra de Temperança".

Muito antes disso, porém, não apenas como simples pároco, mas, até dos bancos escolares, soubera êle criar-se uma bela reputação de intelligência e carater.

Eis, á traços rápidos, a sua biografia: nascido em Kamouraska, aos 30 de Junho de 1809, fôram seus páis Carlos Chiniquí e Reine Perraul, ambos naturais de Quebec e falecidos êle em 1821, e ela em 1830.

Por morte do pai, um tio materno — Amable Dione, aliás abastado de fortuna e membro da câmara parlamentar do Canadá, encarregou-se da educação do sobrinho, logo o internando no Colégio "S. Nicholet", onde permaneceu 11 anos e logrou conquistar notórias distincções em linguística e matemática, ao mesmo passo que, por sua integridade

moral, aleunharam-no os condiscípulos — o *S. Luis Gonzaga de Nicholet*.

Na catedral de Quebec, recebeu ordens em 1833 e logo encetou o seu ministério em S. Carlos do rio Berger. Mais tarde, como capelão do Hospital da Marinha, teve ensejo de ali estudar com o Dr. Douglas os efeitos perniciosos do álcool no organismo humano, e tanto que se convenceu dessa verdade, para logo decidiu condenar o seu uso generalizado, não já como simples fatalidade, senão como um crime.

Neste sentido, entrou em correspondência com o célebre Padre Mateus, da Irlanda, e presto Surgia a *Cruzada da Temperança* entre os católicos do Canadá, tendo por célula radical propagadora o seu mesmo paroquiato de Beaufort.

Curioso é notar que nessa paróquia havia, então, sete hotéis ou tabernas e nem uma escola, para assinalar que justamente o contrário se verificava após dois anos, isto é: abriram-se sete escolas e não havia uma taberna!

A vitória foi tão grande que, por memorá-la, os habitantes erigiram numa das praças da vila a *Coluna da Temperança*.

Pouco depois desse feito, Chiniquí foi transferido para Kamouraska, freguesia de maior vulto, onde permaneceu algum tempo, até que, pedindo e obtendo exoneração, logrou fixar a sua base de operações em Montreal, no intuito de se dedicar inteiramente á sua *Grande Causa*, qual o fez de 1846 a 1851.

Nem perdido, nem somenos, diga-se, foi o resultado dessa campanha, por isso que equivaleu ao fechamento de todas as destilarias da provincia, com exceção de duas.

Tão nobres esforços não poderiam desferrar o

sacerdote de valiosos testemunhos de público reconhecimento.

Entre muitas manifestações em sua honra promovidas, citaremos estas quatro, a saber:

1.º — Moção da Ordem Independente dos Rechatas do Canadá, datada de Montreal aos 31 de Agosto de 1848, á qual não se dedignou de responder o homenageado.

Não deixaremos de assinalar quão louvavel se nos afigura a conduta dos protestantes canadenses em homenagearem um sacerdote católico, em razão dos seus esforços a bem do país.

Ambos os documentos são dignos da causa que os motivara.

Chiniquí, por sua parte, ao invés de aceitar para si os louros da campanha, conclue assim a sua resposta: *Persuadido de que todo esse fruto é obra exclusiva de Deus, a Ele rendamos toda a glória.*

2.º — A grande cidade de Montreal ofertou-lhe uma medalha de ouro, em cujo anverso se lia:

Ao Padre Chiniquí

Apóstolo da Temperança

O Canadá.

E no reverso:

Honra ás suas virtudes,

Patriotismo e Zêlo.

O Parlamento canadense votou-lhe uma moção de aplauso e a doação de quinhentas libras esterlinas, á título de gratidão pública. A repercussão dessa cruzada da Temperança atingiu o Vaticano e

o Sumo Pontífice lhe enviou logo, por intermédio de um clérigo, então de passagem em Roma, a sua bênção, qual se infere da seguinte epístola:

Roma, 10 de Agosto de 1850.

Caríssimo Am.º e Sr.

Só na segunda-feira, 12, me foi concedida particular audiência pelo Soberano Pontífice. Tive, assim, o ensejo de lhe entregar o seu livro e a carta, que êle recebeu — não direi com a bondade que lhe é peculiar, mas, com todas as mostras de satisfação e aplauso, ao mesmo tempo que me encarregava de lhe comunicar a *concessão da sua bênção apostólica*, extensiva á mesma obra de *Temperança*, que o Sr. propugna. Por mim, feliz me julgo com o ter podido oferecer ao Vigário de Cristo um livro que, depois de tanto beneficiar os meus compatriotas, ainda merece dos veneráveis lábios de Sua Santidade palavras de encômio á obra de *Temperança*, e a bênção para os seus pioneiros. Eis o que, com o coração pleno de satisfação, cabe transmitir-lhe quem é.

Seu amigo

CHARLES T. BAILLARGSON.
(Presbítero).

A seguir, transcrevemos a circular geral que lhe forneceu o Bispo de Montreal, denominando-o *Apóstolo da Temperança*:

“Inácio Bourget, por graça divina e misericórdia da Sé Apostólica, Bispo de Marianópolis, a quantos examinar queiram a presente, fazemos constar e atestamos que o Rev. Carlos Chiniquí, Apóstolo da *Temperança* e presbítero desta nossa

diocese nos é bem conhecido, assim como provado temos que leva existência condigna e louvavel, em função do sagrado ministério e pelo que, graças a Deus, não incide nele qualquer interdito ou censura eclesiástica, que lhe impeça o ministério. Assim, pois, rogamos a todos os Arcebispos, Bispos e dignitários quaisquer de nossa Igreja, a que êle porventura se apresente, que, por amor de Deus o acolham bondosa e fraternalmente e, dado que o solicite, lhe permitam celebrar o Santo sacrificio da Missa e exercer outros privilégios eclesiásticos e obras de caridade, mostrando-nos tambem nós dispostos para as mesmas e até maiores cousas.

Nesta convicção, mandámos redigir esta Cartacircular que, lida e conforme, vai sob nossa chancela e devidamente referendada pelo Secretário do nosso Bispado de Marianópolis, e na séde deste nosso Paço de S. Tiago — o Bem — aventurado, aos 6 dias do mês de Junho do ano de 1850.

† INÁCIO.

Bispo de Marianópolis.

Por ordem do Exmo. e Revmo. Bispo de Marianópolis, Doutor em Teologia.

J. O. PARÉ — Cônego.
Secretário.

Já então reconhecidos, universalmente, os altos méritos do Pe. Chiniquí, foi êle indicado pelas autoridades eclesiásticas para superintender uma nova e importante campanha, qual a de tomar posse do vale do Mississipe, e ali formar uma nova colônia católico-romana, no centro mesmo dos Estados Unidos.

O Bispo Vandevelt, abalou-se de Chicago e veio ao Canadá conferenciar com êle sôbre o tentame colimado, propondo-se transferir para a nova colônia milhares de canadenses franceses, e católicos fervorosos, desde, que Chiniquí ficasse á testa do rebanho.

Aceito o encargo, partiu o novo apóstolo a estudar a região, e tanto que fixou local adequado, regressou ao Canadá e levou consigo para a nova colônia um grupo de 5.000 emigrantes, todos entusiastas e ciosos do sucesso de sua igreja, com essa iniciativa.

Antes de se fixar definitivamente em Santana de Kaukakee, Illinois, o Padre Chiniquí requeria baixa oficial da diocese de Montréal, a que pertencera nos últimos cinco anos.

Aqui segue o teor do despacho de sua petição, e por onde se vê o conceito e prestígio de que gozava no Canadá, quando daí se retirou para assumir outro campo de atividade.

Montreal, 13 de Outubro de 1851.

Senhor.

A' sua rogativa de licença para deixar esta diocese, afim de oferecer os seus officios á diocese de Chicago, cumpre-me responder que, adstrito como está, á diocese de Quebec, a Monsenhor o Arcebispo, que não a mim, compete dar-lhe o solicitado *exeat*.

Pelo que me toca pessoalmente, não posso omitir nesta conjuntura o meu agradecimento pelo trabalho que realizou entre nós, ao mesmo tempo que lhe desejo abundantes bênçãos do Céu. Tê-lo-ei sempre na memória e no coração, e espero que a Divina Providência ainda me conceda, a qualquer

tempo, testemunhar-lhe toda a minha gratidão. Sem embargo, aqui me confesso e sou

Servo humilde e obediente

INÁCIO — Bispo de Montreal.

Ao Snr. Chiniquí, Presbítero.

Eis como se retirou do Canadá o Pe. Chiniquí, consagrado no conceito e na estima dos seus superiores hierárquicos.

Em breve, o seu núcleo de Santana atingia uma área de quarenta milhas quadradas, graças a confluência de milhares de pessoas idas não apenas do Canadá, mas dos países católicos da Europa.

Um dia, contudo — dia funesto para Roma — foi removido o Bispo Vandevelt, cujo sucessor foi o irlandês O'Reagan, que logo entrou a embaraçar e oprimir os colônos franceses.

Nesta altura, convem registrar aqui, uma cousa que ninguem ignora em todo o Canadá e vem a ser que entre os católicos franceses e irlandeses raro se verifica harmonia de vista, ao ponto mesmo de culminarem em conflitos violentos. Pois bem: o rigorismo, a opressão e as injustiças do Bispo irlandês acabaram por forçar a resistência de Chiniquí, levando-o a apelar para as altas autoridades eclesiásticas.

S. S. o Papa tomou conhecimento do assunto e expediu para Chicago o Cardeal Bedeni, afim de proceder a rigorosa sindicância.

O cardeal decidiu que O'Reagan não tinha razão, pelo que foi êle substituído pelo Bispo Smith, do Iowa.

Enquanto assim bramiam a tempestade, Deus ia abrindo os olhos do Rev. Chiniquí, para que visse,

cada vez mais, a verdadeira apostasia da Igreja papal hodierna, em confronto com os principios da primitiva Igreja cristã.

Aproximava-se, de fato, a hora da emancipação do seu espirito.

Já lhe havia Deus determinado o campo da primeira refrega, colocado em território coberto pelo estrelado pavilhão da Norte-América.

Outro fôra o país da peleja e Chiniquí seria, provavelmente, esmagado.

Aqui, porém, não lhe mingou liberdade nem lhe faltou quando processado o patrocínio de um nobre advogado na pessoa de Abraão Lincoln, já então denominado — *o honrado*, e que veio a ser ulteriormente o mais insigne Presidente, depois de Washington.

A prova de que a sua reputação mantinha-se ílibada no seio da sua Igreja, até o dia em que dela se separou, atesta-o que basta, a seguinte carta que lhe endereçou o Bispo Baillargon, com fêcho de 9 de Maio de 1856, ou seja cinco anos depois da sua ausência do Canadá.

Ei-la:

Arcebisado de Quebec, 9 de Maio de 1856.

Senhorita: — Envio-lhe, destinado ao Rev. Chiniquí, um paramento (casula) bem como o linho necessário á confecção de uma álva, e mais um cálix. Deixo de fazer melhor acondicionamento, no pressupôsto de que melhor acomodação terá para estes objetos no seu baú. A Deus rógo lhe abençõe e guie com feliz viagem.

Vosso servo devotado

C. J. — Bispo de Tloa.

A' senhorita Carolina Descormers, do Convento das Ursulinas de Três-Rios.

Aqui temos um Bispo a enviar ao Rev. Chiniquí, por intermédio de uma freira, uma lembrança assaz significativa da sua estima e confiança.

Realmente, fôra muito para estimar, por honra da própria Igreja, que ela contasse em seu seio muitos sacerdotes do quilate de Chiniquí.

Registamos, finalmente, a declaração do Bispo O'Reagan, condizente ao caráter do Rev. Chiniquí, tal como afirmaram, sob juramento, quatro pessoas católicas.

Esta resposta foi dada por escrito pelo Bispo, á Comissão que o procurou no dia 27 de Agosto de 1856, e teve copiosa publicidade em todo o Canadá, por contestar umas tantas acusações do Vigário-geral Bruyère:

- 1.º — O Rev. Chiniquí foi por mim suspenso de ordens no dia 19 do corrente.
- 2.º — Dado tenha êle dito missa posteriormente, conforme dizeis, procedeu irregularmente e só S. Santidade o Papa o pode reintegrar nas funções eclesiásticas e sacerdotais.
- 3.º — Sua remoção de Santana foi por mim resolvida e mantida, a despeito de vossos empenhos em contrário, e dele próprio, por não viver em harmonia com os Revs. M. L. e M. L. embora reconheça sejam estes, maus sacerdotes, que me constrangeram a expulsá-los desta diocese.
- 4.º — Outro motivo que influiu na remoção do Pe. Chiniquí, aliás encarregando-o de nova missão no Sul do Illinois, foi o querer, com isso, sustar o processo contra êle instaurado pelo

Snr. Spink. Nada obstante, não posso garantir que o processo não tenha seguimento.

- 5.º — De fato, o Pe. Chiniquí é um dos sacerdotes mais distintos desta diocese, e cujos préstimos de modo algum desejo perder. Digo mais: — nunca perante mim se comprovou qualquer acusação contra a sua integridade moral.
- 6.º — O Rev.º Chiniquí efetivamente solicitou abertura de inquérito que lhe facultasse provar a sua inocência, em face de umas tantas acusações que lhe irrogaram, e pediu-me os nomes dos seus denunciadores, no intuito de os confundir, mas eu recusei atendê-lo neste particular.
- 7.º — Digam ao Sr. Chiniquí que se prepare para essa nova comissão e que me procure afim de receber as cartas de recomendação que lhe facilitem a tarefa.

Estas declarações escritas, foram por nós entregues ao Rev.º Pe. Chiniquí.

FRS. BECHARD.
J. B. LEMOINE.
BASÍLIQUE ALLAIR.
LÉON MAILLOUX.

Nada mais fôra preciso para comprovar a reputação moral do Pe. Chiniquí, enquanto se conservou filiado á Igreja de Roma.

DECLARAÇÃO

(Dirigida a S. E. Revma. O Bispo Baurget)

Senhor!

Desde que a Deus aprouve, em sua infinita misericórdia, evidenciar-nos os erros de Roma, dando-nos ao mesmo tempo o ânimo de os repudiar para seguir a N. S. Jesus Cristo, julgamos impreterível dever nosso articular uma palavra sobre as abominações do confessionário.

Sabeis vós, muito bem, que essas abominações são de tal natureza que, mulher alguma poderia relatá-las, sem que de rubor se lhe incendesse as faces.

Como, pois, admitir que entre homens civilizados, e cristãos, se haja tão completamente esquecido as regras do decôro comum, ao ponto de se obrigar a mulher a revelar a homens solteiros, sob pena de condenação eterna, os seus mais recônditos pensamentos, os seus mais pecaminosos desejos e atos os mais secretos?

Como admitir se atrevam os vossos sacerdotes, a não ser que afigurem máscara de bronze, viem a público, depois de terem ouvido misérias tais, que não pôdem deixar de poluir a quem as

oiga e que uma mulher jamais pode confessar sem que abdique do seu recato, do seu pudor?

O mal seria menos grave se a Igreja permitisse que a confessando apenas se acusasse: mas, que dizer das perguntas impróprias que se lhe dirigem, obrigando-a a responder?

A tal respeito, os imperativos do natural decôro nos inibem de entrar em pormenores, bastando-nos dizer que, se os maridos conhecessem uma só décima parte do que ocorre entre o confessor e suas espôsas, antes prefeririam vê-las mortas que submetidas a tamanha degradação.

Quanto a nós, espôsas e filhas, naturais desta cidade de Montreal, conhecedoras que somos, por experiência própria, da corrupção que se propaga por meio do confessionário, não podemos agradecer bastantemente a Deus o nos haver manifestado o erro do nosso descaminho, ensinando-nos que não devemos procurar a solução aos pés de um homem tão fraco e pecador quanto nós, mas, unicamente aos pés do Cristo.

Assinado:

Julienne Herbert, J. Rochon, Françoise Diringer, Marie Rogers, Louise Picard, Eugene Martin e quarenta e três outras senhoras.

INTRODUÇÃO

Livro do profeta Ezequiél

CAPITULO VIII

- 1 — Sucedeu pois no sexto ano e no mês sexto, aos cinco do mês, estando eu assentado em minha casa, e aos Anciãos de Judá estavam assentados perante minha face, que alí a mão do Senhor Jeová caíu sôbre mim.
- 2 — E olhei, e eis aqui uma semelhança, ao parecer de fogo; desdo parecer de seus lombos, e para baixo, era fogo: e de seus lombos e para riba ao parecer de um resplandor, como de cor âmbar.
- 3 — E estendeu a figura de uma mão, e tomou-me pelos cabelos de minha cabeça: e o Espírito levantou-me entre a terra e entre o céu, e me trouxe a Jerusalém em visões de Deus, até a entrada da porta do pátio de dentro, que olha para o Norte, onde estava o assento da imagem dos ciúmes, que provoca a ciúmes.
- 4 — E eis que a Glória do Deus de Israel estava ali: conforme ao parecer, que eu tinha visto no vale.

- 5 — E disse-me, filho do homem, levanta agora os teus para o caminho do Norte; e eis que da banda do Norte, á porta do altar, estava esta imagem de ciúmes na entrada.
- 6 — E disse-me, filho do homem, vês tu o que êles estão fazendo? as grandes abominações que a casa de Israel faz aqui, para alongarme de meu Santuário? porém ainda tornarás a ver maiores abominações.
- 7 — E levou-me á porta do páteo: então olhei, e eis que havia um buraco na parede.
- 8 — E disse-me, filho do homem, cava agora naquela parede: e cavei na parede, e eis que havia uma porta.
- 9 — Então me disse, entra, e vê as malinas abominações, que êles fazem aqui.
- 10 — E entrei, e olhei, e eis aqui toda figura de répteis, e bestas abominaveis, e de todos deuses de estêrco da casa de Israel, estavam pintados na parede do redor.
- 11 — E setenta varões dos Anciãos da casa de Israel, com Joazánias filho de Safã, que estava em meio deles, estavam perante suas faces, e cada qual tinha seu insensário em sua mão: e uma espécie de núbem de perfume subia para riba.
- 12 — Então me disse, viste porventura, filho do homem, o que os Anciãos da casa de Israel fazem nas trevas, cada qual em suas pintadas câmaras? porque dizem, Jeová nos não vê, já desamparou Jeová a terra.
- 13 — E disse-me, ainda tornarás a ver maiores abominações, que estes fazem.
- 14 — E levou-me á entrada da porta da casa de Jeová, que está da banda do Norte: e eis

- alí mulheres assentadas, que estavam chorando o Tamuz.
- 15 — E disse-me, viste porventura *isto*, filho do homem? ainda tornarás a ver maiores abominações, que estas.
- 16 — E levou-me ao páteo de mais a dentro da casa de Jeová, e eis que estavam á entrada do templo de Jeová entre o pórtico e o altar, quase vinte e cinco varões, com suas costas para o Templo de Jeová, e seus rostos para o Oriente; e êles se prostravam para o Oriente ao Sol.
- 17 — Então me disse, viste *isto*, filho do homem? ha porventura coisa de menos pêso para a casa de Juda, do que fazer tais abominações, que fazem aqui? havendo enchido a terra de violência, tornam-se a irritar-me; porque eis que êles metem ramo de vide a seus narizes.
- 18 — Pelo que tambem eu usarei *com êles* de furor, meu olho não perdoará, nem me apiadarei: e ainda que gritem em meus ouvidos com grande voz, com tudo os não ouvirei.

O PADRE, A MULHER E O CONFESSIONÁRIO

Myriam C. R.
av. 5/1/39

CAPÍTULO I

A LUTA QUE PRECEDE A' RENÚNCIA NO CONFESSIONÁRIO. DO RESPEITO PRÓPRIO, FEMININO.

Ha duas espécies de mulheres, que devem constituir objeto de compaixão permanente para os discipulos de Jesus, e pelas quais devemos orar todos os dias, deante do trono da divina misericórdia.

Referimo-nos á brahmine que, iludida pelos sacerdotes do seu credo se deixa queimar sobre o cadaver do marido, no pressuposto de aplacar as iras de seus deuses de pau, e á católica-romana que, não menos iludida sofre a tortura queigá mais ignominiosa e mais cruél do confessionário, por abrandar as cóleras da sua igreja. X

Nem se suponha que exagero, quando digo que, para mulheres de nobre coração, bem educadas e dotadas de puros sentimentos, o fato de as obrigarem a descobrir seu coração a um homem, a lhe patentear os mais íntimos segredos dalma e os mais sagrados mistérios da sua vida de soltei-

ra ou casada, permitindo se lhes dirijam perguntas que a mais depravada hetaïra não consentiria ao mais vil dos sedutores é, bastas vezes, um supplicio mais cruel e intoleravel do que deixar-se imolar amarradas sôbre um montão de brasas.

Freqüentemente, tenho-as visto desmaiar no confessionário, afirmando-me, de seguida, que a contingência de explanar a um homem solteiro assuntos que as leis da simples decência mandam calar, quasi lhes havia causado a morte!

Não já por centenas, mas por milhares de vezes, ouvido tenho de donzelas moribundas: — “ai Padre, estou perdida... para sempre! — todas as minhas comunhões e confissões não passaram de outros tantos sacrilégios; nunca usei responder fiélmente aos meus confessores, a vergonha selou-me os labios e condenou-me a alma!

E quantas, quantas vezes permaneci como que petrificado junto de um cadaver, depois de ouvir palavras que tais, da bôca de um penitente arrebatado pela Parca, antes que lhe pudesse dar o perdão, mediante a illusoria absolvição sacerdotal.

Qual a pecadora assim trespassada, acreditava então, tambem eu, que ela não poderia remir-se, por outra fórmula absolutória além daquela.

Seja dito, porém, em abono de verdade, que, no seio do rebanho da romana Igreja existem inúmeras mulheres de todas as categorias, cujos sentimentos delicados de modestia e dignidade femininas colocam-nas em plano superior a todos os sofismas e diabólicas maquinações do confessor.

Essas, prefeririam ser lançadas ao fogo e reduzidas á cinza, qual as brahmines, antes de sentirem na devassa ao santuário de suas almas.

Essas, não obstante convencidas de pecado perante Deus, tanto quanto de não lograrem perdão pelo que deixaram de confessar, nem por isso abdicam das leis do decôro, nelas predominantes aos preceitos da sua pérfida e cruel Igreja.

Nem ha considerações, nem receios de condenação, que as demova a declarar a um homem favel e pecador, as faltas que só Deus tem o direito de conhecer, porque só Êle tem o poder de as expungir no sangue do Filho, derramado na cruz.

Contudo, quão triste deverá verter a existência dessas almas exceccionalmente nobres, que a Igreja romana conserva acorrentadas nas masmoras da sua superstição!

Elas leem em todos os seus livros e ouvem gritado de todos os seus púlpitos, que, ocultando ao confessor uma só falta, estarão irremediavelmente perdidas...

Sendo-lhes, porém, absolutamente impossivel calcar a pés os naturais impulsos do próprio decôro que Deus lhes outorgou, eis que passam a viver no temor constante da condenação eterna.

Não ha palavras humanas que possam traduzir-lhes o desalento e aflicção, quando, aos pés do confessor, se veem na contingência de ferir assuntos cuja narração lhes repugna mais que a própria morte, e na alternativa de serem irremediavelmente condenadas, se antes não se aviltarem perante si mesmas, ao trato de cousas que a mulher decorosa não sói revelar á sua própria mãe, quanto mais a um homem!

Conhecido tenho muitas mulheres dessa têmpera, que, a sós consigo, á face de Deus, com agonias dalma e abundância de lágrimas, a Êle exoraram lhes concedesse o que haviam por maior

graça possível, isto é, a suficiente perda do decôro íntimo, afim de poderem versar cousas indizíveis, qual lh'as exigiam os seus confessores.

Depois, confiadas no deferimento do resto, ei-las de volta ao confessionário, resolvidas a descobrirem-se perante o juiz inexorável; mas, em chegado o momento da imolação, fugia-lhes a coragem, tremiam-lhes as pernas, paleciam banhadas de suor!

A voz do pudor, do respeito feminino, falava-lhes mais alto que os falsos preceitos de sua falsa religião.

E de tal arte, eram obrigadas a sair do confessionário sem absolvição e o que é mais: — levando na consciência o pêso de um novo sacrilégio.

Ah! como é pesado o jugo de Roma! Amarga, que é, a vida humana! quão deseconsolante o mistério da cruz, para essas almas assim iludidas e prestes a sucumbir.

E, com que alegria não se projetariam elas á fogueira das brahmines, dado pudessem pôr um remate a seus inenarráveis tormentos, mediante a fugaz tortura que lhes abrisse a porta de uma vida melhor!

Emprazo aqui, de público, todo o cléro romano para vir negar que a mór parte de suas confessandas não se conservam durante algum tempo, mais ou menos prolongado, presas da maior afflicção espiritual.

Sím! As mulheres, em sua maioria acham de comêço impossivel destruir as barreiras sagradas do amor-próprio, por Deus postas aos seus corações, quais verdadeiras atalâias protetoras, contra os embustes e sofismas dêste mundo corrompido.

Imperativo de pudor, que as proíbe de pronunciar uma palavra impura aos ouvidos de um

homem, a fecharem-lhes todas as vias do coração ás interrogativas impudicas, ainda mesmo quando esse homem lhes fala em nome de Deus.

Leis do pudor, providenciais, sem dúvida, e tão nitidamente gravadas na consciência da mulher, que ela prefere muitas vezes, como já disse, silenciar com risco de eterna condenação.

E dizer que anos e anos se consomem os confessores no engenhar esforços que eu não hesito em chamar diabólicos, para decidir a maioria de suas penitentes a discorrer sôbre assuntos que qualquer pagão se envergonharia de discutir.

Algumas ha que persistem nessa attitude toda a vida, e muitas preferem entregar-se ao juizo de um Deus misericordioso, morrer sem passar por essa prova poluidora, não obstante já envenenadas pelo inimigo, a receberem o perdão de um homem que, se lhes compartilhasse o sentimento, antes houvera de escandalizar-se com a narrativa das suas, delas, fraquezas humanas.

Não ha sacertote romano que ignore esta predisposição natural de suas confessandas.

Nem ha um só dos seus teólogos e moralistas, que não advirta os confessores contra essa resolução rigorosa e geral de solteiras e casadas, de jamais confessarem cousas que digam mais ou menos com as transgressões do sétimo mandamento. (1).

Dens, Ligório, Debreyne, Bailly, etc., enfim todos os teólogos de Roma, admitem seja esta uma das maiores difficuldades do confessionário.

Não ha um único padre que, ouse contestar-me neste ponto, sabendo quão fácil me sería responder com tantos testemunhos quantos os neces-

(1) Sexto no truncado catecismo romano.

sários para que a grande impostura ficasse desmascarada para sempre.

Tenciono algum dia, se Deus mo permitir e tiver tempo, tornar manifestas algumas das inúmeráveis declarações dos teólogos e moralistas romanos sobre este assunto.

Fio que ha de ser um dos livros mais curiosos de quantos até agora se escreveram, atento a que dará provas incontestes do fato de, instintivamente, sem se consultarem, em unanimidade por assim dizer maravilhosa e só guiadas pela honradez com que Deus as dotou, recuarem as devotas romanas dos laços que lhes são armados no confessionário.

E mais, como em toda parte se fortalecem, possuídas de sobrehumana coragem contra o algoz destacado pelo Papa, afim de completar a sua perda, fazendo o naufrágio de suas almas.

Em toda a parte, a mulher presente que ha cousas inconfidenciais, assim como cousas ha que, nunca se devem praticar na presença do Deus de santidade.

Ela, a mulher, percebe que a narração de certas faltas, mesmo de pensamento, não é menos vergonhosa, nem menos culpavel que a sua prática.

Dir-se-ia que ela ouve a voz de Deus, como que a segredar-lhe:

“Pois não te basta o teres pecado só perante mim? E, por que acrescentar á tua iniquidade essoutra de permitir saiba um homem aquilo que nunca lhe devera ser revelado? Não te precatas de que o fazes teu cúmplice, desde o momento em que lhe atiras para dentro dalma com o lodo das tuas paixões? Fraco é êle, como tu mesma, e nem menos pecador será êle do que tu. O que a ti tentou, tambem a êle tentará; o que a ti te enfraque-

ceu, poluiu, derrubou, tambem a êle enfraquecerá, poluirá, derrubará.

Não te basta houvessem meus olhos de presenciarem as tuas faltas? E meus ouvidos serão obrigados a captar a tua impura conversação com êsse homem?

Admitamos seja êle tão puro quanto o meu profeta David, quem dirá não possa render-se á impudica manifestação de uma nova Betsabée?

Forte como Sansão, não poderia encontrar em ti outra Dalila? E generoso como Pedro, não poderia igualmente, arvorar-se em traidor, á voz da serva? Talvez o mundo jámais presenciasse uma luta tão terrivel, tão desesperadora e tão solene como essa que se trava na alma da pobre donzela, quando, trêmula, genuflexa aos pés de um homem, tem de decidir se sim, ou não, deve despregar os lábios por discorrer sobre cousas que a voz infalível de Deus, e a não menos infalível voz da consciência, em ressalva da sua dignidade feminina, insinuam que jámais revele a homem algum.

A história dessa luta secreta, feroz, desesperada e mortal, ás vezes, que eu saiba, ainda não foi escrita.

E contudo, ela arrancaria de todo o mundo lágrimas de espanto e compaixão, gisada que fôsse nas suas realidades singelas, quão sublimes e terribéis.

Quantas e quantas vezes tenho eu chorado, como se fôra uma criança, ao ver nobres e inteligentes donzelas e respeitaveis matronas renderem-se aos sofismas com que eu, ou qualquer outro confessor, as persuadia a abdicar da própria dignidade e pudicícia, para falar de cousas que uma mulher decente jámais deveria discutir com um homem!

De ver-se, a repugnância invencível, o horror mesmo, direi, que tais perguntas lhes causavam, suplicando-me que tivesse compaixão delas.

Sim! De fato, muitas vezes tenho chorado amargamente a minha degradação, na qualidade de sacerdote romano.

E' que, tenho adivinhado toda a fôrça, grandeza e santidade de motivos que as obrigam a calar umas tantas cousas, e não podia deixar de admirá-las.

Parecia-me, ás vezes, que elas articulavam a linguagem dos anjos de luz e que deveria lançar-me a seus pés e lhes obsecrar perdão, por lhes haver suscitado assuntos indignos de homem que se preza e, consequentemente, de serem ponderados por uma mulher respeitavel.

Entretanto, aí de mim! — em breve tive de me acusar á mim mesmo, com grande pesar, d'êstes curtos colapsos de fé, no conceito infalivel da minha Igreja.

Tive, sim, de impôr silêncio á consciência, que me dizia: Pois não é deveras ignobil que, sendo tu solteiro, te atrevas a falar destas cousas a uma mulher? Não te envergonhas de dirigir perguntas que tais a uma donzela? Onde o teu amor próprio? Onde o teu temor a Deus? Acaso não te precatas que assim ensejas a ruina de uma alma virgem, forçando-a a tais confidências?

Obrigado era eu, no entanto, por todos os pontífices, teólogos moralistas e consagrados concílios, a erer que êsses avisos do meu Deus misericordioso eram antes a voz de Satanaz!

E mais ainda: em detrimento de minha intelligência e da razão, acreditava indispensaveis tais perguntas corrutoras, fermentos de perdição.

Minha Igreja infalivel impunha-me, sem pie-

dade, o dever imprescindivel de obrigar essas pobres criaturas que choravam e tremiam qual junco flébil, a flutuar comigo e com todo o cléro nessas aguas de Sodoma e Gomorra, sob o falso pretexto da necessidade de lhes dominar o arbitrio, tanto quanto de aumentar-lhes o temor do pecado e a humildade. De resto, que importavam meios, quando o fim era acabarem purificadas pelas nossas absolvições?

Certa feita, logo no início da minha carreira eclesiástica, çausou-me não pequena surpresa e embarço, quando se acercou do meu confessorário uma jóven formosa quanto instruída, com quem semanalmente me avistava em casa da sua família.

Confessanda que era de um tambem jóven sacerdote de minhas relações, essa menina passava por ser uma das mais devotas da cidade.

Posto que se houvesse disfarsado o mais possível para que não a reconhecesse, não deixei de suspeitar que se tratava da amabilíssima senhorita Maria X...

Contudo, não tendo absoluta segurança da minha suspeita, resolvi deixá-la na convicção de que me fôsse completamente estranha.

A princípio, ela quase não podia falar, sufocada pelos soluços, e pude notar através do crivo que nos separava, que lágrimas copiosas lhe escorriam pelas faces.

Depois de grande esforço, falou: "Querido padre, confio que me não conheça e jamais procure identificar-me; basta lhe diga que sou uma grandíssima pecadora, e até receio que já esteja definitivamente perdida; mas, se alguma esperança houver ainda de me salvar, peço-lhe, por amor de Deus, que me não repreenda!

Antes de iniciar a confissão, permita-lhe peça que me não dirija umas tantas perguntas que os nossos confessores costumam formular ás suas confissões, de vez que já fui envenenada por essas perguntas: Antes de completar meus dezessete anos, sabe Deus que não era menos pura que os seus anjos.

Entretanto, o capelão do convento em que me eduquei, apesar da sua idade avançada, logo me fez perguntas ao confessor, cujo sentido, á primeira vista, eu não podia mesmo discernir. O caso, porém, é que tais perguntas já as havia elle feito a uma discípula, a quem as confiei, e lhes achou muita graça e logo me explicou, como quem de sobejo as comprehendia.

Essa primeira, maliciosa conversa da minha vida, logo mergulhou meu pensamento num mar de iniquidades até então por mim ignoradas. Tentações de natureza a mais humilhante investiam-me durante uma semana, noite e dia. Depois, pecados que eu desejaria, se pudesse, extinguir com o próprio sangue, irrompiam, diluviais do mais íntimo do meu sêr!

Efêmero, contudo, é o gôzo do pecado. Terrificada, então, ao lembrar o juizo de Deus, após algumas semanas de vida a mais deploravel, resolvi renunciar aos pecados e reconciliar-me com Deus. Envergonhada e tremente, voltei a prostrar-me aos pés do velho confessor, a quem venerava como a um santo e afagava como a um pai.

Creio ter sido com lágrimas de sincero arrependimento que lhe confessei o grosso dos meus pecados, para só occultar um, e isso em homenagem ao respeito devido a quem era o meu diretor espiritual.

Mas, ainda assim, não occultei a convicção da

nefasta influência de suas perguntas anteriores, para lhes attribuir a corrupção do meu espirito, ou fôsse a causa original da minha ruína.

Respondeu-me com bondade, concitou-me a combater as más inclinações, e de comêço só me deu bons conselhos; mas, quando supunha que tivesse terminado e já me preparava para deixar o confessor, eis que me dirigiu duas perguntas de natureza tão corrosiva, que receio não possam toda a graça do Cristo e todo o fogo do inferno erradicá-las, jamais, da minha mente.

Essas duas perguntas completaram a minha ruína, cravaram-se-me na memória quais setas pegonhentas para me trabalharem a imaginação noite e dia, entumecendo-me as veias de letal veneno.

Verdade é que, ao princípio, causaram-me repugnância e horror; mas, não tardou tanto me acostumassem a elas, que até me pareciam a mim incorporadas, como se constituíssem uma segunda natureza. Tais pensamentos eram um como novo manancial de idéias, desejos e atos condenáveis.

Segundo as regras conventuais, dentro de um mês, deveríamos renovar a confissão. Eu, porém, já estava tão corrompida que me não pejava de confessar a um homem os meus pecados vergonhosos.

Muito ao invés, sentia um verdadeiro, diabólico prazer, á só idéia de prolongar a conversa com o confessor sobre esses temas, lembrando-me de que elle poderia até enriquecer o repertório.

Efetivamente, assim foi. Depois de tudo lhe haver contado, sem córar, entrou elle a interrogar-me e sabe Deus as cousas corrosivas que lhe verteram dos lábios para o meu pobre, pecaminoso coração.

Cada pergunta era um látego para os meus

nervos, a despertar-me sensações as mais vergonhosas.

Ao fim de uma hora de confidências criminosas, (porque outro qualificativo não comportam) compreendi que êle, o meu confessor, era tão depravado quanto eu.

Com palavras meio-veladas fez-me uma proposta criminosa, que, por minha vez aceitei por meias palavras, e daí o vivermos todo um ano na mais vergonhosa intimidade.

E não obstante fôsse êle muito mais velho, o fato é que o amava loucamente.

Terminado meu curso no convento, tive de recolher-me ao lar doméstico.

A bem dizer, estimei a mudança, visto que já começava a enfastiar-me da péssima conduta que lá mantinha, e nutria esperança de, cá fóra, sob a direção de um confessor mais honesto, poder reconciliar-me com Deus e iniciar uma vida cristã.

Infelizmente para mim, o segundo confessor, homem novo, também veio com o seu artimanhoso questionário, e em breve nos amámos torpemente, praticando atos que, espero, não me obrigareis a revelar, pois são assaz ignóbeis para que possam descrever-se, mesmo no confessionário, em presença de um homem.

Não o digo por livrar-me da responsabilidade de minhas faltas com êsse jovem confessor, visto que me considero mais pecadora do que êle.

Tenho absoluta convicção de que, antes de conhecer-me, era um bom e santo sacerdote, mas as perguntas a que tive de responder fundiram-lhe o coração, tal como o chumbo líquido derrete o gelo, quando nele cái.

Sei que esta confissão não é assáz detalhada, qual o exige a nossa santa igreja, mas julguei ne-

cessário esboçar esta curta história da maior e mais miserável das pecadoras, que porventura hajam supplicado socôrro para exsurgir do túmulo de sua abjeção.

Aí tendes a minha vida nestes anos mais chegados. Domingo passado, contudo, Deus se dignou na sua infinita misericórdia, de olhar por mim, ao vos inspirar que apresentásseis o "Filho Pródigo" por modêlo de legítima conversão e prova a mais maravilhosa da infinita compaixão do Salvador em relação aos pecadores.

Chorado tenho eu, noite e dia, desde o momento em que me lancei aos braços do Pai de amor e misericórdia.

Ainda agora, custa-me falar, porque o travo das passadas iniquidades e o gôzo de me sêr permitido banhar em lágrimas os pés do Salvador, chegam ao ponto de embargar-me a voz.

Certo, já comprehendestes que prescindi, para sempre, do meu último confessor. Venho, assim, pedir-vos me aceiteis no número das vossas confissões.

Não me recuseis, não me repreendais, pelo amor que tendes ao Salvador! Nem temais, tão pouco, ter a vossos pés semelhante monstro de iniqüidade.

Antes de prosseguir eu quero, no entanto, vos pedir dois favores: o primeiro é que não tenteis saber quem sou; o segundo é que me não façais jamais dessas perguntas, que têm perdido tantas penitentes e pervertido tantos sacerdotes. Já por duas vezes essas perguntas me corromperam. Acercamo-nos dos confessores para que nos purifiquem, aspergindo-nos a alma culposa com a linfa pura do céu, mas, em vez de o fazerem, êles com suas indecorosas perguntas mais não fazem que deitar

azeite ao fogo ardente que lavra em nossos corações pecadores.

Ah! permiti que seja vossa confessanda, ajudai-me a que vá, como a Magdalena, chorar aos pés do Redentor.

Respeitai-me, assim como Êle respeitou ao modelo genuíno de todas as arrependidas!

Porventura, fez-lhe o Salvador qualquer pergunta?

Tentou, acaso, arrancar-lhe a menção de cousas inconfessáveis, por incompatíveis com o próprio decôro?

Não! Vós mesmo, ainda ha pouco o dissestes — que a única cousa que Êle fez foi considerar as lágrimas e o amor da pecadora. Fazei assim, padre, e assim me salvareis!”

Eu era, então, um sacerdote muito jôvem e jamais ouvira no confessionário palavras tão sublimes.

Aquelas lágrimas e singultos, misturados á leal declaração dos atos mais humilhantes, causaram-me tão funda impressão, que, durante algum tempo, não pude articular palavra.

Tambem me veio a idéia de poder estar enganado quanto á sua identidade, e não fôsse ela a jôvem que eu imaginara. Assim, nada custava de ferir-lhe o primeiro pedido. O segundo, porém, tornava-se-me mais embaraçoso, de vez que os teólogos são muito rigorosos quanto ás fórmulas e minúcias do interrogatório aos penitente, maximé os do sexo feminino.

Animei-a da melhor forma para que persistisse nas boas resoluções, invocando o amparo da Santíssima Virgem e de Santa Filomena. Esta

última era, ao tempo, a *santa da moda*, tal como hoje é Maria Alacoque, entre os sequazes de Roma.

Quanto ao segundo pedido, prometi-lhe que oraria e ponderaria no assunto. Finalmente, que voltasse depois de oito dias.

Nesse mesmo dia, fui a cata do meu próprio confessor, o Rev.º Baillargeon, pároco de Quebec e anteriormente Arcebispo do Canadá.

Transmiti-lhe o singular e insólito pedido da penitente, para que a dispensasse do inquérito assaz preceituado pelos mestres da Teologia, como assecuratório de uma confissão integral.

Não oculteí, outrossim, o desejo de anuir ao pedido, e até aproveiteí o ensejo para repetir o que já bastas vezes lhe dissera, ou seja a minha repugnância por essas perguntas impróprias e corru-tas, que os cânons nos constrangiam a formular ás penitentes.

Disse-lhe, francamente, que alguns padres, moços e velhos, já se me haviam confessado e que, excéto dois, todos asseveraram não lhes ser possível fazer tais perguntas e lhes ouvir as respostas sem incidirem nos mais condenáveis pecados.

Meu confessor pareceu-me bastante perplexo e emprazou-me a voltar no dia immediato, pois que iria, nesse interim, consultar alguns autores abalizados no assunto.

Obtida a sua resposta, aqui a transcrevo *ipsis litteres* do respectivo original, que ainda conservo entre os meus velhos manuscritos:

Ei-la:

„Estes casos de destruição da virtude feminina constituem um mal inevitavel. Não ha, de fato, remédio para elles, de vez que tais per-

guntas se tornam absolutamente necessárias, como decorrentes da sua propria natureza.

Os homens geralmente confessam seus pecados, com tanta sinceridade que, raras vezes, se nos faz preciso interrogá-los, a menos que não sejam muito ignorantes.

S. Ligório, porém, (e isto o confirma a nossa experiência pessoal) diz que a maior parte das mulheres, donzelas ou não, raras vezes confessam os seus pecados de impudicícia; e isso devido a um falso e culposo sentimento de recato.

Da parte dos confessores faz-se precisa a maior caridade, afim de evitar que essas infelizes escravas de suas paixões ocultas acabem fazendo confissões e comunhões sacrílegas.

Usando da maior prudência e zêlo, faz-se dever o interrogá-las a respeito, começando pelos delitos menores e passando gradual e tanto quanto possível imperceptivelmente, aos atos mais graves. E como colija que a penitente, de que me falou ontem, evita uma confissão ampla e minudente de todos os pecados, não pode o amigo prometer-lhe absolvição, antes de certificar-se que ela, mediante perguntas cautelosas e acertadas, tudo tenha confessado.

Tambem não ha desanimar quando, pelo confessionário, ou por qualquer outro meio, soubermos da falência de sacerdotes avassalados ás fragilidades próprias da natureza humana, em conúbio com as suas penitentes.

Nosso Salvador bem sabia que as revelações e tentações inerentes ás confissões femininas se apresentariam, tão numerosas e even-

tualmente irresistiveis, que muitos haveriam de falir.

Êle as entregou, porém, á Santa Virgem Maria, que constantemente exora e alcança perdão para os falidos.

Concedeu-lhes, ao demais, o sacramento da penitência, mediante o qual podem receber o perdão, tantas quantas vezes o queiram solicitar.

O voto de castidade perfeita não deixa de ser uma grande honra e privilégio, mas nós não podemos ocultar a nós mesmos que êsse voto nos sobrecarrega de um pêso que não podemos suportar para sempre.

S. Ligório tambem diz não devermos reprimir o sacerdote que sucumbe uma só vez por mês, e teólogos outros ha, reputados, que se mostram ainda mais tolerantes”.

Esta resposta estava, é claro, muito longe de me satisfazer. Para mim, ela se apresentava inquinada de *principios elásticos*.

Recolhi-me á casa pesaroso, apreensivo e Deus sabe quão fervoroso fui no Lhe pedir que aquella moça jamais voltasse a redizer-me a sua miseranda história.

E' que, tambem contava os vinte seis anos de minha idade, e sentia latejar-me nas veias o vigor exúbere da mocidade sadia.

Parecia-me então, que, se mil vêspas á com-pita me ferroteassem os ouvidos, não me fariam tanto dâno quanto as palavras daquela criatura afavel, delicada, inteligente, mas... corrompida.

Não direi que as suas confidências houvessem diminuído de qualquer fórma a estima e o respeito que eu lhe tributava: antes, pelo contrário, as lá-

grimas que soluçando derramou a meus pés; suas expressões angustiosas de vergonha e pesar, tanto quanto a nobreza de seus protestos pelas perguntas nojentas que lhe fizeram, tinham-na elevado no meu conceito.

No meu íntimo, acreditava que ela alcançaria no reino de Cristo uma posição análoga a da Samaritana, Madalena e todos os pecadores que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro.

No dia aprazado achava-me no confessionário com um jovem penitente, quando vi entrar pela sacristia a senhorita Mary, vindo ajoelhar-se a meu lado.

Conquanto houvesse requintado ainda mais no seu disfarce, cobrindo-se com um véu negro e espesso, não me podia iludir: era a mesma criatura amavel em cuja casa me era dado passar horas tão amenas.

Quantas vezes, silencioso, lhe ouvia eu o canto melodioso ao som do piano, hinos admiráveis da nossa Igreja! Quem poderia, então, assim vê-la e ouvi-la, que a não adorasse? A dignidade do seu passo e do seu porte ali estavam, contudo, para denunciá-la e invalidar todo o disfarce.

O certo é que, naquele momento, eu daria todo o meu sangue, se com êle pudesse alcançar a liberdade de tratá-la ao sabor dos seus desejos, deixando-a chorar á sua vontade, aos pés de Jesus Cristo.

Ah! — quem me dera poder tomá-la pela mão e guiá-la mudamente ao Salvador morto por nós, para que ela com suas lágrimas lhe efundisse as plantas e lhe derramasse á cabeça o bálsamo do amor, sem outra palavra lhe dizer que não esta: — *Vai-te em paz, os teus pecados estão perdoados!*

Mas, ali, no confessionário, não era eu o servo de Jesus, adstrito a seguir-lhe as palavras de salvação e os ditames de uma consciência retilínea.

Era apenas o escravo do Papa, obrigado a desprezar o clamor da consciência, a abafar as inspirações do meu Deus!

Ali, essa consciência não tinha o direito de se fazer ouvir, e a inteligência era cousa morta.

Ali, só os teólogos do Papa tinham direito de ser ouvidos e obedecidos.

Ali, não estava eu para salvar e sim para destruir, de vez que, a pretexto de purificar, a verdadeira missão do confessor é, muitas vezes, para não dizer — sempre — escandalizar e perder as almas.

Logo que me vi disponível, voltei-me para ela e perguntei-lhe se estava pronta para iniciar a confissão.

Não me respondeu uma palavra e tudo quanto lhe ouvia, era: “Jesus, tem misericórdia de mim... venho banhar minha alma no teu sangue... Reprender-me-ás tu, Senhor?”

Minutos assim permaneceu, de mãos postas, olhos ao alto, orando e chorando.

Evidentemente, não lhe passava pela idéia que eu a estivesse observando. Supunha que a portinhola entre nós interposta estivesse fechada.

Eu, porém, observava-a e deixava correr com as suas as minhas lágrimas. E não só as minhas lágrimas, porque também minhas preces se elevavam, fervorosas para Jesus.

Nem de modo algum seria capaz de a interromper naquela sublime comunhão com o seu misericordioso Salvador.

Depois de longo tempo, fiz um ligeiro ruído com a mão e chegando os lábios á grade, disse em

voz baixa: *a irmã está pronta para iniciar a confissão?*

Voltando o rosto, respondeu:

— Sim, padre.

Tornou, entretanto, a chorar e orar, não obstante não poder eu distinguir o que ela dizia.

Depois de um intervalo de oração silenciosa, tornei a dizer-lhe: — se está pronta, queira começar.

Meu caro padre, advertiu, — lembre-se do pedido que lhe fiz ha dias. Permitirá lhe confesse meus pecados sem faltar ao respeito que me deve a mim, ao senhor mesmo e a Deus que nos ouve? Pode, enfim, prometer que me não fará qualquer dessas perguntas que já me danificaram de maneira irremediavel?

Francamente declaro reconhecer em mim pecados que a ninguem posso revelar, excéto ao meu Salvador, porque fêle é o meu Deus e, como tal, já os conhece a todos. Deixe-me chorar aos pés de Deus.

Dar-se-á, mesmo, que me não possa perdoar sem que acrescente ás minhas iniquidades a de repetir cousas que os lábios de uma cristã não podem jámais revelar a um homem?

Cara irmã, — respondi — permitido fôra seguir apenas o impulso de sentimentos pessoais e de boamente acederia ao seu pedido. A verdade, porém, manda lhe diga que aqui estou como ministro de nossa Santa Madre Igreja e, portanto, na indeclinavel obrigação de obedecer aos seus preceitos.

Pela voz de seus Pontífices e Doutores, a Igreja me adverte que não posso perdoar pecados que me não sejam total e minudentemente confessados, tal como fôram originados e cometidos. E' assim que, das penitentes ela, a Igreja, exige todo e qual-

quer pormenor que possa agravar e modificar o malefício do pecado.

Sinto, igualmente, dizer-lhe que os nossos mais autorizados teólogos nos impõem a nós confessores o dever de inquirir o penitente sôbre pecados que, segundo as suas bem fundadas suspeitas, nos possam parecer omitidos voluntária ou involuntariamente.

Deu um grito lancinante e exclamou: — Meu Deus! neste caso, estou perdida, perdida para sempre!

Aquele grito foi para mim como que um raio, e maior ainda o meu susto quando percebi, através da grade, que ela desmaiava e tombava, para bater com a cabeça na quina do confessionário.

Presto corri a socorrê-la, levantei-a e chamei dois homens, que por ali andavam, afim de me ajudarem a deitá-la num banco. Lavei-lhe o rosto com agua vinagrada. Estava pálida, de uma palidez cadavérica; no entanto ainda se lhe moviam os lábios, como a repetirem o que ninguem, a não ser eu, poderia entender.

— *Perdida, perdida para sempre!*

Dali reconduzimo-la ao seio da família atribulada, onde jazeu enfôrma todo um mês, oscilando entre a vida e a morte.

Seus dois primeiros confessores foram visitá-la e ela, depois de pedir ás pessoas presentes que se retrisassem do quarto, disse-lhes delicada, mas peremptoriamente, que se afastassem para nunca mais lhe apparecerem.

A mim, pediu-me que não deixasse de visitá-la diariamente, porque, acrescentava — poucos dias de vida lhe restavam e queria que lhe auxiliasse a enfrentar a hora solene, que lhe deveria abrir as portas da eternidade.

De fato, lá me fui todos os dias, a orar e chorar com ela.

Muitas vezes, á sós, roguei com lágrimas que concluísse a sua confissão. Ela, porém, com uma firmeza para mim inexplicável até então, repreendia-me, embora delicadamente.

Certa feita, ajoelhei-me á beira do seu leito, no intuito de orar. Não consegui articular uma palavra, tal a inexprimível angústia que me assomava, e ela me perguntou:

— Meu caro padre, por que chora?

Como o pergunta a mim, a mim que sou o seu assassino? Pois então, saiba que choro porque fui eu quem a matou, minha senhora!

Esta resposta parece que muito a affligiu.

Nesse dia, mostrava-se muito abatida e depois de haver chorado e orado em silêncio, disse:

“Não chore por mim, mas faça-o por tantos sacerdotes que corrompem as suas confessandas. Por mim, creio no sacramento da penitência, visto que foi instituído pela Igreja. Existe, contudo, no confessionário, um mal enorme. A mim maculou-me êle duas vezes, e outras muitas moças conheço que da mesma forma se perderam.

Isto é hoje um segredo, mas, sê-lo-á para sempre?

Eu chego a ter compaixão dos padres, quando penso por antecipação no dia em que nossos páis vierem a saber do que é feito da pureza de suas filhas, ao incidirem na tutela dos confessionários.

De meu pai, por exemplo, creio poder coligir que mataria os meus dois últimos confessores, se soubera como e quanto lhe conspurcaram a filha”.

Apenas pude responder-lhe com lágrimas.

Depois de um largo, silencioso intervalo, prosseguiu:

“Verdade é que não esperava a sua repreensão de outro dia, no confessionário; mas, reconheço que agiu em consciência, como sacerdote bom e réto, ligado que está, por votos e cânons.

De seguida estendeu-me a mão álgida e concluiu:

“Não chore, querido padre, por haver essa tempestade repentina levado a naufrágio o meu batêl fragilíssimo. Essa tempestade destinava-se a arremessar-me do mar insondável da minha iniqüidade ás praias onde Jesus me esperava, para me receber e perdoar.

Naquela noite em que aqui me trouxeram quasi morta, tive um sonho... Um sonho? Não. Antes e melhor direi — uma visão real: meu Jesus veio ter comigo...

Sim, escorria-lhe o sangue das feridas, trazia á cabeça a corôa de espinhos, a cruz pesada magoava-lhe o ombro. E eis que me falou em voz doce, que nenhuma criatura humana poderia imitar: *Vi as tuas lágrimas, ouvi teu clamor, conheço o amor que me votas; teus pecados estão perdoados. Coragem! Dentro de poucos dias serás comigo.*

Ao fim desse discurso, teve uma síncope e súp que viesse a falecer, alí a sós comigo.

Chamei a família que acorreu alarmada. Mandaram chamar o mélico e este achou-a tão debilitada que aconselhou apenas ficássemos por assistí-la duas ou três pessoas, inclusive eu. E aconselhou o maior silêncio porque, ao seu ver, a menor comoção poderia acarretar morte instantânea. Tratar-se-ia de um aneurisma da aorta, ou fôsse da grande veia indutora do sangue ao coração, e cuja ruptura seria o trespassse, num relâmpago.

Eram quasi dez da noite quando me retirei

para repousar. Fôrça é, porém, confessar que passei a noite em claro. Via ante mim a pobre Mary exânime, pálida, sucumbindo ao golpe que lhe vibrara do confessionário. Ela alí estava no seu leito mortuário, coração trespassado com o punhal que a Igreja me havia posto nas mãos! E, nada obstante, ao invés de me lançar em rosto e amaldiçoar meu fanatismo selvagem, implacavel, eis que me abençoava. Morria das constringões de um coração esmagado e essa igreja, que era a minha Igreja não permitia lhe dirigisse uma única palavra de consólo e esperança, por não se haver confessado!

Sem misericórdia, impiedoso, havia eu maceado aquela planta delicada e não tinha em mãos o lenitivo para aplicar ás chagas que produzia!

Provavelmente, morreria no dia seguinte e a mim defeso era o mostrar-lhe a corôa de glória que Jesus preparava em seu reino, para o pecador arrependido!

Minha angústia era realmente indescrevível. Creio que teria morrido sufocado naquela noite, se as lágrimas incessantemente vertidas não se convertessem em alívio para meu coração dolorido.

Que longas e lúgubres me pareciam as horas daquela noite!

Alta madrugada, levantei-me para de novo consultar os meus autores teológicos, na esperança de achar entre êles algum que me permitisse absolver aquela criatura sem obrigá-la a revelar tudo quanto fizera.

Os teólogos, porém, mais que nunca, se me antolhavam inexoraveis na sua unanimidade.

Cheio de pesar, recoloquei-os nas estantes...

A's nove da manhã já me encontrava beirando o leito da nossa desventurada Mary.

Impossível descrever fiêlmente o júbilo que

experimentei quando o médico e toda a família me afirmaram as melhoras positivas da enfôrma. O repouso noturno, diziam, havia operado maravilhosa transformação.

Foi de fato com um sorriso anjélico, que ela me apertou a mão, dizendo:

— Ontem á noite, pensava que o bom Jesus me chamaria á sua presença, mas estou vendo que deseja lhe dê ainda, meu padre, algum incômodo.

Tenha paciência, a hora solene já não pode tardar muito. Peço-lhe, agora, repetir-me a história da Paixão e Morte do Salvador, que ha dias me leu.

Consola-me tanto o saber como Êle me amou, sendo eu tão miseravel pecadora..."

Havia naquelas suas palavras uma tal solenidade e placidez que, não só a mim, mas a todos os presentes, muito impressionaram.

Terminada a leitura, exclamou: "Êle amou-me tanto que morreu por meus pecados..."

E dizendo-o, cerrava as pálpebras como para meditar em silêncio, enquanto a jorros lhe corriam pelas faces, copiosas lágrimas.

Ajoelhámo-nos todos ao redór do leito afim de orar, mas, a mim não me foi possível articular palavra.

A' vista daquela menina, que alí jazia moribunda em consequência do cruel fanatismo dos meus teólogos, tanto quanto da minha cobardia em lhes prestar obediência, era qual uma pedra de moinho amarrada ao meu pescoco.

Abismado, sufocado!

Ah! se eu pudesse, morrendo mil vezes, acrescentar um dia só á sua existência, com que prazer accitaria essas mil mortes!

Depois dessa muda oração regada á lágrimas, Mary pediu a sua mãe que a deixasse a sós comigo.

Uma vez a sós com ela, tive a impressão de ser aquele o seu último dia. Pús-me nõvamente de joelhos, e com lágrimas da mais sincera compaixão supliquei-lhe que renunciasse ao seu acanhamento e obedecesse á nossa Santa Madre Igreja, que exige de todos os pretendentes ao perdão a integral confissão de seus pecados.

Calma, porém, dando á fisionomia um cunho de dignidade intraduzível, assim falou:

— Não é verdade que, para Adão e Eva logo após o pecado, fez-lhes Deus vestidos de peles para encobrirem a própria nudez?

— Sim, é o que a Sagrada Escritura nos ensina.

— Pois bem: como, então, se atrevem os nossos confessores a tirar-nos essas vestes, santas e divinas, do nosso pudor e respeito próprios? Não foi dessarte que Deus Todo Poderoso preparou por si mesmo, êsse manto do recato feminino, afim de nos não tornarmos para vós e para nós um motivo de vergonha e pecado?

Fiquei estupefato com a beleza, simplicidade e alcance da comparação. Permaneci calado, confundido. Não obstante demolidora de todas as tradições e doutrinas de minha Igreja, não obstante pulverizadora de todos os meus santos teólogos e doutores, aquela nobre resposta me calou nalma tão profundamente, que até parecia sacrilégio o contestá-la.

Após breve pausa, prosseguiu:

“Duas vezes fui pervertida no confessionário... Êles me arrancaram o manto sacratíssimo da

modestia e do pudor, que Deus concede a todas as criaturas humanas.

Duas vezes, sim, eu me tornei para esses sacerdotes num abismo de perdição, no qual caíram e onde os julgo eternamente perdidos! O' meu Pai de misericórdia, restitúe-me o meu vestido de péles, esse manto nupcial de castidade, de amor-próprio, de santidade enfim, que êles me arrebataram. Nem consintas, Senhor, venha outro homem, jámais, rasgar, conspurcar a vestidura que é obra das tuas mãos.

Aquele esfôrço euxauriu-a, percebi claramente que necessitava de repouso.

Afastei-me, mas, confesso, estava fóra de mim. Admirado das sublimes lições que recebera dos lábios daquela filha de Eva regenerada e cuja partida se evidenciava tão proxima, sentí profundo asco de mim mesmo, dos meus teólogos e, — deverei dizê-lo? — Sim, naquela hora solene, sentí nõjo da minha própria Igreja, dela que tão cruêlmente me poluía, bem como de todos seus confessores.

Sim! concebi extremado horror a essa confissão auricular que se transforma, a miúde, em abismo de perdição e miséria, tanto para o confessor como para a penitente.

Saí e fui para a vargem de Abraão chamada, procurando respirar o ar refrigerante e puro que soprava das montanhas.

Lá me sentei numa pedra, justamente no local onde Wolf e Montcalm combateram e pereceram.

Ali chorei á vontade, não só a minha mas a degradação de todos os sacerdotes, oriunda do confessionário.

Eram quatro da tarde quando regresssei á casa da infeliz moribunda.

Sua mãe chamou-me de parte e disse com a maior delicadeza:

— Não lhe parece, meu caro Rev.º, seja tempo de minha filha receber a extrema-unção? Pela manhã, ela nos parecia tão melhorada que chegámos a conceber esperanças, mas agora estamos a ver que as forças se lhe exgotam rapidamente, pelo que lhe rógó administrar-lhe o sagrado viático e a extrema-unção”.

Que sim, — repliquei — mas, deixe-me ficar alguns instantes em confabulação com ela, afim de prepará-la para esse ato.

Em me acercando do leito, logo me ajoelhei e mal embargando as lágrimas, disse:

— Cara irmã, desejo oferecer-lhe o sagrado viático e a extrema-unção, mas, diga-me: como poderia preencher um ato tão solene, em desacôrdo com todas as prescrições da Igreja? Como lhe administrar a comunhão sem antes ouvi-la em confissão?

E como lhe dar absolvição, quando persiste em dizer que tem muitos pecados que jámais confessaria a mim ou a qualquer outro sacerdote?

Bem sabe quanto a estimo e respeito, como se fôsse um anjo baixado á terra. Outro dia, disse-me que bendizia a hora em que me viu e conheceu. Pois digo-lhe aqui a mesma coisa; digo que abençoô o dia em que a conheci, como abençoô todas as horas passadas junto deste leito de sofrimentos.

Abençoô as lágrimas que tenho derramado pelos seus e pelos meus pecados, as horas que temos passado juntos, na contemplação das chagas do nosso magnânimo Salvador crucificado. Abençoô-a, finalmente, por me haver perdoado causar-lhe a morte, pois sei e confesso, á face de Deus, ter

sido eu quem a matou. Agora, porém, prefiro mil vezes a morte, a dizer-lhe sequer uma palavra que possa maguá-la ou perturbar a paz da sua alma.

Diga-me, entanto, a irmã o que lhe possa ou deva fazer nesta hora solene.

Perfeitamente tranqüila, com um sorriso jubiloso que jámais lhe surpreendera, disse:

— Agradeço e bendigo o caro Rev.º pela “Parábola do Filho Pródigo”, que tomou por tema da sua prédica, ha cêrca de um mês. Essa prédica levou-me aos pés do Salvador e ali encontrei uma paz e alegria muito superior a tudo quanto pode proporcionar o coração humano. Lancei-me aos braços do Pai Celestial e sei que Êle me acolheu na sua misericórdia, que perdoou á filha pródiga. Estou a ver os anjos com suas harpas de ouro, em volta do trono do Cordeiro. Não ouve o Sr. a harmonia dos seus cânticos? Pois vou, vou a êles juntar-me na Casa do Pai. *Não estou perdida, não!*

Enquanto assim discorria, tinha eu os olhos raios dagua, não podia nem queria ver cousa alguma, porque me achava completamente subjugado pelas palavras sublimes que saíam dos lábios daquela menina moribunda, que já não era uma pecadora ao meu ver, e sim um anjo celestial. Suas palavras tinham para mim, naquele transe, uma harmonia divina.

Ao dizer que ia para a Casa do Pai, alteou a voz de tal forma e com uma tal expressão de alegria que eu levantei a cabeça e abri os olhos para contemplá-la. Suspeitei que algo houvera de extraordinário, levantei-me e enxuguei os olhos e o rosto, afim de melhor fixá-la.

Conservava as mãos cruzadas sobre o peito e do rosto lhe transpirava uma alegria realmente so-

brenatural. Seus lindos olhos demoravam fitos como na contemplação de algum quadro sublime.

Minha primeira idéia foi a de que permanecia em prece.

Nisto, sua mãe acorre exclamando:

“Meu Deus! que quer dizer esse grito — perdida?”

E’ que aquela frase e especialmente a última palavra fôra pronunciada em diapasão tão forte que se fez ouvir quasi por toda a casa.

Fiz sinal para impedir que a pobre mãe angustiada perturbasse a jóven moribunda na sua prece, convicto como estava de que ela, como de seu costume, houvesse interrompido a conversa, afim de orar.

Enganara-me, porém, pois a verdade é que, alma remida, alara-se nas asas da fé e do amor, a incorporar-se na multidão daqueles que lavam as vestes no sangue do Cordeiro, para com êles cantar a eterna Alelúia!

CAPÍTULO II

A CONFISSÃO AURICULAR, ABISMO DE PERDIÇÃO PARA O SACERDOTE

Mary falecera ha muito. A causa misteriosa e terrível da sua morte só Deus e eu conheciamos.

Excetuando sua mãe, que persistia em regar-lhe a cova de lágrimas, todos pareciam havê-la apagado da lembrança. A mim, contudo, não me saía do pensamento. Não entestava o confessor sem que lhe ouvisse a voz firme e, sem embargo, carinhosa como a dizer-me: “ha aqui um mal enorme, fui por êle atingida duas vezes e muitas outras moças conheço que por êle sucumbiram”.

Freqüentemente, quando a meus ouvidos parecia ressoar essa voz escapada do túmulo, chorei amargurado a profunda, insondavel degradação em que caíamos nós, os sacerdotes, na contingência do confessor.

De fato, muitas e quantas vezes se me revelavam episodios tão lamentáveis como o de Mary. E, não ha dizer que se limitavam ás mulheres da cidade, porque se extendiam tambem ás camponesas.

Uma noite, mal desperto ao rebombo de um trovão, ouvi baterem-me á porta. Erguí-me, indaguei quem era.

Responderam que o Rev. X. agonizava e queria falar-me.

Não tardei a pôr-me em caminho.

Escuridão medonha, não fôsse o relâmpago a rasgá-la de contínuo, mal atinariamos com a direção que levávamos.

Foi uma caminhada morosa e difficil, castigados pelos elementos, até atingirmos a casa do colega agonizante.

Em ali chegando, fui direito ao quarto e tão abatido o encontrei, que mal podia falar.

A' um aceno de mão, mandou sair a criada e um rapaz que lá estavam, para que ficássemos sós.

Em surdina, começou:

— Foi o colega quem ouviu a pobre Mary *in extremis*?

— Sim, efetivamente.

— Então, diga-me se é mesmo verdade que ela morreu deserente e que as suas últimas palavras foram — *Meu Deus, perdida!*

Respondi-lhe, então, que, sendo eu o confessor de Mary e estando a versar com ela assuntos de seu fôro íntimo, ou confessionais, quando súbitamente rendeu-se a Deus, não poderia satisfazer-lhe á pergunta. Que me desculpasse o não discutir o caso, e antes me dissesse quem lhe informara haver a moça falecido em desespero de salvação.

— Foi a própria mãe, que veio visitar-me na última semana e me contou, lavada em lágrimas, que a pobre criatura havia recusado os últimos sacramentos e expirara com aquele grito lamentoso, acrescentando mesmo que a palavra — *perdida* — fôra pronunciada tão alto, que se fizera ouvida em toda a casa.

— Se foi sua mãe quem o disse, poderá então

o colega coligir o que bem lhe parecer sôbre essa morte. Eu de minha parte é que nada posso dizer.

— Mas... se ela está perdida, não ha dúvida que fui eu o miseravel causador da sua perdição. Quando aqui chegou do convento, essa criatura era um anjo de pureza... Ah! querida Mary! — se de fato estás condenada, mil vezes mais o estou eu! Meu Deus, que vai ser de mim? Sei que vou morrer... sim, e condenado!

Medonho, na verdade, o quadro desse velho pecador contorcendo as mãos e como que a estertorar-se em leito de brasas vivas, no rosto estampado o mais fundo desespero, a clamar: — Perdido! Meu Deus, estou perdido!

Constatee, a essa altura, e não sem relativa satisfação, que a trovoadá ininterrupta impedia, aos que se achavam fóra do quarto, ouvirem os aflitivos brados do sacerdote, geralmente havido em conta de santo.

Quando êle se me figurou mais calmo, disse-lhe:

Caro amigo, não se entregue assim tanto a semelhante desespero. Nosso Deus, misericordioso, prometeu perdoar ao pecador penitente, que a fôle se achega, ainda que á última hora. Dirija-se á Virgem Maria, ela intercederá em seu favor e lhe granjeará o perdão”.

— Perdão? — mas, não lhe parece tarde de mais para pedi-lo? O médico assevera que a morte se avizinha e por mim reconheço e sinto-me moribundo... Não acha tarde para pedir perdão? — repetiu.

— Absolutamente não, meu caro, a menos que não experimente um profundo arrependimento dos seus pecados. Entregue-se nos braços de Jesus, de

Maria e José, faça a sua confissão sem mais delongas, eu o absolverei e o Sr. se salvará.

— Mas... se nunca fiz uma boa confissão... Quer ajudar-me a fazer agora uma confissão geral?

O dever impunha-me que anuisse e assim, passei o resto da noite a ouvir-lhe a confissão de toda a sua longa vida.

Entretanto, muito não quero dizer dessa vida, senão o que baste, ou em suma, o seguinte:

Antes de tudo, direi que só então compreendi porque a desventurada Mary recusava, absolutamente, mencionar as iniquidades com elle praticadas. Iniquidades horríveis, inomináveis! A linguagem humana não as deve estereotipar, mesmo porque, poucos ouvidos consentiriam em ouvi-las.

O segundo fato que, por dever de consciência me permito revelar, é quase incrível, mas absolutamente verdadeiro.

Vem a ser que esse padre ouvira em confissão cêrca de 1.500 mulheres entre casadas, solteiras e viúvas, das quais corrompera ou escandalizara 1.000 pelo menos, a inquiri-las sôbre asuntos os mais ignóbeis, pela simples volúpia que isso lhe causava, sem lhes dar a conhecer os pensamentos pecaminosos e corrutos desejos que ellas lhe despertavam.

Confessou, no entanto, que, a noventa e cinco dessas mulheres, francamente seduzira.

Prouvera a Deus fôsse este o único sacerdote que, de ciência própria, julgo perdido nas malhas da confissão auricular. A verdade, a triste verdade, porém, é que pouquíssimos são os que escapam aos laços da tentação, em confronto aos que sucumbem por ella vitimados! Eu mesmo, ouvi em confissão para mais de duzentos padres e, para falar verdade, tal como Deus a conhece, sou obrigado a depor que

apenas vinte um não tinham a lamentar faltas públicas ou abscônditas, decorrentes todas da natural corrupção, irresistivelmente própria da confissão auricular.

Tenho completado já os meus setenta e quatro anos e não tardarei a mergulhar no túmulo. A Deus terei de prestar contas do que ora aqui digo. E' pois, por assim dizer, na presença do meu Supremo Juiz e beirando a sepultura, que declaro ao mundo poucos, pouquíssimos serem os sacerdotes que escapam ao abismo da mais tremenda abjeção de costumes, cavado graças ás confissões femininas.

Não o digo porque alimente qualquer resquício de odio aos sacerdotes. Deus sabe que assim é.

O único sentimento que lhes voto é de profunda compaixão e pesar. Nem revelo estes fatos terríveis para que o mundo julgue os sacerdotes romanos, como tais, piores que os demais descendentes de Adão.

Absolutamente não tenho essa opinião, porque depois de tudo considerar e de os pesar na balança da religião, do amor e do senso comum, concluo que os sacerdotes romanos estão longe de ser piores que os seres de qualquer outra classe ou categoria social, em paridade de contingências, ou seja collocados no mesmo clima de tentações, perigos e ensanchas de pecado.

Tomemos, por exemplo advogados, negociantes ou lavradores e, proibamo-lhes conviver com suas legítimas espôsas; cerquêmo-los, a seguir, de manhã á noite de dez, vinte ou mais mulheres belas e virgens encantadoras, que lhes falem de assuntos capazes de pulverizar uma rocha e veremos, então, quantos dêesses advogados, negociantes ou lavradores sairão dêesse ígneo campo de batalha moral, indene de feridas mortais.

A causa da imoralidade suprema — incrível, ousado dizer — embora oculta, dos romanos sacerdotes, é assaz evidente e lójica. E' que, por fôrça da sãtânica autoridade papal, o sacerdote se desvia da senda por Deus aberta á generalidade dos homens, para que se tornem rétos e santos. (1).

Depois que o Papa os privou do matrimónio — o grande, santo, divino remédio, tomado no sentido de sua proveniência direta de Deus — que por Deus lhes foi dado como escudo de proteção contra a própria concupiscência, ficaram indefesos entre os maiores perigos morais, ou sejam justamente os mais difíceis de agamar e vencer, a tudo o que de mais astuto e depravado possa conceber a mente humana.

São homens solteiros, que se propõem a passar horas e dias inteiros entre lindas donzelas e mulheres fascinantes, capazes de incendiar montanhas de gêlo.

Como esperar que homens tais, deixem de o ser, para se fazerem mais fortes que os anjos?

E contudo, não ha como negar que o padre católico, além de proibido, por fôrça de leis diabólicamente papalinas, de premunir-se com o único remédio que Deus lhe concedeu para sua defesa, ainda tem, no confessionário a maior facilidade concebível, e portanto, estímulo á satisfação dos pendores corrotos e próprios da natureza pecaminosa do homem.

No confessionário, os padres conhecem perfeitamente quais as fortes e as fracas, entre as suas confessandas. Distinguem, á dedo, as que não tre-

(1) S. Paulo nos diz que, para evitar o pecado, "tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido". 1.ª Cor. VII. 2.

pidam em enfrentar e rechassar qualquer tentativa e as que se mostram prontas, e até desejosas, de fruir os prazeres mendazes do pecado.

Destarte, se ainda guardam consigo impulsos e reclamam da natureza humana, como abstraiem-se, nessa contingência, de lutas íntimas, torturantes, temerosas?

Quanto esfôrço, quanta energia sôbrehumana se não lhe fazem precisos para sairem ilesos de um campo no qual tombaram Sansão e David mortalmente feridos!

Presumir e esperar que a maioria dos sacerdotes possa resistir a essa provação, não passa de mera ingenuidade, quando não de perfeita imbecilidade.

As páginas da história eclesiástica repletam-se de provas incontestes da falência dos confessores, em sua maioria, deante das tentações confessionais.

Se assim não fôra, então, o milagre de Josué fazendo parar o Sol e a Lua não passaria de mero gracejo, comparado ao da transversão das leis da natureza para o coração de cem mil confessores da Igreja de Roma.

Se eu tentasse provar, por fatos, publicos e notórios, o que sei da horrivel depravação oriunda do confessionário, na França como no Canadá, na Espanha como na Italia e na Inglaterra, haveria de escrever alentados volumes.

No intuito de abreviar e resumir, porém, falarei apenas da Italia, e ainda porque permanecendo, por assim dizer, sob as vistas mais immediatas do seu infalível e santíssimo Pontífice e mais — na terra dos milagres diários das Madonas maquiladas, que choram, piscam, e movem os olhos de maneira admirável; terra de medalhas milagreiras e favores celestes manantes da Cadeira de S. Pedro — os confessores italianos a testemunharem a liquefação do

sangue de S. Januário e guardando consigo cabelos e retalhos de sáia da Virgem — estão em melhores condições de fortaleza, de fidelidade e bem-aventurança.

Ouçamos, pois, o que nos diz uma testemunha ocular, uma publicista contemporânea e insuspeita, quanto á conduta dos confessores com as penitentes da santa, apostólica, infalível igreja de Roma.

E' uma testemunha principesca, de puro sangue italiano, que ainda aí está viva em Napoles, neste ano da graça de 1874.

Chama-se Henriqueta Carracciolo e é filha do Marechal do mesmo nome, governador da província de Bari.

Vejamos o que ela depõe a respeito dos confessores patricios, após vinte anos de experiência e observação em diversos conventos do seu país, no seu livro notavel intitulado: Mistérios dos conventos napolitanos, pag. 150 a 152:

“O confessor veio no dia seguinte e eu lhe revelei minhas tribulações. Na tarde desse mesmo dia, descendo ao lugar chamado o Comuniquino, onde costumavamos receber a Sagrada Comunhão, a *conversa* de minha tia tocou a campainha chamando o padre com a píxide.

O padre era homem dos seus cincoenta anos, corpulento e rubicundo. Uma fisionomia grosseira e antipática.

De olhos fechados, como de regra, aproximei-me do postigo, afim de receber na língua a sagrada partícula.

Isso feito, quando afastava a cabeça, eis que me senti acariciada na face. Abri os olhos. O padre desviara a mão e supondo tratar-se de um ca-

sual descuido, tambem não lhe dei maior importância.

No ato seguinte, já esquecida daquela ocorrência, recebi a comunhão de olhos fechados, na fórmula preceitual.

Desta feita, fui afagada no queixo e abrindo célere os olhos, vi o sacerdote a fitar-me com um sorriso voluptuoso.

Fôram-se-me as dúvidas: aquelas manobras não poderiam estimar-se por meramente accidentais.

As filhas de Eva beneficiam-se do espírito de curiosidade em grau muito superior aos homens.

Assim, de pronto concebi o plano de me postar na sala contígua, de onde poderia certificar-me se aquele padre libertino se permitia tais liberdades com as próprias freiras. Pois meu dito, meu feito, e logo me convenci de que *só as velhas* gozavam de imunidades.

Todas as demais, deixavam-no proceder livremente, e, sem embargo, dele se despediam com todo o respeito.

Será êsse o *respeito*, — disse com os meus botões — que os sacerdotes e as espôsas do Cristo tributam ao *seu* sacramento eucarístico?

Será que á ingênua noviça inculquem o abandono do mundo, para vir aprender nesta escola estas lições de castidade e dignidade?”

A' página 163, lemos:

“E' incrível a paixão fanática das freiras por seus confessores, padres e frades. Aquilo que ordinariamente lhes faz toleravel a reclusão, é justamente a oportunidade ilimitada de se verem e corresponderem com os seus ídolos de carne. Essa liberdade *intra-muros* é que as prende e fixa ao

claustrado de tal forma que, se amofinam e desprazem, quando por motivo de enfermidade séria, ou quando se preparam para tomar o véu, são obrigadas a estágios no lar, no seio da própria família.

Não ha supor que pais, ou parentes de uma jovem donzela consentissem, sob suas vistas, passasse ela tantas horas diárias em colóquios misteriosos, ou ainda, em correspondência íntima com um padre ou frade.

E' uma prerrogativa essa que, só o claustrado pode facultar.

Muitas são, de fato, as horas de que dispõe He-loisa no confessionário, para entreter-se com o seu Abelardo de roupeta.

Outras, a quem calhar possa um confessor velho, concede-se-lhes de lambujem um diretor espiritual, com o qual podem tutear todos os dias no parlatório. E quando isso não baste, simulam doença, que já os terão a sós em suas célas".

Vamos agora a página 166:

"Outra freira, achando-se indisposta, foi ouvida em confissão no próprio quarto. Tempos corridos, essa penitente adoeceu de verdade, ficou em estado interessante e foi retirada do Convento, porque o médico diagnosticara *hidropisia*.

Uma jovem educanda costumava ir todas as noites ao cemitério do convento, de onde, através dum corredor que comunicava com a sacristia, se entretinha a palestrar com um sacerdote moço, da respectiva igreja. Essa paixão era tão imperiosa que nada lhe embargava os passos: — nem o mau tempo, nem o risco de ser descoberta.

Certa feita, noite-alta, ouviu rumor junto de si, teve a impressão de uma serpe a enroscar-se-

lhe nos pés, e tamanho foi o susto, que meses depois, succumbia aos seus efeitos". (Pag. 167).

Logo a seguir, na página 168, lê-se:

"Certo padre tinha uma confessanda nova e todas as vezes que lhe cumpria visitar alguma freira moribunda e passar a noite junto dela, a freirinha escalava os tabiques divisórios e lá se ia entregar ao diretor e mestre da sua alma.

Outra, no delirio da febre tífica, fazia o gesto constante de quem atirasse beijos ao seu confessor, que ali estava junto ao leito. E o confessor, envergonhado com a presença de estranhos, apresentava-lhe o crucifixo compungidamente, a dizer: — *coitadinha! beija o teu legítimo espôso...*

"Uma alma de belo porte e maneiras insinuantes, filha de família nobre, confiou-me sob sigilo o fato de haver recebido das mãos de seu confessor um livro muito interessante (assim o dizia) sobre a vida monástica.

Mostrei vontade de conhecer o título da obra e a moça antes de mostrá-la teve o cuidado de trançar a porta. O livro era a "Monaca", de Palembert, obra que, todos o sabemos, está repleta de nojentas obscenidades".

Prossigamos á pagina 169:

"Recebi de um frade, certa feita, uma carta em que me participava que, mal me vira e logo concebera a doce esperança de tornar-se meu confessor... Qualquer mundano de primeira linha social, um elegante e almiscarado janota, qualquer, não empregaria dialética mais melíflua, para saber da viabilidade de suas esperanças...

Um outro sacerdote, havido por incórrutível,

quando me via passar pelo parlatório, não se eximia de dizer: — *Psiu, psiu, oh! queridinha, venha cá...*

Expressões que, saídas da bôca de um padre, me causavam a maior repugnância.

Finalmente, outro padre, o mais incomodativo pela sua tenacidade, tentou granjear o meu amor a qualquer preço.

Não havia imagem da poética profana, nem sofisma de retórica, nem interpretação astuciosa da palavra evangélica, que economizasse no proposito de me avassalar aos seus impulsos e caprichos.

Eis um exemplo da sua lógica:

— Linda filha, sabe o que seja Deus, realmente?

— E' o Criador do Universo — respondi, lacônica.

— Oh! Não! isso assim dito, só, não basta. Ria-se da minha ingenuidade, talvez.

— Olha, Deus é amor, mas, amor em abstrato, que recebe a sua incarnação no afêto mútuo de dois corações que se idolatram. Tu, portanto, não só deves amar a Deus em sua expressão abstrata, mas igualmente na sua incarnação, ou seja no amor exclusivo de um homem que te adora... *Quod Deus est amor, nec colitur nisi amando!*"

— Nesse caso, repliquei, a mulher que adore o seu amante, adora a própria Divindade?

— Indubitavelmente.

E repetia este indubitavelmente muitas vezes, parecendo animado com a minha observação, quicá julgada fruto natural da sua catequese.

Então, apressei-me a treplicar:

— Mas, assim sendo, é claro que eu escolheria

para amante um homem leigo, antes que um padre...

— Deus te livre e guarde de um tal pecado, filha.

E prosseguiu fingindo-se alarmado:

— Amar a um homem profano, pecador, céptico, miseravel, ateu? Oh! — isso seria caminhares logo para o inferno. O amor do padre é amor sagrado, ao passo que o do homem leigo é uma infâmia. A fé, no padre, promana daquela mesma fé concedida á Igreja, ao passo que a do profano é uma fé apócrifa, tão falsa quanto as próprias vaidades do mundo. O sacerdote depura seus afêtos, diariamente, em comunhão com o Espirito-Santo, enquanto que o homem mundano, admitindo-se possa conceber o amor, não faz mais que varrer com êle, dia e noite, o lamaçal das ruas.

— Mas se é o coração e não apenas a consciência que me impele a fugir do padre?

— Pois bem: se me não podes amar por ser o teu confessor, cumpre-me encontrar um meio de te livrar de tais escrúpulos. Olha: anteporemos o nome de Jesus a todas as nossas expressões de afêto, e assim transformaremos nosso amor em oblata agradável ao Senhor!

Ela subirá ao céu, perfumosa como o insenso dos santuarios... Dize-me, por exemplo: — *amote em Jesus Cristo*; esta noite *sonhei contigo em Jesus Cristo*, e assim, terás tranqüila a consciência, porque assim fazendo santificarás todos os estos do teu amor!

Várias circunstâncias aqui omissas levaram-me mais tarde e muitas vezes a defrontar este sacerdote, e é este o motivo que me leva a ocultar-lhe o nome.

Perguntei a um monje respeitavel pela idade quanto pela integridade de caráter, o que signifi-

cava aquela anteposição do nome de Jesus ás effusões amorosas.

E' uso, — respondeu — de uma seita temerosa e, desgraçadamente assaz numerosa, também, e quê, abusando assim do nome de Nosso Senhor, faculta aos seus membros a mais desenfreada licenciosidade.

Cumpro um triste dever em afirmar ao mundo inteiro que sei, de ciência própria, que a grande maioria dos confessores na América, como na Espanha, na França como na Inglaterra, argumenta e procede como esse licencioso padre italiano.

CAPÍTULO III

O CONFESSIONÁRIO E' A SODOMA MODERNA

Quem quiser ouvir uma prédica eloquente, vá ouvir um sacerdote romano discorrer a cerca da confissão auricular.

Talvez não haja outro assunto pelo qual mostrem os padres tanto zêlo e fervor, e a respeito do qual tanto se esgüelem.

Aliás, é coisa que se justifica, de vez que essa instituição representa a pedra angular do seu imenso poderio, contêm, realmente, o segredo da sua influência quasi irresistivel.

Que o povo hoje se resolva abrir os olhos para conhecer a verdade e compreender que essa confissão auricular é a mais estupenda das imposturas já por Satanaz inventadas para corromper e escravizar o mundo.

Que o povo abandone, desde hoje, o confessionário, e amanhã o romanismo estará pulverizado.

Os padres bem que o sabem, e daí, os esforços constantes para iludir as massas neste particular.

Com esse escôpo, recorrem êles ás maiores falsidades, sofismam as Escrituras, fazem os Santos Padres dizer justamente o contrário de quanto pensa-

ram e escreveram, inventam milagres estupefacientes.

Dois, porém, são os argumentos de que mais se socorrem, isto é: os grandes e constantes milagres feitos por Deus a fito de conservar a pureza imácua do confessorário, e os seus maravilhosos e intactos segredos.

Ao povo inculcam que o voto de castidade perpétua lhes transmuda a natureza, consagrando-os entidades anjélicas, muito acima das fraquezas peculiares aos decaídos filhos de Adão.

Quando interpelados a esse respeito, respondem afoita e descaradamente que reteem graças especiais, que lhes permite conservarem-se puros e sem mácula, no meio dos maiores perigos.

E mais: que a Virgem Maria, a quem se consagram, é a sua medianeira, afim de obter do Filho, em seu favor, a virtude de uma castidade sobrehumana, tanto que, aquilo mesmo que para o homem comum constitúe perdição inevitável, nenhum perigo oferece para um genuino filho de Maria.

E o povo insensato, de uma insensatez pasmosa, deixa-se cegar e iludir por absurdos que tais!

Mas, agora, saiba o mundo a verdade pela bôca de quem conhece perfeitamente quanto se passa *intra et extra* muros dessa moderna Babilonia.

Não ignoro que muitos me não acreditarão e até dirão: *queremos crer que esteja enganado, pois não é possível que os sacerdotes romanos sejam assim tão hipócritas; também pôde ser que elles mesmos se iludam, que meditem e propalem coisas menos veridicas, embora sejam corrétos. Não ha como conciliar nêles tanta impostura e atrevimento!*

Sem embargo desses, e mais dos que difficilmente acabarão por acreditar, tenho que dizer a verdade.

E a verdade é que essas criaturas, que pintam á côres vivas, para o povo, a maneira como se conservam puros em meio dos perigos que os rodeiam, córam francamente e choram até, entre si, quando certos de que ninguem os pode ver nem ouvir, além dos da sua grei.

Então, é de ver-se como deploram sua degradação moral, com a maior sinceridade, pedindo perdão a Deus e aos homens, por sua inconcebível corrupção.

Aqui tenho em mãos e diante dos olhos um de seus livros secretos mais notáveis, senão escrito, pelo menos aprovado por um de seus mais illustres e afamados maiorais — o Cardeal de Bonald, Arcebispo de Leão.

E' um livro escrito exclusivamente para sacerdotes e intitula-se: *Examen de Conscience des Prêtres*. (Exame de Conciência dos Padres).

A. página 34, espigamos:

“Terei permitido a certas pessoas a narrativa de suas faltas, de modo que a imaginação empolgada e impressionada por quadros e representações, fôsse arrastada para um prolongado curso de tentação e graves pecados?

Os sacerdotes não dão o devido aprêço ás contínuas tentações, oriundas das confidências do parlatório. Nelas e por elas, a alma gradualmente se enfraquece, de modo que, ao termo, a virtude da castidade resulta perdida para sempre”.

São conceitos de um sacerdote falando a sacerdotes, quando supõe que ninguem mais os ouve.

Pois aí teem a linguagem franca da verdade.

A' face de Deus, êsses padres admitem e fazem presumir não terem o devido temor dessas constantes, (que palavra e que confissão! — *constantes* tentações, atribuindo-as com toda a sinceridade, á circunstância de ouvirem tantos pecados escandalosos.

Admitem, igualmente, que essas tentações acabam por destruir, para sempre, a santa virtude da pureza moral.

E registre-se que, todos os autores religiosos se conjugam, em unanimidade de linguagem, todos se referem a essas tentações degradantes, todos deploram, lamentam os pecados a que elas os induzem, para concitarem os sacerdotes ao seu combate e ao arrependimento dos próprios pecados.

Ah! prouvera a Deus pudessem, todas as donzelas e castas senhoras que caem na satânica armadilha da confissão auricular, ouvir os gritos angustiosos dos pobres homens a quem de tal arte tentaram e *para sempre perderam!*

Prouvera a Deus pudessem presenciar as lágrimas de tantos sacerdotes, por haverem perdido irremediavelmente, *para sempre*, mercê do confessorário, a virtude da castidade!

Haveriam, então, de compreender que êsse confessorário é um laço, ou melhor, um abismo de perdição, uma verdadeira Sodoma para o sacerdote.

Ficariam estarridas de horror e de vergonha deante das tentações reiteradas, fesceninas, impudicas e degradantes que, dia e noite, ferroteam e atormentam os seus confessores.

Corariam de pêjo, ao lembrarem-se dos pecados ignóbeis que êsses tais cometem, e chorariam a perda irreparavel de sua pureza, para acabarem

prometendo-se a si mesmas, diante de Deus e dos homens, jamais voltar ao confessorário.

Mais, direi: — se ainda lhes restam quaisquer resquícios de honestidade e caridade, prefeririam ser queimadas vivas, a se constituírem agentes voluntárias de *tentação permanente* e pecado mortal conseqüente, para êsses homens.

Que senhora pundonorosa voltaria, porventura, a confessar-se ao homem de quem ouvisse a lamentação das próprias tentações e mortais pecados que o flagelam dia e noite, como corolário de suas anteriores confidências e atitudes?

Não, absolutamente não.

E que pai honrado fôra capaz de permitir á filha diléta, voltar á confissão, se lhe pudesse ver as lágrimas e ouvir os brados, por ter encontrado no confessorário uma fonte de tamanha iniquidade?

Prouvera a Deus que os romanistas sinceros de todo o mundo, (que os ha por milhões, embora iludidos) pudessem devassar o que se passa no íntimo dos míseros confessores, quando rodeados de lindas mulheres, a lhes falarem de cousas que o homem não pôde ouvir impunemente!

Então, e só assim, poder-se-ia dizer que a grande impostura hodierna pomposamente chamada *Sacramento da Penitência*, estava a termo de liquidação.

Mas, ainda assim, quem haverá que não deplore as conseqüências da perversão total da natureza humana?

Esses mesmos clérigos que, intimamente consigo e á face de Deus falam tão claramente das perversas tentações de que são alvo; esses padres que tão sinceramente choram a perda irremediavel da sua pureza moral, sempre que se julgam

inaudíveis para o mundo, êsses mesmos, digo, sonham de público, descaradamente, a existência dessas tentações !

E vão ao extremo de repreender, indignados, averbando-o de caluniador, todo aquele que ousa emitir dúvidas sobre a sua castidade, depois de ouvirem tantas confessandas solteiras, viúvas e casadas.

Entre os autores católico-romanos que versam o assunto com intuitos benéficos para a clérizia, um só não ha que tenha deixado de lastimar os inúmeros e aviltantes pecados, atentatorios da pureza moral, como apanágio da confissão auricular.

Nada obstante, êsses autores quando escrevem para o vulgo, são os primeiros a se contraditarem, procurando provar o contrário do que lhes vai no fôro íntimo.

Imagine agora o leitor a minha surpresa, surpresa que mal posso descrever, quando descobri que essa duplicidade de atitudes e processos poderia quilatar-se por uma das pedras fundamentais da minha igreja!

Pouco depois de tomar ordens, fui procurado por um sacerdote que me confessou cousas as mais deploráveis.

Disse-me, com toda a franqueza, que de todas as mulheres por êle confessadas, não havia uma só que não se lhe fizesse fator de pecados ominosíssimos, já em pensamento, já em sentimento, já em atos. E chorou tão amargamente, e pareceu-me tão arrependido, que não me pude eximir de chorar com êle e absolvê-lo de todos os seus pecados, tal como julgava poder e dever fazer, naquella época.

Duas horas depois, êsse colega, que era aliás

excelente pregador, galgava o púlpito para versar o tẽma — *Origem divina da confissão auricular*, e para provar que se tratava de uma instituição diretamente fundada por Jesus, asseverou que o Filho de Deus fazia *um milagre constante*, com o fortalecimento dos seus sacerdotes, evitando-lhes a falência como efeito de quanto ouviam nos confessionários!!!

As abominações diárias, resultantes da confissão auricular são tão horridas e tão familiares aos papas, bispos e clérigos que, por várias vezes, se hão feito tentativas para diminuí-las, castigando os culpados.

Louváveis esforços, sem dúvida, mas, baldados.

De tais tentativas, uma das mais notáveis foi a de Pio IV, lá pelos idos de 1560. Trata-se de uma bula ordenando a todas as mulheres solteiras ou casadas, seduzidas por seus confessores, que os denunciassessem, ao mesmo tempo que autorizava uns tantos funcionários graduados da Santa Inquisição a receberem os respectivos depoimentos. Foi em Sevilha, Espanha, que a devassa começou. E quando o édito chegou a divulgar-se publicamente, tal foi o número de mulheres que se julgavam com direito de acusação, que, apesar dos trinta notários e outros tantos inquisidores escalados para a tarefa, impossível lhes foi concluir o inquerito no prazo marcado.

Houve uma dilação de trinta dias, a que se sucedeu outra igual e, não obstante, insuficiente ainda.

Finalmente, chegaram á conclusão de que tantos eram os padres sedutores, que sería praticamente impossível castigá-los a todos!

O inquérito foi abandonado, os transgressores ficaram impunes.

Outros Pontífices, em épocas diversas, fizeram idênticas tentativas, com resultados mais ou menos semelhantes.

Contudo, vale dizer: se êsses esforços dos Papas, sinceramente desejosos de punir confessores indignos, não lograram atingir os culpados, nem por isso deixam de ser, perante o tribunal da Providência, testemunhos infalíveis para provar á humanidade que a confissão auricular mais não é que um abismo fatal, para o confessor tanto quanto para as suas vítimas.

Sim! não haja dúvidas, essas bulas pontificias são lídimo testemunho, incontestes, de que a confissão auricular é a invenção mais poderosa de Satanaz, para corromper o coração, poluir o corpo e perder a alma de confessores e confessandas.

CAPÍTULO IV

COMO A CONFISSÃO AURICULAR FACILITA O CELIBATO CLERICAL

Os fatos serão sempre o melhor argumento.

Pois aqui teem um fato público, inegavel, ligado a mil fatos outros, colaterais, a demonstrar que a confissão auricular é a máquina mais poderosa de desmoralização, que o mundo jámais viu.

Em 1830 residia em Quebec um sacerdote môço e de bela aparência. Voz magnífica, excelente orador.

Morto, ao presente, ainda assim, não declinarei o seu nome, em atenção á família, que aí lhe sobrevive, e por sinal numerosa.

Designá-lo-ei apenas o Rev. D...

Convidado a pregar em Verchéres, distrito do Canadá, distando de Quebec trinta e tantas léguas, pediram-lhe igualmente que praticasse a confissão, durante o novenário que lá se celebrava.

Entre as penitentes, apresentara-se-lhe uma formosa moça dos seus dezenove anos.

Desejava ela fazer uma confissão geral, a partir da primeira infância, ao que êle anuiu.

Assim é que, duas vezes ao dia, encontrava-se

aos pés do seu jovem médico espiritual, a recitar-lhe todos os seus pensamentos, desejos e atos.

De notar que, por vezes, ficava uma hora inteira no confessionário, a acusar-se de todas as fraquezas.

Que cousas haveria, tantas, a dizer? Deus, só Deus o soubera! Entretanto, o que depois chegou ao conhecimento de muita gente no Canadá, é que o jovem sacerdote começou a amar a gentil penitente e era francamente correspondido, como succede muitas vezes.

Os encontros idílicos não eram tão fáceis nem livres, qual o desejariam, porque também não havia como afastar testemunhas sempre numerosas, mas o confessor não era homem baldo de expedientes.

No último dia da festa, disse á sua formosa penitente:

“Sigo para Montreal, e dentro de três dias estarei de volta á Quebec, pelo vapor da carreira, que aqui costuma aportar. Vista-se de homem e me espere no cais, á meia noite. Guarde segredo e seguirá comigo no vapor, onde, se tiver prudência, ninguém a reconhecerá. Iremos a Quebec e lá ficará como “eriado” do pároco, de quem sou assistente. Só eu lhe conhecerei o sexo e assim poderemos viver juntos e felizes.

Daí a quatro dias, era de vêr-se a tribulação no seio da família. A moça desaparecera e as suas roupas foram encontradas á margem do rio S. Lourenço.

As pessoas da família, e de suas relações, já não poderiam duvidar que a tal confissão geral lhe houvesse transtornado o juizo e que, num acesso de loucura se atirasse ás aguas do rio impetuoso e profundo.

Procuraram-lhe o cadaver, inutilmente, é claro. Preces muitas, públicas e particulares, foram feitas para tirar aquela alma do Purgatório, onde, possivelmente, poderia estacionar, em condenação de longos anos.

Quanto dinheiro não foi dado ao Sr. Vigário em paga de missas destinadas a extinguir o fogo da retórta comburente, na qual todo o romanista acredita que terá de purificar-se, antes que possa ascender aos páramos da bem-aventurança!

Não ignoro o nome dessa vítima, mas, abstenho-me de o citar, em consideração á família.

Chamêmo-la Genoveva.

Enquanto seus pais, parentes e amigos deplojavam-lhe o funesto destino, lá estava ela instalada na casa do abastado pároco de Quebec, aliás bem remunerada e farta, e bem vestida quanto satisfeita, na companhia do bem amado confessor.

Muito acciada no trajar, muito diligente e prestimosa, sempre solícita no desempenho do seu papel, chamava-se agora José, nome que lhe reservaremos também, nesta curta narrativa.

Pois bem: freqüentando a miúde a residência de Quebec, eu via e admirava as maneiras delicadas e atenciosas do José, se bem que, as vezes me parecesse portador de um semblante algo efeminado. Também não deixava de reparar que tomava atitudes por vezes muito familiares com o Revmo. D... e com o Revmo. Bispo M.

Toda vez, porém, que me bolava a idéia de um “travesti”, indignava-me comigo mesmo.

O profundo respeito que me inspirava o bispo coadjutor, simultaneamente vigário de Quebec, me tolhia de admitir ou imaginar pudesse êle permitir que uma bonita mulher dormisse num quarto contíguo ao seu, e lhe prestasse serviços diurnos e

noturnos, pois a verdade é que os quartos se confinavam, e mais que o Sr. Bispo, por motivos de enfermidades conhecidas carecia, de quando em vez, do auxílio de um criado, tanto de dia como de noite.

Assim correram as coisas muito bem na casa episcopal, durante dois ou três anos, até que pessoas estranhas entraram a notar e comentar as excessivas intimidades do fâmullo com o jóvem vigário, e mesmo com o veneravel bispo.

Vários freqüentadores da casa mostraram-se surpresos e até escandalizados da confiança do rapaz com os patrões, pois a verdade é que êle não raro se apresentava como igual, para não dizer superior a êles.

Um amigo íntimo do bispo, católico fervoroso, dedicado e, por sinal que meu parente, encarregou-se de fazer-lhe sentir respeitosa a necessidade de dispensar aquele rapaz abusado, por alvo que se estava fazendo de lamentaveis e acrimoniosas suspeitas.

Nada lisonjeira poderia já apresentar-se a posição do Revmo. Sr. Bispo. A sua barca como que estava a dar á costa, por entre parcéis perigosíssimos.

Conservar o José, já lhe não éra possível, depois dos judiciosos conselhos de pessoa tão influente. Menos perigoso, porém, não seria dispensá-lo, pelo sobêjo conhecimento que êle tinha da vida íntima dos santos celibatários, para que assim lhe fizessem, como se faz com qualquer vulgaríssimo criado.

Com uma palavra só, poderia comprometê-los. Amarrados a êle, por assim dizer, com cordões de açúcar, eis que estes se transformaram em correntes de aço.

Alguns dias sobrevieram, de grande ansiedade, precedidos de outras tantas noites de insônia, em recompensa das passadas quão mal gozadas venturas.

Que fazer, então? E como fazer? Os escolhos surgiam de todos os quadrantes. Era uma posição tanto mais arriscada, quanto inesperada.

Eis senão quando todos (e especialmente o veneravel coadjutor) se sentiam quais criminosos que aguardassem capital sentença, fronteando um horizonte de nuvens densas e precursoras de tempestade iminente, lhes aparece de inopino uma coincidência feliz.

O pároco de *Les Eboulements*, Revmo. Clement, acabava de chegar a Quebec para tratar de negócios particulares, hospedando-se em casa do seu velho amigo, o Bispo Coadjutor. Era uma velha amizade íntima, cultivada em permuta de valiosos serviços.

O Maioral da igreja canadense na esperança de que o amigo fiél lhe pudesse sugerir alguma idéia salvadora, confiou-lhe francamente toda a história do José e acabou por indagar o que deveria fazer naquelas conjunturas.

— Pois Sr. Bispo, — disse-lhe o outro — o José a mim me convem a calhar; pague-lhe V. Revma. generosamente a sua dedicação, trate de lhe fechar a bôca, e consinta que o leve comigo. Minha despenseira exonerou-se ha algumas semanas e apenas me resta a companhia de um velho criado. Como vê, não deixa de ser um bom arranjo, o José.

Grande o júbilo do pobre Bispo e seus vigários, quando viram assim desviada a grande mó que traziam de cambo ao cachaço.

Tanto que instalado na casa do pio vigário de

Les Eboulements, José granjeou rapidamente a simpatia e estima de toda a gente, graças ás suas maneiras polidas e atraentes.

Choviam parabens de todo lado ao pároco, pelo encontro de um criado assim experto e desembaraçado.

Ele, o padre, já se vê que era quem melhor conhecia a expertise do criado.

Três anos decorreram sem a menor novidade. Patrão e empregado pareciam viver na mais perfeita das harmonias. A única nuvem a toldar o céu de suas alegrias, provinha do fato de alguns lavradores, de vista mais penetrante que a dos vizinhos, não esconderem entre si, que aquelas intimidades lhes pareciam exageradas e que o solerte José ia empunhando o cetro daquele pequeno reino sacerdotal.

Efetivamente, nada se podia já fazer ali sem consultá-lo: intrometia-se em todos os grandes e pequenos negócios paroquiais, antes parecendo senhor que servo.

Pessoas que, de comêço se limitavam a observar e comentar em caráter particular, passaram a fazê-lo mais amplamente, sem peias, de sorte que ao fim do terceiro ano, as suspeitas se avolumaram e agravaram a ponto dos *Marguilliers* (uma espécie de mordomos) decidirem-se a intervir, aconselhando o pároco a despedir o seu José.

Ora, mais facil lhe seria a êle pároco, que tantas horas felizes fruira ao lado do fiél José, morrer antes que dele separar-se.

Sabendo, através do confessionário, haver naquelas redondezas uma rapariga cujos hábitos correspondiam mais ou menos aos do José, foi-lhe ao encontro e propôs-lhe casar-se com o criado, sob

garantia da mais perfeita ventura, sob o seu patrocínio.

Escusado dizer que José não vacilou em anuir ao arranjo, para não perder o magnânimo patrão.

Corridos em três semanas os respectivos pregoes, o pároco abençoou o casamento do José com a filha do seu paroquiano.

E o esdrúxulo casal viveu em tão perfeita harmonia que ninguem pudera suspeitar da horrível devassidão oculta sob um tal matrimônio.

José permaneceu ao serviço do vigário, até que este foi mais tarde removido e substituído por outro de nome Tetreau.

Este novo pároco ignorando completamente o mistério da iniquidade, não desdenhou os serviços do casal.

Um dia, estando José a trabalhar á porta do presbitério, em presença de várias pessoas, chegou algum perguntando pelo Revmo. Tetreau.

— Está, sim senhor — acudiu o criado — mas, como o Sr. me parece um estranho, permita-lhe pergunte de onde veio.

— Ora essa: venho de Vervechères.

Em ouvindo tal nome, o criado empalideceu de tal fôrma, que o visitante não podia deixar de estranhar, e logo o encarando fixamente, exclamou:

— Meu Deus! Mas é a Genoveva... Sim, Genoveva, bem te reconheço, de calças...

— Querido tio — pois era-o — por amor de Deus, não digas mais nada.

Era tarde, porém. Os circunstantes tinham perfeitamente ouvido o diálogo. As suspeitas que de ha muito nutriam, em reserva, acabavam de ter positiva confirmação! Era então verdade que um vigário daquela freguesia mantivera em casa uma mulher travestida de homem e, para mais comple-

tamente iludir o povo, chegara a casá-la com outra mulher, conservando-as ambas ao seu serviço!

A notícia propalou-se com a rapidez de um relâmpago, não apenas no círculo da paróquia, mas por toda a zona norte do S. Lourenço.

E sempre será mais fácil imaginar que exprimir a indignação, a surpresa, o horror que de todos se apoderou. Não houve como evitar a intervenção dos magistrados e o José foi convocado á barra do tribunal civil, que decidiu o exame médico.

Chamado a fazê-lo, o senador Laterière, declarou que José era, de fato, mulher, ficando assim, de direito, nulo o casamento.

Nesse entretanto, o Revmo. Tetreau horrorizado, despachara um mensageiro expresso ao Revmo. Bispo de Quebec, de tudo o informando, como cumpria.

E essa?! Agora, como proceder com aquela criatura, depois de semelhante escândalo?

Evidente que, a sua permanência no Canadá haveria de comprometer para sempre o prestígio da *santa* Igreja Romana.

Sim, aquela moça bem sabia como os padres por meio do confessionário escolhem suas vítimas e delas se aproveitam para sustentar os votos solenes do celibato.

Que seria do respeito devido ao clero romano se alguém, á qualquer tempo, induzisse aquela perigosa testemunha a falar aberta e ousadamente ao povo canadense?

O Santo Bispo e seus vigários não desconheciam tudo isso.

Imediatamente, despacharam um portador de confiança, munido de 500 esterlinos, afim-de convencer a Genoveva de que, se ela ficasse no Canadá, poderia ser processada e severamente punida, con-

vinde-lhe assim expatriar-se, transferir-se para os Estados-Unidos.

Nessa conjuntura, ofereciam-lhe as 500 libras, sob condição de não mais regressar ao país.

Genoveva aceitou a proposta, atravessou a fronteira e nunca mais voltou ao Canadá, onde a sua história é conhecida por milhares de pessoas.

A providência divina permitiu, fôsse eu convidado, pouco depois desses acontecimentos, a pregar em "Les Eboulements", e assim foi que me in-teirei dêles.

O Revmo. Tetreau, em cuja paróquia estourara o grande escândalo, principiou desde logo a abrir os olhos, com referência á negregada corrupção dos padres de Roma, oriunda do confessionário. Também êle lamentou sua própria degradação, no bôjo da hodierna Sodoma.

Mas, nosso misericordioso Deus compadeceu-se dele, enviou-lhe a graça da sua salvação e não tardou em comunicar ao Bispo a sua renúncia aos erros e abominações do romanismo, tanto que é agora um trabalhador da Vinha ao lado dos metodistas de Montreal, onde se prontifica a confirmar o que áfica. (1).

Meditando este episódio, possam quantos tiverem olhos de ver e ouvidos de ouvir, convencer-se de que as nações da terra jámais conheceram uma instituição mais depravada e corruptora do que a *confissão auricular*.

(1) Estas linhas são de 1874. Presentemente, em 1883, cumpre acrescentar que o Sr. Tetreau faleceu em 1877, na paz de Deus, em Montreal.

Por duas vezes, antes de expirar, tentaram os padres romanos reconciliá-lo com o Papa, mas êle os despediu chamando-lhes *Suppôts de Satan*, ou seja, prepostos de Satanaz.

CAPÍTULO V

A MULHER ILUSTRADA E FINAMENTE EDUCADA, NO CONFESSIONARIO. RESULTADO DA SUA SUBMISSÃO INCONDICIONAL. A RUINA IRREMEDIÁVEL.

Nunca o mais destro guerreiro houvera de senhorear tanta perícia e de recorrer a tantos manejos de guerra; jámais se vira conjuntura de esforços tão extremados por tomar de assalto uma praça inexpugnável, do que se tivesse de arrogar-se o papel de confessor para combater e derrocar a praça forte da honestidade, na qual o Criador houve por bem entrincheirar a alma e o coração de toda a filha de Eva.

Visto, porém, que é por meio da mulher que o Papa pretende avassalar o mundo, urge escravizá-la e degradá-la, conservando-a de escabelo a seus pés, para que se transforme em instrumento passivo ao desenvolvimento dos seus vastos e profundos desígnios.

Para que o confessor consiga dominar a mulher das altas camadas sociais, ordena-lhe o Papa o estudo de uma estratégia complexa e perfeita.

Importa-lhe, assim, estudar inumeros tratados da arte de persuadir o sexo frágil, no intuito de lhe

arrancar nítida e minuciosamente todo e qualquer pensamento e desejo íntimo, palavra ou ato, tal qual fôra concebido e executado.

Essa arte é havida por tão importante e difícil, que todos os teólogos lhe chamam — *a arte das artes*.

Dens, S. Ligório, Chevassu, — autor do *Espêlho do cléro* — Debreyne e inúmeros autores outros, tem prescrito as regras curiosas e científicas dessa arte secreta.

E todos unânimes declaram que é uma arte extremamente difícil e arriscada, para concluir que a menor falha de tacto, a mínima imprudência ou temeridade no investir a cidadela, transforma-se em morte certa, (espiritual, entenda-se) para confessor e confessanda.

Por isso, o confessor é concitado a dar os primeiros passos com a máxima precaução, afim de evitar que a penitente suspeite do que lhe pretende arrancar o confessor, o que a levaria a trancar os portões da fortaleza para jámais os abrir.

Depois das primeiras avançadas, recomendam-lhe um ligeiro recuo, para que fique de ataláia, assim numa espécie de emboscada espiritual, atento aos efeitos do primeiro movimento.

Se a vitória se entremostra possível, a ordem é — *avançar*, afim de atacar um ponto além.

Deste modo, passo a passo, a fortaleza é envolvida com tamanha habilidade e resta tão enfraquecida e desmantelada que já não oferece resistências a alma rebelde.

Vem, então, a ordem para o derradeiro assalto e, se Deus não intervir com um legítimo milagre por salvar essa alma, os últimos bastiões ruem e as portas se despedaçam.

O confessor faz na praça a sua entrada triun-

fal, sobre os escombros da alma, da consciência e da inteligência. Uma vez senhor do reduto, o padre baseculha os recantos mais absconditos, penetra as câmaras mais sagradas.

Aí, tem êle um domínio supremo. De vez que a rendição se deu incondicionalmente, êle tornou-se ali a autoridade única, infalível, digamos mesmo — único Deus, porque foi em nome de Deus que sitiou, venceu e continuará a falar de futuro, para fazer-se obedecido.

Impossível dar uma idéia da ruína irreparavel, conseqüente a êsses assaltos, com a submissão incondicional da nobre praça conquistada.

Considere-se porém, que, quanto mais porfiada seja a resistência, tanto mais terrível e radical será a destruição da sua beleza e da sua força.

Ninguém ignora que, quanto mais espessa e alta fôr a barragem das aguas de um rio, tanto maiores serão os estragos causados por sua derrocada.

Pois é, nem mais nem menos, o que se dá com as pobres criaturas.

A mão de Deus erigiu uma barragem, que se chama respeito próprio, pudor feminino, afim de as resguardar das corruções deste mundo; mas, no dia em que o sacerdote romano após esforços prolongados consegue destruí-la, essas almas são por uma força incoercível projetadas ao insondavel abismo das mais torpes iniquidades.

Daí por deante, aquela senhora até então respeitada, consentirá em ouvir, sem escrúpulos, coisas que, fóra do confessionário, despertariam indignação á mulher mais depravada.

Daí por deante, ela fala com o seu confessor, inhesitante, de assuntos cuja publicação valeu, recentemente, a condenação de um tipógrafo inglês.

De comêço e a contra-gôsto, êsse anjo decaído, quando se encontra á sós, medita no que ouviu ao confessor e no que ella própria lá o disse.

Mais tarde, sem que de tal se precathe, sente invadir-lhe a mente, em movimentos irresistiveis, os pensamentos mais abjêtos, fatores lógicos de peccados e tentações.

Entretanto, êsses mesmos peccados e tentações que, antes de sua rendição ao inimigo lhe haveriam de causar horror e tristeza, originam agora sentimentos muito diferentes, de vez que ella deixou de ser senhora e diretora de si mesma.

A convicção de peccado não se liga mais á idéia de um Deus infinitamente santo e justo, ao qual lhe cumpre servir e temer; liga-se, sim, a um homem com quem terá de falar e que, por sua autoridade de absolver, facilmente lhe retificará e purificará a alma.

Chegando o dia da confissão, em vez de tristonha, inquieta e acanhada, como outróra, ella sente-se prazerosa e mesmo feliz de ter mais um ensejo de versar tais assuntos, sem risco de cometer abuso nem peccado, plenamente convicta, já agora, de que tais confabulações com o confessor não são bastardas, nem despuêdas, nem pecaminosas.

Muito ao contrário, acredita ou deseja erer que sejam boas, honestas, cristãs e altamente religiosas.

Então, as suas melhores horas são as que passa ajoelhada aos pés dêsse médico espiritual, a evidenciar-lhe todas as chagas da sua alma e submetendo-lhe á diagnose todas as suas tentações, maus pensamentos, íntimos desejos, peccados enfim.

E' nessa altura que veem á tona os mais sagrados mistérios da vida conjugal; é nessa altura, que as misteriosas, quão preciosas pérolas — por Deus concedidas em coroamento de graças aos que

se propõem conjugar num só corpo e numa só alma o casamento cristão, — são lançadas aos porcos.

Horas a-fio, passa a gentil penitente discorrendo sobre assuntos que a classificariam entre as mais sórdidas meretrizes, no conceito de seus parentes, se elles pudessem ter conhecimento da verdade.

Sem xagêro: uma única frase de tais confidências, bastaria a um marido brioso, para pleitear o divórcio.

O marido, porém, tudo ignora, nada sabe dos mistérios que fermentam na confissão auricular.

O pai, ludibriado, tambem nada suspeita. A um e outro obscurece-lhes a vista, ou melhor — cêga-os uma névem do inferno; e maridos, pais e parentes antes se sentem edificados e gratos, em face do tocante e devocional espetáculo da Sra. F. ou da menina.

Na aldeia, como na cidade, todos lhes tecem louvores. Pois então? Se a Sra. F. vai tantas vezes rojar-se aos pés do confessor... Se a menina X. tanto se demora lá no confessorário...

Se ambas recebem tão a miúde a sagrada hostia...

E' ver como falam tanto e tanto da piedade, santidade, modestia, paciência e caridade do *seu* incomparavel pai espiritual.

Todos os que as conhecem, aludem aos seus dotes, dão-lhes parabens pela sua vida nova, e ellas os recebem com a maior humildade, para só attribuir o rápido progresso de suas virtudes cristãs á santidade do respectivo confessor.

Sim, porque, sendo elle um ente tão espiritual, quem não progrediria sob sua direção?

Quanto mais assíduas as tentações, mais os peccados secretos submergem a alma e tanto mais se desenvolvem aparências de pacificação e santidade.

Dir-se-ia que, tanto mais impuras as emanações secretas do coração, quanto mais a bela e delicada penitente se rodeia dos subtis aromas de um pietismo hipócrita.

Quanto mais imundo o interior, mais polido e branco se conservará o exterior.

E' nesta altura que, se Deus não intervir por força de um milagre, a ruína dessa alma se torna inevitavel. Porque ella já bebeu do cálice peçonhento da *mãe das prostitutas*, (1) e achou doce o *vinho da sua prostituição*.

Daí por deante, deleitar-se-á nessas orgias espirituais e occultas.

O seu *santo* confessor assegurou-lhe que nessa bebida não ha inconveniência, nem vergonha, nem peccado.

O Papa sacrilegamente esculpiu nessa taça de morte a palavra — Vida.

E a penitente acredita na palavra pontificia, e o terrivel mistério da iniquidade terá atingido seu alvo!

Porque o mistério da iniquidade já do presente se obra;... a vinda do qual é segundo a obra de Satanaz, em todo o seu poder, em prodígios mentirosos e em toda a sedução da iniquidade para aquelles que perecem, porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. Por isso lhes enviará Deus a operação do êrro, para que creiam a mentira, para que sejam condenados todos os que não deram crédito á verdade, antes assistiram á iniquidade. 2.ª aos Tess. Cap. II, 7 a 12.

Repito: desde o momento que uma senhora rica

(1) Quer dizer: — de Roma. Vide Apoc. XVII, 1, 2 e 5, etc.

e illustrada abandona o respeito de si mesma e entrega incondicionalmente as chaves do reduto — o recato feminino — nas mãos de um homem, sejam quais fôrem seu nome e título, permitindo-lhe perguntas as mais fesceninas e indiscretas, a que tenha de responder, — essa senhora estará perdida e depravada, tão genuinamente como se fôsse a mais humilde e pobre das suas criadas.

Propositadamente digo — rica e illustrada — pois sei prevalecente o conceito de que a sua posição e linhagem social a resguarda da corrupção confessional, como se estivesse acima e além das misérias inerentes á nossa natureza, degradada e peccaminosa.

Enquanto a mulher illustrada se utiliza das vantagens culturais por defender-se do inimigo; enquanto elle fecha herméticamente a porta, poderá dizer-se em segurança: mas, ninguem se esqueça *que uma tal segurança é condicional, só prevalente enquanto a mulher se não rende*.

Uma vez victorioso o inimigo, digo-o enfaticamente, a ruína é tão grande, se não maior e mais desastrosa do que sói acontecer nas camadas inferiores da sociedade.

Atirai ao lameiro com uma peça de metal precioso e dizei-me se não imergirá mais fundo que um pedaço de lenho podre.

Mulher mais forte, contudo, não podemos conceber, do que Eva ao sair das mãos do Criador!

Entretanto, Eva prestes caiu, tanto que ouvidos deu á voz do tentador! E que ruína insanavel não foi a sua, quando contemplou, complacente, o fruto proibido e acreditou na fementida voz que sussurrava *não haver peccado* na degustação daquelle fruto!

Contra isso protesto eu, solenemente, em pre-

sença do grande Deus que em breve me será Juiz, e dou meu testemunho neste gravíssimo assunto.

Após vinte cinco anos de experiência no confessorário, declaro que o próprio confessor encontra perigos mais terríveis em ouvir mulheres de fina educação, que ao fazê-lo a mulheres de condição inferior.

Testifico, solenemente, que a mulher ilustrada uma vez submetida ao jugo sacerdotal, se torna no mínimo tão vulneravel ás setas inimigas, como as mulheres mais pobres e ignorantes.

Direi ainda mais, que uma vez colocada no declive da perdição, a mulher intelectual se precipita no abismo mais rápida e vertiginosamente que a sua irmã de humilde condição.

Todo o Canadá é testemunha de que era entre as camadas da alta sociedade que o Vigário Superior do Colégio de Montreal escolhia suas vítimas, quando, premido pelo grito indignado do público, teve o Bispo de o recambiar para a Europa, onde faleceu pouco depois.

E não era nessas mesmas camadas que um superior do Seminário de Quebec andava a destruir almas quando, desmascarado houve de fugir á caladadas de uma noite escura para refugiar-se a dentro dos muros do Convento Trapista de Iowa?

Muitos *in folios* haveria eu de escrever, se quisesse publicar tudo o que a experiência de vinte cinco anos de confessorário me ensinou, pertinente á indizível corrupção secreta da maioria das chamadas *damas respeitaveis*, que se entregavam á preceito nas mãos dos seus *beatíficos confessores*.

O episódio que passo a narrar, porém, bastará para os que tenham olhos de ver, ouvidos de ouvir e inteligência de compreender.

Numa daquelas belíssimas e prósperas vilas

que guarnece o S. Lourenço, residia abastado negociante.

Moço ainda, seu casamento com uma senhora rica, bonita e ilustrada, tornara-o um dos homens mais felizes da terra.

Poucos anos depois do auspicioso enlace, o Bispo colou ali, naquela freguesia, um jovem sacerdote, que se tornara notavel pela eloquência, tanto quanto pelo seu zêlo e afabilidade de trato.

Entre negociante e padre, não tardou se estabelecessem laços de íntimas e amistosas relações.

A distinta consorte do negociante logo assumiu a vanguarda das piedosas devotas da localidade.

Muitas e longas horas costumava passá-las de rojo aos pés do seu pai espiritual, no proposito de ser iluminada por seráficos conselhos.

Dessarte, ei-la sempre á testa do pequeno grupo de almas que se beneficiavam do privilégio de comungar semanalmente.

O marido, bom católico que era, não cessava de bendizer a Deus e a Virgem, a esmola de viver e conviver com aquele anjo de piedade.

Ninguem suspeitava, um instante sequer, do que ocorria sob a capa ebúrnea e santa da mais exaltada devoção.

Ninguem, a não ser Deus e seus anjos, podia ouvir os dialogos empenhados naquelas dilatadas confidências mútuas.

Durante um ano, quasi, o jómum sacerdote e sua pacífica ovelha desfrutaram, nessas confabulações veladas, todo o prazer dos namorados quando pódem permutar, sem óbices quaisquer, os estos e amavios do seu amor.

Isso, entretanto, já lhes não bastava, queriam ambos uma realidade mais positiva, sem embargo

dos tropeços tão grandes que até pareciam insuperáveis.

O padre tinha em sua companhia a mãe e a irmã, que, certo, não haveriam de consentir a introdução em casa, de uma senhora, para fins menos lícitos.

O marido da penitente, por sua vez, não entre-tinha negócios que o pudessem afastar de casa, ao menos com tempo de margem que facultasse ao ser-vo do Papa efetivar os seus intentos diabólicos.

Nada obstante, quando as filhas de Eva concebem um plano, não lhes faltam ardís, maximé, quando possúem uma inteligência desenvolvida pela educação.

Neste caso, como em outros muitos a mim revelados, apareciam prestes os meios, sem riscos maiores para ambos os devotos.

Assentaram o plano em perfeita comunhão de vistas e guardaram pacientes o ensejo de o executar.

— Por que não fôste hoje á tua missa e sagra-da comunhão? — perguntou, certo dia, o marido ilícito.

— Não me sinto nada bem, passei uma noite horrível, sem dormir. Dói-me a cabeça...

— Vou então mandar chamar o médico.

— Manda, sim, meu querido, pode ser que êle me proporcione algum alívio.

Dentro de uma hora, chegava o facultativo. Achou a paciente febril, mas concluiu de nenhuma gravidade o mal, tanto que breve estaria restabele-cida. Prescreveu e retirou-se.

A's nove da noite, entretanto, a doente acusa-va fortes dores no peito e desmaiava, rolando ao chão.

Mandaram logo buscar o médico, que chegou com alguma demora.

A crise passara, a enfôrma lá estava numa pol-trona, enquanto as vizinhas compungidas lhe molhavam as têmporas com agua vinagrada.

O médico não tinha como explicar uma enfer-midade assim repentina. Afinal, sempre disse que podia atribuir-se a uma *solitária* e, neste caso, não havia que temer, porque êle saberia como curá-la.

Receitou outros pós e prometeu voltar no dia imediato.

Meia hora não se passara e sobreveiu a terrível dor de peito obrigada a desmaio, mas, antes já a enfôrma houvera dito ao marido:

— Bem vês, meu amor, que o médico não acer-tou, absolutamente, com o meu caso. Não lhe tenho mesmo qualquer confiança, pois sinto que os pós me fizeram mal. Também não o quero mais aqui. Estou pior do que imaginas e, se não sobrevier al-guma reação, penso que amanhã estarei morta. O único médico que eu reclamo é o nosso piedoso con-fessor, e assim, faze o favor de o chamar sem demora, pois quero fazer uma confissão geral e receber o viático e a extrema-unção, antes que piore e já o não possa fazer.

O pobre do marido, já se deixa ver que aflitís-simo e quasi fóra de si, mandou atrelar o carro ime-diatamente e fez com que o criado o seguisse a ca-valo, para tocar a sineta quando voltasse com o mi-nistro da Igreja, conduzindo o *Bom Deus á sua es-tremecida espôsa*.

Foi encontrar o pároco a ler mui piamente o Breviário e não deixou de admirar a caridade e presteza com que o bom pastor se prestou a sair do seu confôrto, em noite assim invernosa e escura, por atender ao primeiro chamado de uma doente.

Em menos de uma hora, o marido entrava com o padre e seu *Bom Deus*, no quarto da espôsa.

O sacerdote, em requintes de piedosa compostura, depositou a sagrada partícula em rica mesinha de antemão preparada para a solene cerimônia, e acercando-se do leito inclinou a frente e perguntou á enferma como ia passando.

— Muito mal — respondeu — e quero fazer uma confissão geral, antes que Deus me chame.

Dirigindo-se logo depois ao marido:

— Manda que se retirem todos, para que eu não seja distraída neste ato de confissão, que também poderá ser o último da minha vida.

Ele respeitosa e delicadamente convidou os circunstantes a se ausentarem do quarto, em sua companhia e fechou a porta para que a sós estivessem confessor e confessanda, enquanto perdurasse o sacratíssimo ato.

E assim, uma das mais diabólicas tramas, de quantas já puderam ser urdidas sob a capa da confissão auricular, lograva atingir o seu fim.

A *mãe das prostitutas*, a fascinadora de almas cuja séde demora nas *sete colinas*, tinha ali o seu sacerdote para, sob a aparência de religião cristã introduzir no templo doméstico de uma família a vergonha, o vilipêndio, a perdição.

O inimigo destruidor dalmas, cuja obra prima culmina na confissão auricular, teve ali, pela millionésima vez, outro novo ensejo de ultrajar o Deus de pureza, mediante ação das mais ignóbeis que as sombras da noite podem ocultar.

Cubramos, entretanto, de um véu discreto, a abominação dessa hora de iniquidade e deixemos ao inferno os seus lúgubres segredos.

Conseguida a ruina moral da vítima, tendo cruél e sacrilegamente abusado da confiança do

amigo, o padre abriu a porta e disse com ar de hipocrisia: *entraí agora para orar comigo, enquanto administro a comunhão á nossa querida enferma.*

Entraram todos. O *Bom Deus* foi administrado á paciente, e o marido exultante de reconhecimento pelas atenções do pároco, reconduziu-o á casa e deu-lhe os mais sinceros agradecimentos por lhe ter assistido á espôsa em noite de tanta invernia.

Dez anos mais tarde tive, por dever de officio, de realizar uma missão nessa freguesia.

A Sra. aqui citada e que eu absolutamente não conhecia, contou-me em sua confissão estes pormenores, tal qual aqui os refiro.

Ela me pareceu realmente arrependida e deilhe absolvição plena, de acôrdo com os preceitos da minha igreja.

No dia do encerramento da missão, fui convidado para um grande jantar, promovido por um negociante da terra e tive então o ensejo de conhecer quem era a penitente em aprêço.

Devo advertir que ela me revelara sêrem do citado confessor três dos quatro filhos que tinha! Do marido, apenas o mais velho!

Tal confessor, por morte da progenitora e tendo casado a irmã, acabara por franquear a casa ás suas gentís penitentes, muitas das quais se valeram do ensejo para exercitar as virtudes inculcadas e abrolhadas no confessionário.

O padre foi á tempo transferido com acesso a cargo mais rendoso, no qual, mais que nunca, se beneficiava da confiança dos superiores, da estima pública, e da afeição das suas confessandas.

Nunca em minha vida me senti tão embaraçado como á mesa dêsse homem tão vilmente ludibriado.

Mal principiara o repasto quando, amabilíssimo, êle me perguntou se conhecia o outro...

— Conheço...

— E' um sacerdote ilustradíssimo, pois não?

— Perfeitamente, ilustradíssimo, — repliquei.

— E, por que é que o Bispo o afastou daqui? — estava tão bem entre nós; tinha de tal modo granjeado a confiança do povo, graças ao seu cavalheirismo e devoção, que não poupámos esforços para retê-lo entre nós. Eu mesmo promovi um abaixo-assinado da população local, instando pela sua permanência, mas foi tudo em vão, o Bispo manteve-se irredutível, respondeu que necessitava dêle em funções mais importantes, atento ás suas raras habilidades. E houvemos de nos conformar.

O zelo e a devoção desse ministro de Deus, não tinham limites, por assim dizer. Noites tenebrosas, noites tempestuosas, não as havia capazes de impedir visita e assistência aos enfermos, pronto sempre ao primeiro chamado.

Por mim, jámais esquecerei a presteza e bôa vontade com que me atendeu, quando, ha alguns anos fui procurá-lo em noite frigidíssima, afim-de visitar minha mulher gravemente enfêrma.

Quando chegou nessa altura, confesso que quasi disparei a rir.

A gratidão dessa pobre vítima do confessor para com o padre que lhe inoculára no santuário do lar a vergonha e a ruina moral, bem como o fato de haver ido êle próprio, em pessoa, buscar o sedutor da espôsa; tudo isso, digo, me parecia tão burlesco, que, por instantes fiz enorme esforço em conter-me.

Depressa, porém, recuperei meu domínio, para só considerar no desgosto que sentí, pensan-

do na horrivel depravação e infâmia secreta desse mesmo clêro de que eu era parte. E foram então centenas de casos outros de igual, senão de maior devassidão, que se me desvendaram no confessorário, o que me ocorreu á mente, enchendo-me de aflição e nôjo, ao mesmo tempo que se me travava a língua.

Depois do jantar, o anfitrião pediu á espôsa que trouxesse os filhos para que eu os conhecesse.

Não pude deixar de admirá-los por sua compleição e beleza, mas, tenho por escusado dizer que tive muito menor satisfação em avistar essas amáveis criaturinhas, quando sabia de fonte sigilar e inconteste, que as três mais novas eram fruto espurio da inconcebivel quanto inexprimivel devassidão difundida na alta sociedade, graças á confissão auricular.

CAPÍTULO VI

A CONFISSÃO ROMPE TODOS OS SAGRADOS LAÇOS DO MATRIMÔNIO E DA SOCIEDADE HUMANA.

Consentiria um banqueiro, porventura, que o seu pároco fôsse escoteiro, sòzinho, abrir-lhe a burra e examinar documentos, pesquisar, em suma, os mais íntimos segredos do seu negócio?

E' indubitavel que não.

Como consente, pois, êsse mesmo banqueiro, que o tal pároco abra o coração de sua espôsa e manuseie, por assim dizer, a sua alma, penetrando-lhe no âmago por devassar-lhe os mais recônditos e sagrados pensamentos?

Não serão o coração, a alma, a castidade, o pudor da mulher querida tesouros de tanto senão de maior prêço do que os aferrolhados no seu cofre?

E os riscos em que êle incorre, por fôrça da tentação e da imprudência, não serão porventura maiores e mais irreparáveis no segundo do que no primeiro caso?

Acaso permitiriam o joalheiro e o ourives que o padre viesse a bel-prazer tatear, sopesar os ricos objéto da sua loja, revolver-lhe as gavetas e esca-

ninhos e fazer com os valores aí achados as transações que lhe prouvessem?

Ninguém ousaria afirmá-lo.

Quem diria que um coração, uma alma, uma candura de espôsa ou de filha não sejam mil vezes mais preciosos do que todas as joias e moedas da terra?

E os riscos das tentações e indiscreções sacerdotais serão, porventura, menos prementes e irresistíveis na segunda que na primeira hipótese?

Qual o alquilador suficientemente ingênuo para consentir que o padre lhe conduzisse as mais caras e briosas alimárias da sua tropa, sem outra garantia que não a de uma vaga prudência?

Nenhum, pensamos.

Ele, o alquilador, sabe muito bem que, se tal se permitisse, ficaria arruinado: embora tenha toda a confiança na discreção e integridade moral do sacerdote, não levará essa confiança ao extremo de lhe deferir o governo absoluto dos magníficos animais que fazem o orgulho da sua estrebaria e lhe garantem a manutenção da família.

Como admitir, pois, que esse mesmo homem confie a absoluta direção da espôsa e das filhas a quem não confiaria a de sêres inferiores?

Será que aquelas não lhe mereçam tanto aprêço?

Mas, convenhamos: quando esse padre se incumba de dirigir a seu alvedrio a espôsa e as filhas do alquilador, maior são sempre os perigos da imperícia, da imprudência possibilitando erros e danos irreparáveis, do que quando conduz alimárias na via pública.

Não se concebe, porque não ha, maior ato de loucura e contrassenço, do que esse de licenciar uma espôsa para confessar-se ao sacerdote.

No dia em que o faz, o marido que o faz abdica da própria dignidade — que poderíamos dizer quasi divina — pois foi-lhe por Deus conferida. A sua corôa perde-se, o seu cetro quebra-se.

Leitores meus, que farieis vós a quem cometêsse a vilania de bisbilhotar o interior de vossa casa pelo buraco da fechadura, ouvidos alerta, no intuito de descobrir o que por lá ocorresse?

Vosso pundonor, vosso brio, consentiriam em semelhante indiscreção?

Ou antes, não empunhariéis um látigo para escorraçar o descarado?

Estou em crer que arriscaríeis mesmo a própria vida para vos livrardes da curiosidade atrevida e impertinente.

Pois, que será o confessionário, senão o buraco da fechadura do vosso lar, mais — da vossa alcova, através do qual pode o sacerdote ouvir vossas palavras mais secretas e presenciar os atos mais discretos ou conhecer mesmo os vossos mais íntimos pensamentos?

Como reivindicar o título de verdadeiro homem, quando assim vos submeteis a um instituto tão vulpino e insultante, submisso a uma tal humilhação?

“Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo a cabeça da Igreja... Assim que, como a Igreja está sujeita a Cristo, assim o estejam também as mulheres a seus próprios maridos em tudo. S. Paulo aos Eph. V — 23 e 24”.

Se estas palavras valem por verdadeiros oráculos da sabedoria divina, não ha como recusar esteja o marido consagrado conselheiro e auxiliar único da sua mulher, tal como Jesus é o conselheiro e auxiliar único da sua Igreja.

Se o apóstolo não era um farsista quando pre-

dicou que a mulher é, para o marido, o que o corpo é para a cabeça, e que o marido é, para a mulher, o que a cabeça é para o corpo, só podemos subentender que o marido se constitúe perante Deus, a luz e o guia de sua mulher.

Não será, então, de seu dever, ao mesmo tempo privilégio e glória, consolá-la nas aflições, fortalecê-la nas horas de fraqueza, sustentá-la quando em risco de queda e animá-la na senda escabrosa e acidentada da vida?

O Evangelho nos diz que o marido está para a mulher como O Cristo para a sua igreja.

Não será, conseguintemente, uma sacrílega iniquidade o fato da mulher procurar com um estranho conselhos, conforto, sabedoria, providência em suma, que o marido pode e deve ministrar-lhe?

Assim como qualquer homem outro não tem direito ao seu amor, assim também a outro qualquer homem falece o direito de lhe merecer uma confiança absoluta.

A mulher casada que entrega o corpo a outro homem, inquina-se de adultério...

Que dizer, então, daquela que se confia a um estranho e lhe entrega a alma?

Será que o adultério do coração e da alma seja menos criminoso que o do corpo?

E, toda vez que uma mulher casada se confessa aos pés de uma padre, não incide nesse pecado?

Pois diga-se: na igreja romana, mercê do confessor, o sacerdote se torna muito mais marido do que o marido, que recebeu a mulher em matrimônio.

Porque a êle, sacerdote, toca-lhe a parte mais importante — a medula, enquanto que ao marido ficam os ossos.

A um, o suco; ao outro, a casca do fruto.

Um tem a alma e o coração, o outro tem o esqueleto.

Para o confessor o mel, para o marido a cera do favo.

Tanto quanto possamos julgar a superioridade do espírito em relação ao corpo, tanto melhor julgaremos os poderes e privilégios do sacerdote em relação aos do marido.

Assim como o marido é senhor do corpo, a que alimenta, assim o será o sacerdote da alma, que igualmente alimenta.

Fica a mulher, portanto, sujeita a dois senhores e mestres, aos quais lhe importa servir, amar e obedecer.

E como admitir não dê ela o melhor quinhão de amor, de submissão e respeito áquele quê, na sua convicção é tão superior ao outro quanto o céu é superior á terra?

Visto, porém, não lhe ser possível a dualidade da servidão, ha de ser aquele que a prepara para o reino do céu o objeto preferente do seu respeito, gratidão, amor constante e verdadeiro.

O marido, o homem do mundo, o pecador a quem ligou sua existência transitória, êsse que se contente com os simulacros de tais sentimentos.

Não será essa mulher levada, por natural e instintivo impulso, a respeitar e a obedecer como mestre o santo homem cujo jugo é tão suave, tão divino, antes que ao homem carnal cujos humanos defeitos são para ela a causa de tentações e sofrimentos diários?

Na igreja romana, pensamentos e desejos, receios e alegrias da alma, a vida mesma da espôsa, são assuntos que o marido não penetra.

Êle não tem o direito de esquadrihar o coração da sua mulher, não tem remédio que lhe apli-

que a alma, não tem investidura divina para aconselhá-la nos transe amargos e aflitivos, não tem bálsamo para essas chagas incruentas e tão comuns na vida...

Nada! é como se fôra um estranho dentro da sua casa.

A mulher nada esperando do marido, nada tem a lhe revelar, nem se lhe obriga por gratidão. Ao contrário, fecha-lhe todas as válvulas da alma e do coração.

O padre, só êle, tem jús á sua inteira confiança; a êle, exclusivamente, levará todos seus segredos e descobrirá todas as chagas; a êle ainda, jámais a outrem, recorrerá na hora da angústia e da aflição, para dêle sòmente esperar e receber a luz e o confôrto que lhe falta e solicita.

Cada dia, torna-se o marido mais estranho e indesejavel ao seu conceito, isto quando não vai ao ponto de tornar-se um empecilho ao que ela julga a realização da própria felicidade.

Sim! por meio do confessionário a igreja romana cavou um abismo insondavel entre os corações de marido e mulher. Seus córpos pôdem estar próximos, mas os espíritos, os legítimos afetos, a confiança, acham-se afastados tanto quanto o pólo ártico do antártico.

O confessor é o mestre, o dominador, o rei da alma.

O marido é o coveiro, que deverá contentar-se com a parte material.

Ao marido, a permissão de examinar o exterior do palácio e descansar a cabeça no mármore frio do patamar da escada, enquanto o confessor perambula em triunfo pelas salas e gabinetes internos, examinando tranqüilamente as suas maravilhas e vai repousar, quantas vezes só êle, a cabeça nas

almofadas macias da ilimitada confiança, do respeito e amor da espôsa.

Na igreja de Roma, para dez consultas que o marido haja de fazer á sua mulher, nove pelo menos não deixarão de submeter-se ao veredicto do confessor e êle, o marido, haverá de esperar com paciência a decisão oracular. E dado que se impaciente, que reclame, lá vai ela aos pés do confessor para debater a sua desgraça, ligada a um homem insensato. Assim, patenteia ao seu "querido padre" o desconsólo de semelhante tirania e como lhe seria a vida insuportavel, se não pudesse gozar aquela prerrogativa de vir prosternar-se, alí assim, aos seus pés, para aliviar-se das tribulações, ouvir-lhe as palavras carinhosas e os paternais conselhos.

E tudo para concluir declarando que, deante dêle e a seus pés, encontra descanso para o espírito combalido, bálsamo para as chagas do coração, paz para a consciência atribulada!

Ao regressar do confessionário, é como se uma celestial harmonia lhe tilintasse nos ouvidos; as frases melifluas do confessor repercutem-lhe por muitos dias no coração; a ausência dêle parece-lhe um vácuo, a sua imagem surge-lhe á mente a todo o instante, e as suas meditações mais empolgantes são as evocativas das amabilidades que êle lhe dirigiu.

Nem algo ha que tanto lhe agrade agora como falar das prendas e dotes do confessor, da sua paciência, da sua piedade, da sua caridade.

Anseia pelo dia em que haja de fazer outra confissão, que lhe permita passar algumas horas aos pés do angélico pastor, a desnudar-lhe todos os segredos e pesares do seu coração.

Diz-lhe quanto sente não poder vê-lo mais á miúde e aproveitar os seus benévolos quão sábios

conselhos, sem ocultar que, sonhando, muitas vezes se encontra venturosa, ao seu lado.

E' a separação conjugal progressiva, que assim se processa. A' mente já lhe assoma um laivo de pesar, por não poder esposar um homem tão santo...

Ah! se fôsse possível... Nesse cómenos, as faces se lhe ruborizam e ela sorri e põe-se a trau-tear...

Pergunto então: quem é o verdadeiro suserano e dono da casa? Por quem vive e pulsa êsse coração?

E' assim que essa estupenda impostura — o dogma da confissão auricular — destrói totalmente todos os vínculos, gózos, responsabilidades e privilégios da vida conjugal, transformando-a em vida de adultério permanente, não obstante disfarçado.

Na igreja romana, torna-se inteiramente impossível serem identificados dois em um, marido e mulher, porque entre os dois a igreja coloca um monstro que se chama o confessor.

Originada em época de grande obscurantismo, essa entidade recebeu do inferno a missão de contaminar e destruir os mais puros gózos da vida conjugal, com o escravizar a mulher, insultar o homem e perder o mundo!

Quanto mais se pratica a confissão auricular, mais se calcam a pés as leis da moral pública e privada.

O marido deseja possuir a mulher exclusivamente para si, não consente nem pôde consentir que outro homem compartilhe da sua autoridade. No mundo, quer constituir-se depositário único da confiança, do respeito, do amor de sua eleita, da mãe dos seus filhos.

Ora, assim sendo, desde que vislumbre a som-

bra de um confessor entre êle e a sua preferida, antes se permitirá desfazer seu compromisso, abster-se do casamento.

O gôzo santo da vida familiar, os encantos domésticos, se esvanecem no seu conceito e a êsses atrativos divinos preferirá a existência indiferente e fria de ignominioso celibato, antes que arrostar com a humilhação e opróbrío de uma possível paternidade duvidosa.

Todos os dias a Espanha, França e outros países católicos vêem crescer o número dêsses celibatários.

Em compensação, diminue-se-lhes o coeficiente familiar e se Deus, por fôrça de grande milagre não obstar o progressivo quáo rápido enfraquecimento dessas nações, é facil prever o dia em que hajam de vegetar á sombra da tolerância compassiva dos vigorosos países protestantes, que os rodeiam.

Por que se evidencia tão pobre e abatido o povo irlandês?

Por que, providencialmente dotado de tão nobres qualidades, nos parece assáz destituído de inteligência e amor próprio, ao ponto de ufanar-se do próprio atraso?

Por que tem sido o seu território, durante séculos e séculos, teatro de sangrentos tumultos e cobardes assassínios?

Sabemo-lo todos: a causa de tudo radica na escravização da mulher por meio do confessionário.

Nem ha quem ignore que o servilismo, a escravidão, a degradação espiritual dos irlandêses não têm meças de limite. E' elas, por sua vez, arrastam consigo os maridos e os filhos.

Pobre Irlanda! miserável, rebelde, sanguinária e subjugada, has de ser objéto da compaixão universal, enquanto repelires O Cristo para te subme-

teres ao padre confessor, de sentinela colocado pelo Papa em cada uma de tuas aldeias!

Quem se não terá admirado da decadência da França?

Como se dissolveram os seus grandes exércitos, como puderam os seus valerosos soldados ser batidos e desarmados com tamanha facilidade?

Como poderia a França exangue, prostrada ás plantas de seus inimigos, surpreender o mundo estarrecido com o espetáculo de chacinas incrivelmente selvagens quais as da Comuna?

Ah! não procureis a causa da derrota humilhante e vicissitudes incontáveis da França, além ou fóra do confessionário.

Pois não vedes como êsse grande e nobre país vem secular e obstinadamente rejeitando a Cristo?

Não é verdade que tem massacrado e exilado tantos de seus grandes concidadãos só por quere-rem seguir os Evangelhos?

E suas filhas não teem sido, tambem elas, tão gentís, acorrentadas aos confessores, que as poluiram?

Como, pois, poderia a mulher francesa ensinar ao marido e aos filhos o amor á liberdade, sendo elas miserandas e abjéttas escravas?

Como lhes inspirar virtudes varonís, heróicas, guardando em si mesmas o virus da corrupção sacerdotal?

As mulheres da França, entregaram incondicionalmente a cidadela nobre e pulcra do coração, da inteligência e do amor próprio, ás mãos de seus confessores, muito antes dos maridos e filhos entregarem suas espadas aos alemães em Sedan e Paris.

A primeira rendição houvera preparado a segunda.

Na França, a ruína moral decorrente dos con-

fessionários, verificou-se a fogo lento, de longos tempos. Séculos e séculos foram precisos para afeiçoar e escravizar as nobres filhas da França.

Esta, a verdade; mas, quem quer que conheça esse país, não ignora que uma tal ruína é tão completa quão deploravel.

E' já um fato consumado — *fait accompli* — que ninguém ousará contestar.

Proclamam-no os maiores publicistas. Michelet, pensador dos mais profundos dessa terra infeliz, descreveu a degradação insanavel num livro eloquentíssimo — *O Padre, a Mulher e a Família*; e até hoje não houve quem se atrevesse a refutá-lo.

Todos os conhecedores da História sabem, perfeitamente, que a desmoralização da mulher faz-se acompanhar sempre, á breve trecho, da desmoralização do país, e esta da perda de independência política.

A nação francesa foi predestinada por Deus para abrigar uma raça de gigantes. E assim foram seus filhos briosos e denodados, inteligentes e vivos, corajosos e fortes para empunhar espadas gloriosas; mas, assim como o granito mais riço se fende e dissolve ao gotejo constante do pingo dagua, assim se estracinhou essa grande nação, não direi pelas gotas, mas pelos rios de águas impuras, que, durante séculos se precipitaram sobre ela, manantes todas da fonte pestífera do confessionário.

“*A justiça exalta a nação, mas o pecado é o ludibrio de todo povo*” (Provérbios XIV — tradução literal).

Nas revoluções e súbitas mudanças destes últimos anos, a França não tem retido o seu quinhão e a igreja de Roma ali tem recebido cheques que, embora passageiros, hão de servir para despertar o

povo, no tocante ás correções e embustes da cle-rezia.

E a Espanha, por que se nos apresenta tão débil, tão infelicitada, tão pobre, a dilacerar o próprio seio, a regar o pátrio sólo com o generoso sangue de seus filhos?

Confessionário, eis a causa única, porque aí, também o confessor escravizou e corrompeu a mulher e a mulher, por sua vez, corrompeu, degradou marido e filho, espalhou na sociedade os sentimentos aviltantes hauridos no confessionário.

Entretanto, quando assinalamos, sem discrepância de uma só excessão, a decadência rápida das nações cujas mulheres se abeberam na fonte impura do confessionário, é de vermos que as nações convizinhas, aquelas que souberam destruir êsses focos de iniquidade, avultam em florente prosperidade igualmente acelerada.

Tremendo contraste! De um lado, os países que toleram a escravidão feminina do confessionário — França, Espanha, Irlanda, Mexico, etc. — de rastro, ensanguentadas, combalidas e fragmentadas, quais vítimas imbeles de vorazes abutres.

Doutro lado as nações cujas mulheres vão lavar seus pecados no sangue de Jesus, o Cordeiro de Deus, o Salvador Único, essas, abrem as asas em remigos amplos e vigorosos para os mais elevados níveis de progresso, de liberdade, de paz.

Pudessem os legisladores bem compreender a necessidade imprescindível de proteger a mulher, haveriam de proibir, mediante leis rigorosas, essa confissão auricular, por contrária á sã moral e, portanto, ao bem estar social.

Tão certo é que, apesar da habilidade com que o clero engana o público com aparências de prática

religiosa, o confessionário não passa de escola desmoralizante e perversora.

Digo mais: — depois de 25 anos de tirocínio no confessionário, tendo ouvido em confissão pes-sôas de todas as classes e condições sociais, ricos e pobres, padres e leigos, grandes vigários, bispos e freiras, declaro perante o mundo e com a mão na consciência, que a imoralidade do confessionário é de natureza mais perigosa e degradante do que aquela comumente atribuída ao desregramento das nossas grandes cidades.

O prejuizo do intellecto e do espírito é, regra geral, mais perigoso e insanavel, porque a vítima nem o suspeita, nem o compreende.

A meretriz que se entrega a uma vida dissoluta conhece a propria, profunda miseria; lastima e lamenta com lágrimas a sua vergonha e ouve, de todos os lados, as vozes que a convidam a abandonar o caminho da perdição.

A qualquer hora do dia, ou da noite, a consciência põe-na de sôbreaviso quanto aos sofrimentos de uma eternidade, segregada das regiões de santidade, de luz e de vida.

E todas essas influências são, bastas vezes, outros tantos meios de graça utilizados por nosso Deus de misericórdia, para despertar a razão do peccador e salvá-lo, alfim.

No confessionário, porém, o veneno é minis-trado com o rótulo de agua pura e sedativa. O golpe fatal desfere-se com espada de gume tão fino e azeitado, que nem se faz sensível, o que vale dizer — os pensamentos mais vís, mais impuros, são sugeridos, insinuados com tamanha astucia, sob a fôrma de perguntas e respostas, que até são aceitos como verdadeiro pão de vida!

Alí, todas as noções de modestia e recato hão

de ser abandonadas e esquecidas, em holocausto ao deus de Roma.

No confessionário, insinua-se á mulher, e elle firmemente, não haver pecado algum em disre-
tear ali assim sôbre assuntos os mais torpes e capa-
zes, por sua torpeza, de excluir para sempre da so-
ciedade, quem quer que em sociedade os versasse.

Declaro ainda uma vez que a intelligência ao influxo deletério dessa nefaria instituição, fica muitas vezes corrompida.

As suas vítimas tombam em perdição quasi inevitavel, por isso que, desconhecendo as próprias culpas, tambem não exoram misericordia; desperce-
bendo e desprezando a fatal enfermidade que nelas se desenvolve, não apelam para o verdadeiro Mé-
dico dalma.

O Filho de Deus teve, certo, em mente esta grande iniquidade, quando sentenciou: — *se um cego guia outro cego, ambos cairão no barranco.*

A quase todas as mulheres saídas do confes-
sionário, os filhos da luz podem dizer: — *Eu sei as tuas obras, que tens a reputação de que vives, e tu estás morta.* (Apoc. III. 1.).

Ninguém pôde, até o presente, nem poderá jámais responder ás seguintes linhas que, anos atrás, enderecei ao Revmo. M. Brunyère, Vigário Geral de Londres”, no Canadá:

Com as faces coradas de pejo e o desgosto no coração, confesso deante de Deus e dos homens, que tenho transitado como vós e convosco pelo confes-
sionário, aí atirado como vós, nesse mar de iniqui-
dade, a dentro do qual os cegos sacerdotes da igre-
ja romana bracejam dia e noite.

Como vós, tive de decorar as impudicas per-
guntas que a igreja obrigatoriamente nos inculca e determina.

Tais perguntas, tive eu de as fazer ás mulhe-
res que me defrontavam nesse tribunal, quer fôs-
sem novas, quer velhas.

Ora, como bem o sabeis, essas perguntas são de um teor tal, que nenhuma barregã ousaria diri-
gí-las a qualquer de suas companheiras.

E são de tal ordem as respostas que ensejam, que não haverá em London um só homem bastante desbriado para as repetir deante de uma senhora, excéto os sacerdotes.

Sim, eu era obrigado, em consciência, tal como hoje o sois, a verter nos ouvidos, na imaginação, no coração, nalma enfim das mulheres, palavras cuja propriedade é atulhar de pensamentos e tentações degradantes, a mente de confessor e confessanda.

Póde dizer-se que a antiguidade pagã não conheceu instituto mais corrutor que o do confes-
sionário, porque nada é mais imoral que obrigar a
mulher á revelar a um padre celibatário, os seus
atos e pensamentos mais íntimos.

O confessionário é escola de perdição. Poderieis negá-lo aos protestantes, mas, não a mim.

Ouví-me, pois, meu caro Sr. Bruyère: se avil-
tado me considerais por ter vivido vinte cinco anos na atmosphéra do confessionário, tendes toda a razão. Eu estaria, então, nas mesmas condições deprava-
das em que hoje vos encontrais, vós e todos os pa-
dres, a despeito de vossas negativas.

Se me averbais de abjéto porque me encontrava como vós mergulhado nas aguas profundas e pú-
tridas que manam do confessionário, nada me custa confessar-me culpado, porque, de fato, poluido esta-
va, assim como estais e estão todos os sacerdotes de Roma.

E para purificar-me, creia, foi preciso nada menos que o precioso sangue da grande Vítima que

expirou no Calvário em benefício dos pecadores. A Deus rogo vos purifique também pelo mesmo sangue”.

Se os legisladores, repito, compreendessem o respeito e proteção a que a mulher faz jús, haveriam de proibir a confissão auricular como crime de lesa-sociedade.

Não ha muito tempo, um tipógrafo na Inglaterra foi sevemente condenado á prisão, por haver publicado em inglês as perguntas de praxe confessional.

Condenação justa, por isso que, quantos lessem o livro ficariam cientes e convictos de que mulher alguma fôra capaz de inteirar-se do seu conteúdo sem morrer moralmente.

Mas, que fazem os padres no confessionário? Não versam, porventura ,aqueles mesmos assuntos?

Castigando a lei, como criminosa, a publicação dessas perguntas em livro, achará que não seja crime passível de pena o dirigí-las diretamente a mulheres casadas e solteiras, por meio da confissão auricular?

Responda, em consciência, todo aquele a quem não falte senso comum.

Efetivamente, que diferença pode haver no aprender a mulher tais coisas lidas, antes que ouvidas dos lábios de um homem?

Dar-se-á que não façam muito maior impressão, quando enunciadas por um homem que diz falar em nome de Deus, do que fixadas nas páginas de um livro destituído de uma tal autoridade?

Aos legisladores da Europa e da América, digo-lhes:

Lêde e lembrai-vos que o Papa dispõe de tantos como 100.000 padres, cujo principal trabalho é

infiltrar essas idéias no ânimo das mulheres que lhe caem no laço.

Vamos supôr que um padre confesse cinco penitentes por dia, (embora saibamos que a média é dez) e teremos destarte a espantosa cifra de 500.000 mulheres, que os padres romanos teem o direito de corromper *diariamente!*

Legisladores de povos ditos policiados, onde o vosso amor á moral pública, quando permitís se castigue um simples editor de fórmulas confessionais, e premiaís êsses homens cuja vida pública e privada se destina a espalhar muito mais escandalosa e eficazmente o mesmo virus imoral sob a capa da religião?

O confessionário é, nas mãos de Satanaz, o que West-Point é para os Estados Unidos e Woolwich para a Inglaterra.

Aí se disciplina e treina o exército para vencer o inimigo. Também no confessionário se preparam e adextram 500.000 mulheres por dia, ou sejam 182.000.000 por ano, afim de guerrear a Deus, mediante a infiltração e aceitação de todas as idéias as mais corrutas.

Rogo mais uma vez aos legisladores e chefes de família, em geral, pais, maridos, irmãos de toda a Europa, América e Austrália, que procurem ler nas obras de Dens, Ligório, Debreyne, bem como em todos os livros de teologia romana o que as mulheres são obrigadas a ouvir no confessionário.

Os sacerdotes católico-romanos costumam, para se justificarem, empregar um misérrimo sofisma.

Assim é que dizem: o médico não é, também êle, obrigado a fazer operações melindrosas? — E, porventura, ha quem se queixe dos médicos? Não lhes concedei plena liberdade de ação? E, como

censurá-los na prática conscienciosa de seus árduos deveres?

Então, porque insultais o médico das almas no desempenho do seu melindroso dever e santo ministério?

Respondo, antes do mais, que a arte e ciência médicas são aprovadas e até louvadas em muitas passagens das Sagradas Escrituras, enquanto que a arte e ciência de confessar, em parte alguma se encontram mencionadas nas páginas sagradas.

A confissão auricular não passa, portanto, de estupenda impostura.

O questionário obscuro e impudico do confessor, tanto quanto as respostas despidoras que êle suscita e estimula, foram por Deus mesmo averbadas entre as ações diabólicas e proibidas, quando o Espírito de Verdade, Santidade e Vida mandou escrever esta inorredoura sentença: *que nenhuma palavra má, saia da vossa boca.* (S. Paulo aos Eph. IV. 29).

Em segundo lugar, o médico não é obrigado, sob juramento, a ficar na ignorância das cousas que tem por dever examinar e curar.

O sacerdote romano, porém, é obrigado, mercê dos votos ímpios quão ridiculos de castidade, a nada saber das matérias diariamente objetivadas nas suas indagações, observações e conjecturas.

Ele, o padre romano, jurou não saborear, já-mais, os frutos de que se nutrem constantemente o seu coração, o seu espírito, a sua memória.

Em terceiro lugar: — se uma senhora tem pequena ferida no dedo mínimo e se vê na contingência de procurar o médico, não lhe mostra nada mais que o dedo doente e, tanto que se lhe aplique o emplastro ou unguento, completo fica o curativo.

Nem o médico dirá, nunca, a essa senhora, que

tem por dever de lhe suspeitar outras enfermidades espalhadas pelo corpo e que é obrigado, assim, sob pena de morte, a examiná-la da cabeça aos pés, afim de isentá-la d'esses males ocultos, que poderão levá-la á sepultura, se de pronto não forem debelados.

Não lhe dirá, por exemplo, que algumas dessas enfermidades são de tal natureza que ela não ousaria dar-lhes a devida atenção, podendo mesmo succeder que até as ignorava absolutamente.

E depois, em concluindo, não lhe falaria assim: “reconheço, Exma., que seu caso é assaz penoso e delicado para nós ambos, visto que não prescinde de um exame minucioso do seu organismo. Tenha paciência, não ha remédio, o dever profissional assim mo impõe”.

“Nada obstante, não ha que ter receios, pois sou um homem santificado, prêso ao voto de castidade... Estamos á sós, isolados do mundo, nem seu pai, nem seu marido, nem ninguem saberá das enfermidades latentes que, porventura, lhe venha a descobrir. Nunca, já-mais, poderão suspeitar do exame profundo que lhe vou fazer, bem como do remédio que lhe vou aplicar”.

Dizei-me se houve, já-mais, um médico autorizado a proceder destarte com as suas clientes.

Nunca! *Nunca!*

Entretanto, é dessa fórmula que operam os médicos espirituais, instrumentos do demônio votados á escravidão e perdição da mulher.

Quando a paciente espiritual, tímida e honesta, vai á presença do confessor afim de lhe mostrar a feridinha que achou no dedo mínimo de sua alma, o médico espiritual logo se julga obrigado a suspeitar que a paciente é portadora de chagas outras, occultas quão vergonhosas!

E' o que acontece em nove sôbre dez casos, sendo-lhe *permitted* supor sempre que a cliente não se atreve a descobrir tais chagas.

A igreja lhe recomenda, portanto, que inflúa no ânimo da criatura, para que esta lhe permita esquadriñar todos os escaninhos do coração, abor-dando, esbagaçando toda a espécie de contaminação e impurezas, motivos secretos, pensamentos vergo-nhosos e indizíveis!

Para isso, o jóvem sacerdote é exercitado na arte satânica, capaz de escafandrar e revolver os mais profundos escaninhos dalma, quasi sempre contra a vontade da paciente.

Poderia aqui citar centenas de teólogos em abono da assertiva.

Mas, por enquanto, basta nomear apenas três.

Para evitar que o confessor por indolência he-site no indagar das circunstâncias de pecado por pecado, tenha êle sempre de guarda o seguinte ver-sículo de circunstâncias:

Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.

Quem, qual, onde, com quem, porque, como, quando. (Dens, Vol. VI, pag. 123, Ligório, Vol. II, pag. 464).

O célebre livro dos sacerdotes intitulado — *O Espelho do Cléro*, diz, á página 357:

“Oportet ut confessor solet cognoscere quid quid debet judicare. Diligens igitur inquisitor et subtilis investigator sapienter, quasi astute, interrogat a peccatore quod ignorat, vel verecundiã vilit occultare.

“Necessário é que o confessor saiba tudo o que tem de julgar. Interrogue pois o pecador com sabedoria e subtileza, acêrca dos pecados *que possa ignorar*, ou que por vergonha deseje ocultar”.

Assim, a pobre e indefesa donzela é entregue, de corpo e alma a autoridade sacerdotal, afim de ser examinada sôbre todos os pecados que ela própria ignora, ou que, não ignorando, procura ocultar!

Em que vasto oceano de ignominias não é, então, impellido êsse frágil batêl, pelas mãos do confessor!

Por quais abismos de espurecias terá de singrar na exclusiva companhia do padre, antes que este lhe tenha interrogado sôbre *todos os pecados que ela ignora* ou que, simplesmente, teme revelar! Quem poderá descrever a suspresa, a vergonha, a aflição de uma virgem casta, tímida e ainda adolescente quando, pela primeira vez se vê submetida a infâmias tais?

E contudo, esta é a pauta, o *dever sagrado* do médico espiritual!

E existem para mais de 100.000 homens licenciados, autorizados e até assalariados por governos que se dizem civilizados, afim de praticar êsses abusos em nome do Deus do Evangelho!

Em quarto lugar, respondo ao sofisma do sacerdote, ponderando que, quando um médico tem de fazer, numa senhora, melindrosa quão arriscada intervenção cirúrgica, êsse médico jámais fica a sós com a operanda, mas, ao invés, sempre tem para assistí-lo um parente, um amigo, de modo que impossível se lhe torna cometer um ato menos lícito.

Quando, porém, a penitente se apresenta ao médico espiritual para que este lhe examine a enfermidade da alma, não ficam á face um do outro inteiramente isolados, vergonhosamente sôzinhos?

Onde os ouvidos protetores dos parentes, dos amigos? Onde a barreira, o escudo interpostos en-

tre êsse homem fraco, exposto á tentação, quando não devasso inveterado, e a vítima que o defronta á fito?

Que confessor ousaria empregar tamanha licenciosidade em seus questionários, em presença de um pai, de um marido, de qualquer testemunha enfim?

Ninguém o afirmaria, por hipótese, sequer.

Todos sabemos que o pai, marido ou parente, não deixaria de aplicar o merecido corretivo ao homem infame que, a pretexto de religião, tentasse corromper-lhe a mulher ou a filha, a irmã ou pupila.

Finalmente: quando o médico procede a uma operação melindrosa, ha sempre dores, gritos, alarmes e, geralmente, efusão de sangue. O médico humano e probo sofre sempre, moralmente, quasi tanto como a paciente e êsses sofrimentos impossibilitam, anulam, moralmente tambem, qualquer atentado do operador.

Mas, as chagas de uma penitente? Que coração de confessor se confrangerá quando as esvurma?

Nenhum. Antes, diríamos, é o contrário que se dá.

O Salvador deplora os anjos lastimam êsse mal, mas o coração corruto e falacioso do homem propende a gozar com aquilo mesmo que tanto se identifica com o seu próprio estado.

Acaso teve David seu coração penalizado e transido de horror deante da formosa Betsabé, quando ella tão imprudentemente se expôs no banho?

Absolutamente. Antes, pelo contrário, o santo profeta foi ferido e lançado ao pó, graças áquele olhar criminoso.

E Sansão, o atleta, não foi tambem êle vencido pelos encantos de Dalila?

E Salomão, o sábio por excelência, não se deixou enrodilhar e seduzir pelas mulheres da sua côrte?

Quem haverá por aí capaz de acreditar que os solteirões da milícia papal sejam mais irreductiveis, mais integros que Daví, Sansão, Salomão?

Quem, tão baldo de senso comum que imagine os padres romanos mais fortes que Sansão, mais criteriosos, mais sábios, mais puros que Daví e Salomão?

Quem imaginará, garantirá o aprumo dêsses confessores em meio a tempestades que assomaram e derrubaram êsses gigantes do exército do Senhor?

Admitir que, na maioria dos casos o confessor possa resistir ás tentações que o envolvem diariamente e recuse tenaz e persistente os ensejos oferecidos á satisfação de uma natureza depravada, não é otimismo simples, nem é caridade, porque é apenas loucura.

Não quero com isto dizer que todos os confessores e confessandas incidam em igual degradação.

Graças a Deus, alguns tenho conhecido, que combateram valorosamente e triunfaram nesse campo de ignominiosas derrotas.

Estes, porém, valem sempre como excessões. E' assim como succede quando um incêndio acaba de consumir alguma destas vastas florestas americanas.

Espectáculo desolador, na verdade, o de tantas majestosas árvores devoradas pelas chamas.

Mas, qual não é a surpresa do viajante ao descobrir aqui e ali alguns troncos que puderam resistir e escapar ao cataclismo!

Não houve quem se não comovesse com a notí-

cia de que a grande cidade de Chicago ficara reduzida a um montão de cinzas.

Mas, as pessoas que la foram ao local de tamanha desgraça e viram aquelas ruínas de 16.000 casas, houveram de estacar estupefatas deante de alguns edificios que, no meio daquelle vulcão, tinham ficado incólumes!

Assim, é certo que, mercê de uma proteção maravilhosamente divina, algumas almas privilegiadas escapam á ruína moral que devasta a maioria, no confissãoário.

Essa instituição pode comparar-se á teia de aranha.

Nesta, quantas moscas demasiadamente ingênuas vão encontrar morte certa, quando apenas procuraram repouso na bela e primorosa construção da inimiga astuta. E, quão raras as que lhe escapam... ainda assim, não isentas de esforços desesperados?

De vêr-se, como a aranha, abscendida no seu cantinho, parece a inocência personificada.

Quieta, imóvel, aguarda com paciência o momento favoravel; mas, tanto que este se apresenta, vêde tambem com que rapidez salta e envolve a vítima naquela malha tênue e quasi imperceptivel!

Depois, com que sêde impiedosa passa a sugar-lhe o sangue e aniquilar-lhe a vida!

E breve, que resta da imprudente assim colhida na rede inimiga e fatal? Um esqueleto, nada mais.

Pois aí temos, figuradamente, o que succede com a maioria das espôsas e filhas que voltam do confissãoário, onde o vampiro do Papa lhes suga o sangue dalma.

Delas, moralmente falando, nada mais resta que um esqueleto.

Os que nisto nos atribuam exagêro, leiam e meditem as seguintes citações respigadas nas Memórias do Veneravel Scipio de Ricce, Bispo de Pistoia e Prato, Italia.

Essas Memórias fôram publicadas pelo govêrno católico da Italia, no intuito de mostrar ao mundo a necessidade que tinham as autoridades civís e religiosas de tomar providências, que evitassem o empolgamento da nação pela influencia corruptora do confissãoário, já manifestada entre os mais devotos sequazes do romanismo, os frades e as freiras.

O clero nunca se atreveu a contestar uma linha sequer destas revelações espantosas.

A' páginas 115 depara-se-nos a seguinte carta de Soror Flavia Praccini, Priora do Convento de Santa Catarina, endereçada ao Dr. Tomaz Campanina, Reitor do Seminário de Pistoia:

"Anuindo ao vosso pedido de hoje, apresso-me a dizer alguma coisa, mas, sem atinar como bem e melhor o possa fazer. Daqueles que dêste mundo já se foram, nada direi. Dos que ainda vivem e revelam pouca decência de conduta, muitos ha, entre os quais citarei um ex-provincial chamado Padre Dr. Ballendi, e Calvi, Zoratti, Bigliacci, Cuidi, Miglieti, Verde, Bianchi, Ducci, Seraphini, Bolla, Nera di Luca, Quaretti, etc.

Contudo, para que nomear mais? A' excessão de uns três ou quatro, todos quantos tenho conhecido, vivos ou mortos, revelaram o mesmo carater, tiveram e têm as mesmas máximas e o mesmo comportamento.

Entreteem com as freiras maior intimidade do que se com elas fôsem realmente casados! Repito, muito tempo levaria se me propusesse contar por metade tudo quanto sei a respeito.

Quando elles veem confessar alguma irmã en-fôrma costumam ceiar com as freiras, cantar, dan-sar, jogar e dormir no convento.

Adotam e seguem a máxima de que Deus proí-biu o odio mas não o amor; e que homem e mu-lher foram feitos um para o outro.

Confesso que lhes sobra habilidade para ilu-dir as mais prudentes e recatadas e que milagre se-ria conversar com elles sem cair em peccado.

A' pag. 117, lemos:

“Os padres são os maridos das freiras, e são os irmãos leigos das irmãs leigas.

Na cela de uma freira, certo dia, foi surpre-endido um deles... Fugiu, mas, eis que pouco tem-po depois nos mandaram esse mesmo homem na qualidade de nosso confessor extraordinário.

Quantos bispos não ha nos Estados Pontificios, que, sabendo destes disturbios, teem feito correições e sindicâncias?

E contudo, não lhes puderam dar remédio, por-que os frades, nossos confessores, dizem que serão excomungadas todas as que revelarem quanto se passa á dentro da Confraria!

Pobres criaturas! Pensam abandonar o mun-do por lhe escaparem aos perigos, e acabam encon-trando perigos ainda maiores.

Nossos pais educam-nos bem, mas aqui have-mos de esquecer tudo quanto nos ensinaram”.

Vejamos ainda á pag. 188:

“Não suponha que tudo isto suceda apenas em nosso convento, pois o mesmo se dá em Santa Lucia, Prato, Pisa, Perúgia, etc.

Casos conheço eu, que lhe haveriam de causar assombro. Por toda a parte, as mesmas desordens, idênticos abusos. Digo e redigo que, apesar de tudo quanto possam suspeitar os nossos superiores, não

sabem a mínima parte das enormes torpezas consu-madas entre os frades e freiras de sua confissão.

Cada frade que transitava em direção ao capi-tulo pedia a uma irmã enfôrma que se lhe con-fessasse, e... — !”

Mais isto, á pag. 119:

“Relativamente ao padre Buzachini, cabe dizer que se portou exatamente como os demais, mantem-do-se de pé até altas horas da noite, a divertir-se e a permitir-se as irregularidades do costume.

Sua amante foi a Odaldi, de Santa Lúcia, que freqüentemente lhe enviava lembranças e manja-res.

Nada obstante, êle tambem acarinhava a filha do nosso feitor, o que não deixava de originar ciú-me entre nós outras.

Além disso, perdeu a infeliz Cancellieri, a nossa sacristã.

Os frades são todos os mesmos para com as suas confessandas.

Anos ha, succedeu que as freiras de S. Vicen-te, em consequência da extraordinária paixão que nutriam por seus confessores Lupi e Borghiani, se achavam divididas em facções, das quais uma se denominava La Lupi, e a outra La Borghiani.

Quem causou maior impressão foi Donati, que, creio, está agora em Roma. O padre Brandi tam-bem logrou grande voga. Este, penso seja agora Prior de S. Gemignani.

Em S. Vicente, que passa por ser uma ordem muito austera, elas, as freiras, tambem teem os seus amantes”.

Minha pena recusa a reprodução de outras cousas que as freiras italianas publicaram contra os seus confessores.

Baste, porém, o que aí fica, para demonstrar

que a confissão outra cousa não é senão uma escola de perdição, até mesmo para as classes profitentes, que se arrogam foros de santidade dentro da comunidade romanista, isto é, os frades e as freiras.

Passemos da Italia á América e vejamos como atúa a confissão auricular, já não diremos entre os *santos* frades e freiras, mas, entre os padres e as mulheres das classes mais humildes.

Grande o número de paróquias nas quais os confessores teem seduzido e pervertido confessandas, mas, sem embargo, só de uma falei.

Certa feita, quando vigário de Beauport, fui convidado pelo Revmo. Proulx, vigário de Santo Antonio, a realizar uma missão em sua paróquia, em companhia do Revmo. Aubry. Afim de nos auxiliarem, levamos conosco mais oito ou dez sacerdotes.

Logo no primeiro dia, depois das prédicas e de umas cinco ou seis horas passadas no confessionário, fomos obseqüidos pelo hospitaleiro colega com uma lauta ceia.

Evidente se fazia, contudo, que ali nenhum dos confessores estava á vontade.

Pelo que me dizia respeito, não podia erguer os olhos para o meu vizinho e sempre que tentava falar era como se a língua se me travasse, com a garganta constringida, a articulação imperfeita.

O mesmo sucedia, manifestamente, com os outros sacerdotes.

Ao invés, pois, das alegres e ruidosas conversas que animaram os anteriores repastos, apenas se trocaram palavras insignificantes, quasi em surdina.

O Revmo. Proulx, de comêço, parecia subju-

gado pela mesma influência estranha e melancólica, que a todos nos assomava.

Durante a primeira parte da refeição, pouco falou, mas, por fim, ergueu a fronte e a todos nós fitando com olhares de homem réto, disse com a sua afabilidade de voz e de maneiras:

“Caros amigos, estou notando que estais todos profundamente tristes e pesarosos. Como que trazeis um pêso que não podeis suportar, nem alijar. Conheço a causa da vossa tribulação e não me leveis a mal a tentativa de vos proporcionar um alívio.

Tendes ouvido, nas confissões, o relato de muitos peccados, mas, sei que não é isso que vos molesta.

Pela vossa mesma experiência do confessionário, conheceis, que farte, as misérias da natureza humana.

Passo assim, sem mais rodeios, ao assunto capital. Já deixou de ser segrêdo para alguém que, nesta freguesia um dos meus antecessores foi assaz fraco e de péssima conduta com a maior parte das mulheres casadas que lhe buscavam o confessionário.

Das que lhe escaparam, não se contará mais que dez por cento.

E’ claro que a isto não aludiria, se o soubera apenas através do confessionário; mas, tendo como tenho outras informações fidedignas, posso falar com franqueza e sem quebra de sigilo.

Pois muito bem: o que vos constringe, provavelmente, é o fato de terdes agora ouvido a confissão dessas mulheres, sem lhes indagar a data ou época de suas faltas, de sorte que me julgais o culpado.

Outro não creio, o motivo do vosso embaraço, aqui em tórno desta mesa.

Quando, porém, se vos oferecer o ensejo, in-

dagai do tempo transcorrido sobre o último delicto confessado, com relação ao confessor, e ficareis convencidos de vos encontrardes em face de um homem honrado.

Podeis, conseqüentemente, fitar-me sem receios, pois sou digno de vossa estima, já que não sou, graças a Deus, um sacerdote delituoso”.

Não bem acabara de assim falar e nós prorompíamos em unânime exclamação, dizendo: — “Bravíssimo e muito gratos, porque na verdade nos aliviastes de um pêso enorme”.

E’ fato, disseram alguns, que, não obstante o conceito em que tínhamos a sua pessoa, temíamos se houvesse transviado do caminho, caindo no barranco do pecado.

Eu, por minha vez, também me senti grandemente aliviado, visto como, a meu mau grado, compartilhava daquelas veladas suspeitas dos colegas.

No dia imediato, muito cedo e logo que começaram as confissões, surgiu-me uma das vítimas do supracitado pároco e, por entre lágrimas e singultos contou-me, minuciosamente, o que passo a narrar de modo sucinto:

— Teria uns nove anos de idade quando meu primeiro confessor entrou a praticar comigo ações torpíssimas, sempre que me prosternava a seus pés e lhe confessava minhas faltas.

De comêço, sentia repugnância e pêjo; mas, não tardou me corrompesse, a ponto de aguardar ansiosa toda e qualquer ocasião de encontro, fôsse em casa dele, na igreja, na sacristia, ou ainda no seu quintal, á noite como freqüentemente ocorria.

Entretanto, êle pouco se demorou aqui: com grande magua para mim, removeram-no para outra paróquia, onde veiu a falecer.

O seu substituto, ao princípio, afigurava-se-me uma criatura assaz virtuosa.

Fiz-lhe uma confissão geral, no proposito muito sincero, supunha-o eu, de renunciar para sempre a uma vida tão irregular.

Desconfio, entretanto, que as minhas confidências revestiram carater de tentação para o bom do padre, visto que, pouco tempo depois de concluido o ato sacramental, êle me declarou o seu amor em pleno confessionário, e com tal eloqüência e profundeza de sentimentos, que logo me arrastou de novo á senda pecaminosa.

Assim me conservei durante seis anos, ao fim dos quais vim de mudança, com a família, para esta freguesia.

Essa mudança muito me alegrou, pois eu imaginava que, uma vez separada daquele confessor, deixaria de ser para êle um instrumento de pecado, tendo com isso o ensejo de me reintegrar numa vida nova.

Da quarta vez que me fui ao novo confessor, eis que êle me convidou a que fôsse até o seu quarto e ali me sujeitou a práticas tão nojentas que eu mesmo não sei como lhas conte.

Note que tudo isso ocorreu dois dias antes do meu casamento, e a única filha que tive e tenho é o fruto dessa vergonha.

Depois de casada, é bem de ver que prossegui nas mesmas relações ilícitas com o confessor, aliás amigo de meu marido.

Muitas foram as ocasiões de contacto que se nos ofereceram, não só a pretexto de confissão, como porque meu marido a miúde se ausentava e a filha deixava-se ficar na escola.

Não ignorava, antes estava convicta que mui-

tas outras mulheres incorriam na mesma conduta e viviam, quanto eu mesma, acabrunhadas.

Estas clandestinas quão sacrílegas relações perduraram até que a Deus aprouve interrompê-las com um verdadeiro raio caído do céu.

Aquela filha querida e única, tinha procurado o confessor em preparativos de sua primeira comunhão, e como regressasse da igreja mais tarde do que eu contava, perguntei-lhe a causa de tal demora.

Ela, coitadinha, lançou-se-me nos braços e soluçante, e convulsivamente, exclamou:

“Querida mamãe, não me mande mais lá! Ah! se a senhora soubesse o que o padre me pediu quando ajoelhada a seus pés... Se soubesse o que êle fez e me obrigou a fazer com êle logo que me pilhou á sós com êle na sala de visitas...”

Pobre criança! — nada mais pôde articular e logo me desfaleceu nos braços.

Logo que ela voltou a si, vesti-me e sem perda de um instante dirigi-me, tomada de justa indignação, á residência do perverso sacerdote.

Antes, porém, de sair, disfarsei sob o chale uma faca de cozinha bem afiada, no intuito de abater o infame, que acabava de poluir a filha estremecida.

Felizmente, Deus me fez mudar de plano, enquanto para lá caminhava.

Limitei-me a dirigir-lhe poucas mas enérgicas palavras:

— Você é um monstro, disse-lhe; além de me haver desvirginado, quer agora fazê-lo á minha filha, que é também sua! Patife! Trouxe comigo esta faca, afim de acabar, de uma vez para sempre, com as tuas bandalheiras, mas, considerarei que êste castigo ainda seria leve para um celerado do teu es-

tofo. Sim... eu quero que continues a viver para arrastares contigo a maldição de duas criaturas cuja confiança e amizade traíste de fôrma tão crúa. Quero que vivas, sim, com a consciência de que és conhecido de mim e de outrem, como um dos monstros mais torpes que têm poluído o mundo. Mas, de qualquer fôrma, saiba que, se ao fim desta semana não se puser para bem longe daqui, revelarei tudo a meu marido e pode erer que êle, meu marido, não lhe dará vinte e quatro horas de vida, pois está na persuasão de sua legítima paternidade e não deixará de vingar o ultraje á sua honra.

Hoje mesmo irei procurar o bispo e lhe pedirei que o remova desta paróquia, que tão vilmente deshonrou.

Êle rojou-se a meus pés e, chorando, pediu perdão, rogou que o não denunciasses ao bispo, prometeu corrigir-se e viver como bom sacerdote. Fui, porém, inflexível. Procurei o bispo e o adverti das conseqüências inelutáveis, se teimasse em manter ali, qual parecia desejar, o aviltado sacerdote.

A remoção foi provida, dentro de uma semana, para uma paróquia não muito longe desta”.

O leitor ha de querer conhecer a história subsequente, dêste padre...

Pois fique sabendo que permaneceu ali assim, na bellissima localidade de Beaumont, e sei-o eu de ciência própria que continuou na sua obra de sátiro, aliás gozando reputação de bom padre, pessoa estimavel e... confessor austero e virtuoso!

Porque já o mistério da injustiça se obra: sômente o que agora o retém, o reterá até que do meu seio seja tirado.

E então será manifestado aquele injusto, ao

qual o Senhor desfará pelo Espírito de sua boca, e o aniquilará pelo aparecimento de sua vinda.

Aquele digo, cuja vinda é segundo a eficácia de Satanaz, com toda a potência, e sinais, e prodígios de mentira.

E com todo o engano de iniquidade em os que perecem: porquanto não receberão o amor da verdade, para se salvarem.

E portanto Deus lhes enviará eficácia de error, para que creiam na mentira.

Para que sejam condenados todos os que não creram á verdade, antes tiveram prazer na iniquidade:

(2.^a aos Thess. II — 7 a 12).

CAPÍTULO VII

DEVERA' TOLERAR-SE A CONFISSÃO AURICULAR EM NAÇÕES CIVILIZADAS?

Que os conhecedores da língua latina não se esquivem á leitura em original dos indicados trechos do Bispo Kenrick, Debreyne, Burchard, Dens e Ligório.

Ainda os mais incrédulos, todos se convencem de que o mundo, até mesmo nos tempos mais obscuros do ancestral paganismo, jamais presenciou coisa mais indigna e degradante do que a confissão auricular.

Asseverar que ela — a confissão purifica a alma, não é menos absurdo nem menos ridículo do que afirmar se tornem um vestido ou um lírio brancos mais alvos depois de mergulhados em tinta preta!

Não será verdade que o preposto celibatário do Papa, pelo estudo precedente á sua entrada no confessionário já tem corrompido o próprio coração, tanto quanto mergulhado o pensamento, a memória, toda a sua alma, enfim, num ambiente deleterio, só toleravel aos povos de Sodoma?

Nós perguntamos, não apenas em nome da re-

ligião, mas, também, do bom senso comum: como conceber e admitir que um homem cuja memória e cujo coração se fizeram receptáculo das mais grosseiras espurcias do mundo conhecidas, possa fortalecer e sustentar a pureza e castidade alheias?

Os idólatras da Índia acreditam na depuração de seus pecados bebendo da mesma agua com que banham os pés do sacerdote...

Doutrina monstruosa! A agua que serviu ao pedilúvio de um mísero pecador, com a virtude de purificar almas!

Póde haver doutrina mais extravagantemente monstruosa do que o brahmismo?

Pois ha, fiquem certos: ha uma doutrina mais monstruosa, mais falaciosa e mais contagiosa, e vem a ser aquela que ensina que a alma póde purificar-se por meio de umas palavras mágicas chamadas *absolvição* e bolsadas da bôca de um mísero pecador, cujo cérebro e cujo coração se acham entulhados daquelas ascorosidades dos Dens, Ligórios, Debreyes, Kanicks e tantos outros.

Assim o dizemos porque, se é certo que a alma do pobre indiano não se purifica com a ingestão daquela agua *santa* do pedilúvio sacerdotal, também é certo que o poluido liquido não lhe pode contaminar e perverter a alma.

Entretanto, quem não percebe logo que a bebida espiritual ministrada pelo confessor sob a fórmula de insinuação e perguntas cavilosas vai atingir directamente a alma?

Quem haverá, imune de profunda compaixão por êsses pobres idólatras do Indostão, convictos de se assegurarem uma passagem feliz para uma vida melhor, desde que o possam fazer agarrados á cauda de uma vaca?

E contudo, entre nós, ha pessoas não menos

dignas dessa mesma compaixão, quais as que esperam libertar-se dos seus pecados e granjear eternas venturas mediante aquelas mágicas palavras de absolvição, manadas dos lábios polutos de um pecador vulgar, simples emissário do Vaticano!

A cauda suja de uma vaca, tanto quanto a fórmula mágica do confessor, não passam de invenções idênticas do mesmo Satã.

Uma e outra, dele derivam em linha réta, visto que, para salvar os culpados filhos de Adão, substituem o sangue de Cristo pela magia de criaturas desprezíveis.

Ambos ignoram que só o sangue do Cordeiro de Deus pode purificar-nos de todo o pecado.

A confissão auricular é um atô de pura idolatria, atribúe a um homem aquilo que só Deus pode conceder — o perdão dos pecados.

Quando foi que O Salvador do mundo, disse alhures aos pecadores: *procurai este ou tal outro homem para que vos dê o arrependimento, o perdão, a paz?*

Não, nunca, jamais! Ao contrário, o que disse, foi: *vinde a mim todos os pecadores. Vinde a mim...*

E desde êsse dia até o fim do mundo, todos os écos do céu e da terra repetem e hão de repetir essas palavras do misericordioso Salvador, aos ouvidos de todos os filhos de Adão: — *vinde a mim.*

Quando Jesus concedeu aos discípulos o poder das chaves: quando por estas palavras lhes disse: *Tudo que ligardes na terra será ligado no céu e tudo que aí desligardes será também desligado no céu.* (Math. XVIII. 18) fê-lo em complemento da sua idéia contida no versículo 15 que reza: *se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e êle só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão.*

O próprio Filho de Deus, naquela hora solene, protestou contra a estúpida impostura de Roma, ao dizer-nos de modo positivo que êsse poder de ligar e desligar, de perdoar e reter, se limitava aos pecados que cometemos *uns contra outros*.

Pedro interpretou perfeitamente o pensamento do Divino Mestre, perguntando-lhe logo a seguir: *Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei. Até sete? (v. 21)*.

E, para que os seus verdadeiros discípulos não fôsem induzidos pelos sofismas romanos, ou ainda pelas pretensões berrantes dos *ritualistas*, deu-lhes o Salvador, todo misericórdia, aquela parábola do pobre servo, rematando com as palavras tantas vezes repetidas: *assim vos fará também meu Pai celestial, se de coração não perdoardes cada um a seu irmão suas ofensas. (Math. XVIII — v. 35)*.

Pouco antes, igualmente manifestara a sua vontade em relação ao dever e poder que tinha cada qual dos discípulos para perdoar pecados, dizendo:

Porque se aos homens perdoardes suas ofensas, também o Pai celestial vos perdoará a vós. (Mat. VI, 14, 15).

Sêde, pois, misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso.

E não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; soltai e soltar-vos-ão. (Lucas VI, 35, 37).

A confissão auricular, — como tão eloquentemente o demonstra o Dr. Wainwright em sua obra — *A confissão não é auricular* — não passa de caricato arremêdo daquele perdão dos pecados condicionado ao sangue do Cristo, tal como o dógma ímpio da transsubstânciação não passa de monstruosa máscara da salvação do mundo pela morte na Cruz.

Grande alarde faz a Igreja Romana daquelas palavras do Salvador em S. João, a saber: *a quem quer que perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e a quem quer que os retiverdes, lhes são retidos. (Cap. XX, 23)*.

Atenda-se, porém, a que o próprio Salvador tinha explicado o que pretendia dizer com essas palavras “perdoar e reter”, em S. Mateus XVIII. 35 e VI, 14 e 15 e em S. Lucas VI, 36 e 37.

Assim, pois, só poderiam deixar de o compreender aqueles que voluntariamente fechassem os olhos.

E além disso, o Espírito Santo não se descuidou de nos advertir contra as illusórias tradições humanas neste particular, fornecendo-nos em S. Lucas a explicação daquele trecho de S. João XX, 23, dizendo-nos: *assim convinha que o Cristo padecesse e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos, e em seu nome se pregasse arrependimento e remissão de pecados em todas as gentes, começando de Jerusalém. (S. Lucas XXIV, 46 e 47)*.

Para melhor compreendermos a palavra do Salvador em S. João, Cap. XX, 23, ponhâmo-las de paralelo das suas explicações em S. Lucas XXIV, 46, 47.

S. Lucas, XXIV.

33 — Elevando-se na mesma hora, tornaram a Jerusalém e acharam congregados aos onze, e aos que estavam com êles.

34 — Que diziam: verdadeiramente o Senhor ressuscitou, e já apareceu a Simão...

S. João XX.

18 — Vem Maria Madalena e denunciou aos discípulos, que vira ao Senhor, e que estas cousas lhe dissera.

36.— E falando êles destas cousas, o mesmo Jesus se pôs no meio dêles e lhes disse: paz seja convosco.

37 — E espantados êles, e mui atemorizados, pensavam que viam algum espírito.

38 — E êle lhes disse: por que estais turbados, e por que sobem *tais* pensamentos em vossos corações

39 — Vêde minhas mãos e meus pés, que sou eu mesmo: apalpai-me e vêde que o espírito não tem carne nem ossos, como vós vêdes que eu tenho.

40 — E dizendo isto, lhes mostrou as mãos e os pés.

41 — E não o crendo êles ainda de gôzo, e maravilhados, disse-lhes: tendes aqui alguma cousa que comer?

42 — Então lhe apresentaram parte de um peixe assado e de um favo de mel.

43 — O que êle tomou, e o comeu deante de seus olhos.

44 — E disse-lhes: estas são as palavras que vos disse, estando ainda convosco: que convinha se cumprissem todas as cousas, que na lei

19 — Vinda pois já a tarde, o dia primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, por medo dos Judeus, se tinham ajuntado, veio Jesus, e pôs-se no meio e disse-lhes: Paz hajais.

20 — E dizendo isto, mostrou-lhes suas mãos e seu lado. Assim que os discípulos se gozaram, vendo ao Senhor.

21 — Disse-lhes pois Jesus outra vez: Paz hajais; como o Pai me enviou, assim eu vos envio a vós outros.

22 — E havendo dito, soprou “sobre êles”, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.

de Moisés e nos Profetas, e nos Salmos, de mim escritas.

45 — Então lhes abriu o sentido, para que entendessem as Escrituras.

46 — E disse-lhes: assim está escrito e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos.

47 — E que em seu nome se pregasse o arrependimento, e remissão de peccados em todas as gentes, começando de Jerusalém.

23 — A quem quer que perdoardes os peccados, lhes serão perdoados; e a quem quer que os retiverdes, lhes serão retidos.

Comparando-se as narrações de S. Lucas e S. João, ressaltam tres cousas, a saber:

1.º — que falam do mesmo evento, dando, porém, um deles, certos pormenores pelo outro omitidos, tal como se dá nos outros Evangelhos;

2.º — Que as palavras citadas por S. João: *a quem quer que perdoardes os peccados, etc.* — são explicadas pelo Espírito Santo em S. Lucas, na accepção de que os Apóstolos deveriam pregar o arrependimento e a remissão dos peccados, por Cristo.

Isso, precisamente, o que o Salvador disse em S. Mateus, Cap. IX, v. 13: *ide e aprendei que cousa é misericórdia quero e não sacrificio. Porque eu não vim a chamar justo, senão peccadores á arrependimento.*

E' a mesma doutrina annunciada por S. Pedro em Atos, II, 38: *arrependei-vos e batize-se cada um de vós outros em nome de Jesus Cristo, para perdão dos peccados; e recebereis o dom do Espírito Santo.*

Aí a temos e outra não pôde ser a doutrina do perdão dos pecados, não mediante confissão auricular e absolvição lacônica, mas pela predicação da Palavra de Deus: — *Seja-vos pois notório, varões irmãos, que por este se vos anuncia a remissão de pecados.* (Atos XIII, 38).

3.º — E' evidente que, em aparecendo e falando Jesus no meio dos discípulos, estes não estavam sós e sim acompanhados de outros discípulos além dos onze, e até mesmo de algumas mulheres.

Se, pois, a Igreja Romana pudesse provar que Jesus pelo que disse naquela hora solene, estabeleceria a confissão auricular com outorga de absolvição implementar, provado ficaria desde logo, que não só os homens mas também as mulheres e, finalmente, todo o prosélito, estaria imitado na investidura de ouvir confissões e absolver pecados.

O Espírito Santo não foi prometido nem concedido exclusivamente aos Apóstolos e sim a todo o crente, conforme se nos depara nos Atos, I. 15. e II. 1 a 3.

O Evangelho do Cristo, porém, e a história dos primeiros dez séculos do Cristianismo, testificam que a confissão auricular com a sua consequente absolvição preceitual não passam de mais uma impostura, estupenda quão sacrílega.

Que tremendo esforço não veem perseguindo os padres romanos de cinco séculos a esta parte, qual o fazem ainda hoje, no intuito de levarem os seus caudatarios a crêr que o Filho de Deus os sagrou a êles, padres, em classe privilegiada com poderes divinos e exclusivos para abrir e fechar as portas do céu, atento ao que Êle disse: *Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.* (Mat. XVIII, 18).

Entretanto, antevendo claramente esta presunção ambiciosa do clero romano, já o nosso bendito Selvador destruiu a alicerce no qual pretendem edificar, quando acrescentou logo a seguir: *E digo-vos, que se dois de vós outros se concordarem na terra, sôbre qualquer coisa que pedirem, lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. Porque onde dois ou três estiverem congregados em meu nome, ali estou eu no meio deles.* (Mat. XVIII, 19. 20).

Teria o clero a pretensão de tomar como a si exclusivamente dirigidas as palavras aí contidas nestes dois versículos?

Penso que não. Ao menos, até agora, não se atreveram a proclamá-lo. Confessem, sim, que Jesus se dirigia a todos os discípulos.

Mas, se Jesus também disse, positivamente, que as outras palavras — nas quais se colige outorga de mandato confessional — fôram dirigidas ás mesmíssimas pessoas? *Ainda vos digo mais, etc.* Esse pronome *vós* do versículo 19 é o mesmo que o do versículo 18.

Assim, pois, o poder de ligar e desligar, estaria conferido a quantos pudessem receber ofensas e houvessem de as perdoar.

Logo, portanto, o nosso Redentor não teve em mente estabelecer uma casta privilegiada de homens investidos de tremenda autoridade em relação ao restante dos seus discípulos.

Conseqüentemente, nem mais nem menos que burlões são os padres romanos, quando inculcam o direito de exclusividade para ligar e desligar pecados.

Que o cristão recorra ao Deus de misericórdia ao invés de procurar o confessor, e diga de coração: *Pai, perdôa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.*

Esta a Verdade, não qual deriva do Vaticano, mas do Calvário, onde foram saldadas as nossas dívidas, com a só condição de nos arrependermos, ermos e amarmos.

Não é verdade que os Papas têm muitas vezes anatematizado ostensiva e publicamente a liberdade de consciência?

Quem ousará negar tenham êles, os Papas, afoitamente declarado á face da Europa, que a liberdade de consciência deve ser arrazada a todo o transe?

Mas, qual o patíbulo destinado e próprio, em que deva ser estrangulada essa liberdade?

Respondemos: é o confessionário. E' aí que o Papa escalona os seus cem mil carrascos, é aí que, dia e noite, brandindo acerados punhais, tudo fazem para imolar a vítima.

Em vão a nobre França rechassará do seio os seus tiranos, pugnando pela restauração de suas liberdades.

Em vão derramará ondas de precioso sangue, para conservar essa liberdade.

Ela, a verdadeira liberdade, não sobreviverá um dia, sequer, enquanto os algozes do Papa amordaçarem-na, envenenarem-na nos 100.000 patíbulo.

E a fidalga Espanha? Inutilmente, também, invocará essa liberdade para que lhe permita uma vida nova ao seu nobre povo.

Ela, a liberdade, não pode lá penetrar senão para succumbir, enquanto o Papa lá mantiver os seus confessionários.

E também a livre América, cujas franquias tão caro lhe custaram, ha de vê-las destruídas, no dia em que permitir a generalização do nefando instituto.

Confissão auricular e liberdade são coisas que se repelem, que não podem coexistir no mesmo sólo.

Fatalmente, uma ou outra tem que perecer.

A liberdade deverá arrazar o confessionário, tal como suprimiu a escravidão.

Do contrário, arrisca-se a desaparecer.

Na verdade, não ha povo que mais respeite a liberdade de consciência do que o americano; mas, nem por isso consentiu que José Smith e Brigham Yong corrompessem a mulher americana, pretextando liberdade de consciência para fundarem o "mormonismo".

O primeiro, morreu em defesa dessa instituição degradante, e o segundo teve de fugir para os confins desertos do extremo Oeste, na companhia das trinta mulheres que iludira e fanatizara.

Ainda assim, nem ali teve o almejado repouso.

Quem ousará condenar o povo americano no afã de livrar a mulher americana dessa escravidão de nova espécie? Ninguém, cêrtamente.

Mas, que vem a ser o confessionário senão uma outra fôrma de *mormonismo*?

Que poderemos conceituar no padre senão um Brigham privilegiado?

Não quero que as minhas afirmações sejam aceitas apenas de oitiva.

O que eu quero é que todos os meus leitores criteriosos leiam as encíclicas dos Pios, dos Gregórios, dos Bentos e de outros muitos Papas, intituladas — *De Solicitantibus*.

Lá, verão com os próprios olhos e por declarações das mais insuspeitas, que o confessor tem ás suas ordens muito maior número de mulheres do que tiveram os profetas mormões.

Leia-se, por exemplo, as memórias do Bispo Scipio de Ricci, um dos antistetes mais veneráveis

da Igreja de Roma, e ver-se-á que os confessores tem mais intimidade com as suas penitentes, ainda mesmo que se trate de freiras, do que a intimidade comum entre os casados.

Atenda-se ao depoimento de uma Henriqueta Caracciolo, uma das mais nobres princesas italianas — por sinal que ainda viva, e saberão que os mormões são mais respeitadores da mulher, do que os pobres padres.

Leiam a experiência da ex-freira Edith O. Gorman e ficarão inteirados de como nos conventos se ultrajam as leis divinas e humanas, através do confessionário.

Esta senhora, também aí está, viva. Consultem ambas, todos quantos se interessarem em conhecer a verdade.

Oiçam, de contra-pêso, as lamentações do Cardeal Barônio, de S. Bernardo, de Savonarola, dos Pios e dos Gregórios, de Santa Tereza e S. Ligório, no concernente ás ruínas morais semeadas em todos os países através do confessionário, e convencer-se-ão de que êle mal pudera ser tolerado em Sodoma e Gomorra.

Que os senhores pais, maridos, legisladores de todas as nacionalidades interpelem os Padres Gavazzi, Grassi e mil outros sacerdotes emancipados, como eu, dêsse Egito eclesiástico, e terão a confirmação de quanto hei dito sôbre êste assunto.

Estudem o passado histórico da Inglaterra, França, Italia, Espanha, etc., e verão como historiadores sérios e competentes houveram de ocultar, envergonhados, muitos episódios do confessionário.

Deante de fatos tão conhecidos, tão ostensivos e incontestes, quão lamentáveis, pergunta-se: não se impõe aos governos uma providência salvadora? Não será tempo dos filhos da luz, dos verdadeiros

discípulos do Evangelho em todos os países se congregarem sob o estandarte do Cristo e marcharem resolutos para a campanha da emancipação feminina?

Oh! sim. Cumpramos todos êsse dever e não descensem enquanto as nações remidas não puderem cantar jubilosamente:

Eí-la por terra, enfim, a grande Babilônia, que poluiu a terra com a sua prostituição!

CAPÍTULO VIII

PODERA' A CONFISSÃO AURICULAR DAR PAZ A' ALMA?

Não se pode, na verdade, ligar o conceito de paz á confissão auricular, a não ser como a mais cruel das ironias até agora imaginadas.

Menos falso e menos ridículo fôra falar da tranqüillidade do mar e do vento á face de tremendo temporal, do que fezê-lo da paz de espírito durante ou depois do ato confessional.

Disso não me resta a menor dúvida.

Os confessores e seus apologistas, iludidos, proclamam em côro — Paz! Paz!

O Deus de verdade e santidade responde, porém: — *Paz não ha para o ímpio.*

De seguro, ninguém poderá exprimir as ansiedades preconfessionais de uma alma, nem a sua consternação durante o ato, bem como os terrores que lhe são conseqüentes.

Aqui lhes ofereço as impressões de minha perniciosa experiência neste sentido, e as quais considero peculiares á maioria dos confessandos.

Nelas, encontrarão a legitimidade de quanto afirmo.

Corria o ano de 1891 quando meus pais me en-

viaram da Baía de Murray, onde morávamos, para um excelente colégio de S. Thomaz. Eu tinha então meus nove anos de idade, mais ou menos, e fui morar com um tio que, católico professo, embora, não acreditava patavina do que predicava o respectivo vigário.

Minha tia, essa, era tida como devotíssima criatura. O mestre-escola, inglês nato e assaz instruído, Sr. João Jones, era *protestante*.

Esta circunstância provocou tamanha ira do pároco contra o mestre e os alunos do colégio, que ás vezes eramos denunciados e zurzidos do púlpito com muita veemência e não menos acrimônia.

Fôrça é confessar, contudo, que, se o vigário nos detestava, não deixávamos por nossa vez de lhe retribuir na mesma moeda.

Mas, passemos adiante e vamos á minha primeira lição no confessionário.

Aqueles que não têm a experiência destes casos, não podem compreender o terror e aflição de uma pobre criança quando ouve o pároco trovejar solene, do púlpito, estas coisas assim ditas mais ou menos:

Mandai esta semana á confissão, os vossos filhos e procurai convencê-los de que se trata de um dos atos mais importantes da sua vida, por isso que decide da nossa salvação ou condenação eternas.

Pais, mães, tutores, não vos esqueçais por vossa vez que, se os vossos filhos ou tutelados fizerem uma falsa confissão, se deixarem de tudo revelar ao sacerdote, legítimo representante de Deus, o pecado assim cometido se torna bastas vezes insanável. Porque o diabo lhes conquistará o coração e elles mentirão ao confessor, ou antes, a Jesus, de quem o padre é preposto e a existência se lhes transformará

em corolário de sacrilégios para findar com a morte e predestinação dos malditos.

Ensinai-os, pois, a observarem todos os seus pensamentos, palavras e atos, afim de tudo confessarem sem reticencias nem disfarses.

Encontrava-me eu, então, na igreja de S. Thomaz, quando essas palavras me atingiram com violências de um raio.

Muitas vezes ouvira minha mãe dizer a uma tia, logo que cheguei a S. Thomaz, que, da minha primeira confissão dependia o meu futuro, feliz ou miseravel.

Seria então aquela, a semana decisiva do magno problema dos meus destinos neste e no outro mundo.

Pálido e apreensivo, retirei-me do templo ao findar a solenidade, recolhendo-me a penates.

Convocado á mesa, quem diz que pude comer, tanta a inquietação espiritual que me assomava. Isolei-me no quarto, desejoso de iniciar desde logo o tal exame de consciência e invocar á memória todos os meus pecados materiais, mentais, verbais.

Apesar de contar pouco mais de nove anos de minha idade, aquela tarefa se me apresentava grandemente penosa: ajoelhei-me e pedi á Virgem viesse em meu auxílio, mas, preocupado com a hipótese de algo esquecer e acabar fazendo uma confissão inutil, mal engrolei as orações sem lhes atentar no sentido das frases.

Entretanto, como se isso não bastara, a situação se agravou quando entrei a recapitular os meus pecados.

Possuindo, aliás, bôa memória, tudo se me fazia agora confuso e cheguei a experimentar verti-

gens, o coração batia-me célere e eu me exauria com o rosto já banhado de copioso suor.

Depois de longos e penosos esforços, em angustias que tais, principiei a exasperar-me á idéa de que me não seria possível tudo recordar e reviver para confessar nítida e exatamente, tal como se dera.

Já na seguinte noite mal pude conciliar o sono e quando este afinal sobreveio, antes se pudera classificar como delírio sufocante.

Preso de sonho horrível, via-me atirado ao inferno, por não ter confiado ao padre todos os meus pecados.

Despertei fatigado e aterrado com fantasmas e emoções extravagantes daquela medonha noitada.

Assim passei, antes diria defini os três dias precedentes á minha primeira confissão.

Como que tinha sempre deante dos olhos o semblante austero daquele padre, que jamais me havia esboçado um sorriso.

Sim, eu o tinha pela frente durante o dia, e á noite era êle ainda quem me aparecia em sonho, sob a figura de ministro de um Deus iracundo, justamente escandalizado com os meus pecados.

Verdade é que me haviam prometido o perdão, desde que fizesse uma boa confissão, mas não menos verdade é que também me haviam assinalado meu lugar no inferno, caso a confissão não resultasse perfeita.

Ora, a consciência dizia-me que as probabilidades da confissão imperfeita decorriam para mim na proporção de noventa e nove contra uma, já porque, graças ao meu desmazelo haveria sempre de omitir qualquer pecado e já por me faltar aquella contrição da qual tanto me falavam, mas cuja na-

tureza e efeitos constituíam para mim um perfeito cáos.

Afinal, chegou o dia da confissão, ou, para melhor dizer, do meu julgamento e condenação.

Eis-me em presença do Revmo. Beaubien.

O homem era gago, defeito êsse que muitas vezes nos ensejava a risota; e, como a natureza, por meu mal, me houvesse dotado de grandes habilidades de imitação, os sestros do padre muitas vezes me induziam a exhibir os meus talentos.

E nem me limitava tão somente a macaqueá-lo entre os discípulos, que me correspondiam com estrondosas gargalhadas, como também me prestava a declamar trêchos do seu sermônario deante de adultos que a isso me concitavam para seu maior gaudio e aclamação do meu engenho.

Pessoas havia até, que vinham de longe no só intuito de me ouvir arremedar o padre, presentando-me com aplausos e guloseimas.

Estas irreverências entravam naturalmente no cômputo dos meus pecados e foi-me assim preciso fixar-me no quantum de vezes que houvera escarnecido do sacerdócio.

Aí temos uma circunstância de molde a tornar a minha primeira confissão menos facil e agradável. Finalmente, chegou o temido momento e ajoelhei-me, pela primeira vez, ao lado do meu confessor.

Corpo todo em tremuras, repeti a oração preparatória sem bem saber o que dizia, dado o temor que me empolgava.

Pelas instruções préviamente recebidas, eramos todos levados a crer que o padre valia por verdadeiro representante e uma quase que personificação de Jesus Cristo, e como corolário de uma tal convicção, tinha eu para mim que o meu maior pecado era o de haver ridiculizado o ministro do Senhor.

E, como também me haviam ensinado que era de preceito começar pelos pecados mais graves, rompi dizendo:

— Padre, acuso-me de haver ridiculizado um sacerdote...

Mal acabara de o dizer, volta-se para mim o pretenso representante do meigo Nazareno e fixando-me o rosto como para melhor reconhecer-me, indagou de súbito e ríspido:

— Quem é êsse sacerdote, meu rapaz?

Ora, eu não esperava por isso, e antes preferia-me cortassem a língua que lho dizer de cara. Fiquei, por isso, silencioso, algum tempo, mas esta atitude fê-lo nervoso, quasi irritadiço. Insistiu altaneiro na pergunta, forçou-me a responder.

Ainda bem que pude reagir á sua altivez e sentir-me bastante afoito para dizer:

— Pois foi o senhor.

— Mas, quantas vezes te atreveste a escarnecer de mim? — acrescentou, visivelmente incomodado.

— Bem que procurei contar, mas, sem resultado.

— Pois é preciso que o digas, visto que, zombar de um padre é sempre um grande pecado.

— Mas é impossivel achar o número certo.

— Neste caso, vou auxiliar-te, mas, olha, não mintas: foram dez vezes?

— Oh! não, muito mais.

— Cincoenta?

— Mais... mais...

— Cem vezes, então?

— Digamos quinhentas, padre, e talvez não cheguemos ainda ao número exato.

— Então, empregas todo o tempo a zombar de mim?

— Não, padre, mas a verdade é que, infelizmente, fi-lo muitíssimas vezes.

— Dizes bem *infelizmente*, porque zombar do teu pároco, que está no lugar de Jesus Cristo é um grande pecado e maior desgraça para ti. Mas enfim, dize-me, meu rapaz, por que assim procedes comigo?

Em meus exames de conciência, não previra a hipótese de ter que justificar os motivos de minha conduta e assim aquela exigência assombrou-me, não ousava responder, quedei-me longo tempo confundido, envergonhado, vencido.

Êle porém, infelizmente, na sua teimosia insistia para que lhe declarasse porque zombava da sua pessoa, afirmando que comprometeria minha alma se lhe não dissesse a inteira verdade.

Resolvi-me a dizer que eram diversos.

— O primeiro? — diga...

— Foi a sua gagueira... Os alunos do colégio e outras pessoas costumamos arremedá-lo, para nos divertirmos.

— E que motivos outros tiveste para te rires?

Novo e prolongado silêncio. Procurava falar e fugia-me a coragem. Êle insistia sempre. Afinal desabafei:

— E' que dizem por aí que o Sr. gosta das raparigas e visita todos as noites as meninas Richard...

O Padre ficou atônito com a revelação e mudando de assunto, perguntou:

— De que pecados mais te acusas?

Entreí a confessá-los á proporção que me chegavam á lembrança, mas a impressão de acanhamento que me aterrava por ter de confessar meus pecados áquele homem, era mil vezes mais forte do que a de haver ofendido a Deus.

De fato, essa vergonha humana que me absorvia os pensamentos na plenitude de todo o meu eu, não dava lugar a sentimentos de religiosidade quaisquer, e certo estou de que o fenómeno é o mesmo para a maioria de quantos recorrem ao tribunal da penitência.

Logo que esgotei os pecados que me ocorreram, entrou o padre a formular perguntas esquisitíssimas, atinentes a assuntos que mal pudera aqui descarnar.

Então, respondi que não estava percebendo o que êle dizia.

— Pergunto o que se prende ao sexto mandamento. (1).

Vamos, confessa tudo, pois do contrário, se alguma coisa occultares em consciência, por culpa tua, irás parar no inferno.

È logo a seguir foi-me empuxando os raciocínios para a esfêra das iniquidades que, graças a Deus, até áquele momento me eram absolutamente estranhas.

Assim é que, a despeito de tudo, continuei a responder-lhe com um simples — *não percebo*, — ou — *nunca pratiquei essas maldades*.

Resvalando, então, para asuntos mais leves, astutamente e de súbito voltava ao primeiro tema, ou seja aos pecados contra o sexto mandamento.

Eram perguntas de tal quilate que me causavam nôjo.

Tive ocasião de achar-me, por vezes, entre rapazes depravados, perversos e posso assegurar que estes jámais me ofenderam tanto, moralmente falando, qual o estava fazendo aquele sacerdote de Cristo. Sim, a verdade é que êsses rapazes nem por

(1) Sétimo na Biblia.

sombra me insinuaram, jámais, as torpitudes que o sacerdote me desvendava através dum realismo nojento.

Em vão lhe assegurava que jamais incidira em pecados tais, que lhe não entendia as perguntas. Nem assim se demovia para me poupar.

Qual abutre resolvido a esquartejar a prêsa imbele, o padre impiedoso parecia disposto e empenhado em poluir-me o coração.

Finalmente, articulou um quesito em linguagem tão crúa, que me contundi quanto horrizou, e foi assim que eu indignado, sem poder conter-me, exclamei alto, de fôrma que outros ouviram:

“Padre, sou muito mau, mas olhe que nunca pequei dessa fôrma. E faça o favor de não perguntar essas coisas, porque elas me suscitam maldades que jámais imaginei existirem nesta vida.

Essa atitude parece que abreviou a confissão. Meu protesto severo como que teve a virtude de envergonhar o confessor, se é que o não assustou. Êle se deteve imediatamente e deu-me alguns conselhos que me poderiam ter sido proveitosos, se a perturbação provocada por suas perguntas me permitisse prestar-lhes alguma atenção. Foi com uma pequena penitência que me mandou embora.

Saí dali irritado e confuso. Envergonhado pelo que acabava de ouvir, nem ousava tirar os olhos do chão.

Recolhi-me a um desvão do templo no intuito de cumprir a penitência, que consistia em rezar umas tantas orações. Lá me deixei ficar largo tempo. E’ que, na verdade, carecia de repouso, após a terrível provação por que passara.

Nada obstante, foi vão o esforço para obter tranqüilidade de espirito. A repercussão de quan-

to me fôra dado ouvir era tão forte que comecei a chorar amargamente.

Só me retirei do templo quando a noite a isso me obrigou. Regressei á casa do tio, tomado de acanhamento e inquietude próprios do indivíduo que comete um delicto e receia ser descoberto.

Essa confusão ainda cresceu de ponto, quando meu tio a gracejar, disse:

— Ora, uma vez que lá te fôste confessar, deves ser mesmo um bom menino! Mas se o não fores, ainda assim, has de ser agora mais sabido, pois aposto que o teu confessor te ensinou, no mínimo, o que com o meu aprendi na primeira confissão...”

Envergonhado que estava, não dei um pio.

Falou então a tia:

— Deves sentir-te feliz, já que te confessaste, não é?

Respondi de um modo vago, mas não podendo ocultar completamente o meu constrangimento. Essa noite, recolhi-me cedo e a custo pude conciliar o sono.

Cá para o meu vêr, julgava-me o único dos confitentes a quem o padre infligira aquele inquisitório corrosivo e por isso, grande foi a consternação quando, no dia immediato, lá na escola, vim a saber que os colegas não foram maisfortunosos do que eu.

Uma só diferença poderia notar-se entre nós: é que elles em vez de acabrunhados com o feito, antes lhe achavam graça e comentavam com espírito.

— Dize-nos: o Revo. perguntou-te isto e mais aquilo? — indagavam gargalhantes.

Recusei-me responder, advertindo:

— Vocês não têm vergonha de repetir essas coisas?

— Ora! vejam só o escrupulo dele... Então não vêes logo que, se o padre não peca em falar-nos dessas coisas tambem não é peccado rir-mo-nos dele?

Esta lógica me embatucou, mas a confusão se me fez maior ainda quando percebi que as alunas do colégio tambem haviam passado por experiências não menos escabrosas.

Posto que a distância interposta de aula a aula impedisse entender o que elas, as meninas se diziam, ainda assim, percebemos palavras soltas e atitudes que, melhor fôra jamais tivessemos surpreendido.

Tristes e pensativas, umas, enquanto que outras se expandiam alegres e riam do que tinham aprendido no confessionário.

Pelo que me dizia respeito, não escondia a minha indignação, por me parecer que o padre seria efetivamente um grande malvado, submetendo-nos a interrogatórios tão repulsivos.

Manda, porém, a verdade se diga que laborava em erro, visto que elle padre não fazia mais do que cumprir o seu dever, que só mais tarde me seria fulgado conhecer pelo estudo dos teólogos papistas .

O Revmo. Beaubien, diga-se, era um perfeito cavalheiro e convencidíssimo estou hoje de que, se elle fôsse livre para obedecer aos ditames de sua consciência, não nos teria corrompido o coração com idéias tão ignóbeis.

Mas, que pôde influir uma consciência de padre depois que o padre assoma no confessionário? Nada. A única prerrogativa que lhe cabe é — emudecer.

Sim, porque o padre romano não passa de um autómato, ligado aos pés do seu Pontífice por fortíssima cadeia.

Poderá mover-se, certo, para a direita ou para a esquerda; poderá pensar e operar, mas, bem entendido, com o condição de obediência ao deus infalível da cidade santa!

E o sacerdote não deixa nunca de conhecer o pensamento da moderna divindade, graças á intervenção dos seus emissarios, embaixadores, teólogos!

Em que me pese a vergonha de o fazer, confesso que tambem eu fui obrigado a decorar essas perguntas abominaveis, afim de as dirigir a novos e velhos, a todos que cumpria se alimentassem com as doutrinas diabólicas do confessionário.

Mais tarde, deu-se que êsse mesmo padre fôsse assaltado e surrado, quando, por noite escuríssima, regressava da casa daquelas suas diléas confessandas, as já referidas senhoritas Richard.

No dia immediato, os conjurados da façanha reuniram-se em casa do Dr. Estêvão Taché, afim de redigirem um relatório á sociedade secreta de que eram membros, e eu fui convidado pelo jóvem amigo Luiz Casault (1) a esconder-me com êle na sala contigua, de onde poderíamos tudo ouvir sem que nos suspeitassem.

E agora, entre velhos manuscritos da minha infância, encontro este discurso do Sr. Dubord, que era, por sinal, um dos mais sólidos comerciantes de S. Tomaz:

“Sr. Presidente, não estou em o número daqueles a quem coube testemunhar ao padre o conceito público de que se fez credor, pela voz eloqüente do chicote. Desejaria, contudo, tê-los acompanhado e confesso que mui gostosamente haveria

(1) Falecido muito mais tarde, como diretor da Universidade Laval.

de entrar com o meu contingente para essa merecida lição aos padres confessores do Canadá.

Isso, pelas razões que passo a expor: minha filha, da idade de dôze anos, apenas, foi ha tempos confessar-se na companhia de outras meninas lá da nossa aldeia.

Confesso que o foi contra minha vontade, pois sei que, de todos os atos da nossa vida, a confissão é o mais aviltante. Nem posso conceber algo de mais calculado para destruir o amor-próprio da criatura, do que essa monstruosa máquina do moderno confessionário. Ora, pergunto eu: que valor pode representar um sêr destituído de amor-próprio, maximé, quando êsse sêr é uma mulher?

Pois não é verdade que, perdendo a mulher o seu pudor tudo mais está perdido?

Sabemos nós que no confessionário avulta a corrupção... E' alí que, para sempre se polúe a donzela, na intelligência, na linguagem, nos sentimentos. Será preciso que vô-lo prove? Não, de certo, porque, apesar de haverdes ha muito repudiado essa confissão auricular como coisa imprópria de um homem digno dêste nome, não tereis esquecido as lições que lá recebestes. Essas lições deveis tê-las gravadas em vossa alma, á maneira daquelas cicatrizes talhadas a ferro em brasa na face do escravo, como estigmas indeléveis de ignomínia e servilismo.

O confessionário é bem o lugar onde as nossas mulheres e filhas vão ouvir coisas capazes de fazer corar as próprias rameiras das nossas cidades!

Por que será que todas as nações católicas se apresentam inferiores ás protestantes? Para mim tenho que o X do problema está no confessionário.

E por que será que a decadência das nações ca-

tólicas está sempre na razão direta de sua subversão á cleresia? E' porque, os cidadãos, os filhos dessas nações tanto mais rapidamente se deprimem na esfera intellectual e moral, quanto mais frequentemente se utilizam e prevalecem dêsse confessionário.

Deploravel exemplo da depravação oriunda das confissões acaba de occorrer no seio de minha família

Como ha pouco vos dizia, opunha-me eu aos propositos confessionais de minha filha, mas minha mulher já de si avassalada ao padre, pensava que devia tambem avassalar a filha, e o caso é que eu para evitar atritos domésticos acabei cedendo ás lágrimas de minha mulher.

Pois bem: logo no dia subsequente á confissão, pensando mãe e filha que eu estivesse ausente quando, ao invés, mantinha-me no gabinete á portas meio cerradas, sem que pudessem ver-me, logrei apanhar-lhes êste diálogo:

— Luzia, que é que te faz assim tão pensativa depois que te confessaste? Eu penso que devias sentir-te mais feliz com o teres alcançado tamanha graça.

A menina conservou-se absolutamente muda e passados uns dois ou tres minutos minha mulher prosseguiu:

— Tu choras? Estás doente? Que é isso?

Minha filha continuava muda! Calculai a minha inquietação. E' que tinha as minhas suspeitas sôbre o mistério em jôgo. O coração pulsava-me de indignação e angústia.

Depois de ligeiro intervalo, tornou minha mulher a insistir com firmeza bastante para que a menina se decidisse a falar, pois que o fez com voz trêmula, dizendo:

— Mamãe querida, se tu soubesses o que me perguntou o padre.... se pudesse imaginar o que êle me disse, a senhora estaria tão triste como eu mesma.

— Mas, que te disse o padre? Olha que é um santo homem e se supões que te disse alguma inconveniência é que de certo estás enganada.

Minha filha atirou-se ao regaço materno e respondeu soluçante:

— Não, não me peça que lhe conte o que ouvi. E' tudo tão ignóbil que eu não posso nem devo repetir.

As palavras do padre como que se agarram a mim, quais aquelas sanguessugas que botaram no braço da minha amiguinha, outro dia. Que conceito faz de mim o padre para dirigir-me essas perguntas?

Nessa altura ouvi minha mulher dizer:

— Irei procurar o padre e dar-lhe-ei uma lição; eu bem que me parecia que êle se excedia um tanto quando tratava com adultos, mas tambem o supunha mais prudente em se tratando de crianças.

Contudo, vou pedir-te uma coisa, isto é, que nunca reveles estas coisas a ninguem, principalmente a teu pái, que acabaria perdendo o pouco de crenga que ainda lhe resta.

Não pude mais conter-me, varei a sala de supetão. A filha caiu-me nos braços, a mulher deu um grito e por um triz desmaiava.

Então disse á minha filha:

— Se me amas põe-me tua mão aqui sôbre este coração e promete não voltares jamais á confessar-te. (Teme a Deus minha filha, ama-o e conduze-te como se estivesse na sua presença, porque a verdade é que Êle te vê e assiste a todo o instante e em qualquer parte)

Lembra-te também de que Deus está sempre pronto a perdoar-te e abençoar-te quando para Ele recorrer.

Nunca te prosternes mais ás plantas de um sacerdote, para que elle não te corrompa.

Minha filha não vacilou em anuir e logo que minha mulher se acalmou da forte surpresa, disse-lhe:

— Ha muito tempo que o padre passou a ser tudo, no seu conceito, para que eu, seu marido, passasse a ser nada.

Não ignoro a existência de um poder oculto que lhe avassala a alma — é a autoridade do padre. Procurando negar-mo tantas vezes, agora, bem vê, já o não pode fazer. Hoje, a Providência Divina em sua altíssima sabedoria decidiu que o ídolo autoritário até agora governante desta casa fôsse derrubado para sempre.

Agora, quero ser o árbitro exclusivo no seio da família.

A partir deste momento, abolida está a autoridade que o padre mentinha em seu espirito fraco e fique sabendo que, se a qualquer tempo levar mais ao confessionário os segredos do nosso lar e do nosso coração, nego-lhe o direito de aqui retornar na qualidade de espôsa”.

Aqui temos um episódio típico, a valer de paradigma ao lado de milhares outros, para demonstrar qual seja a paz de consciência resultante da confissão auricular.

Inúmeros exemplos deste quilate poderia aqui desdobrar, se não me fôsse proposito abreviar êste capítulo.

Mas, ainda assim, não me furto a referir outro caso confirmativo do assêrto, para identificar essa

apregoadada paz que a igreja costuma conceder ás suas ovelhas submissas.

Ouçamos o que nos diz a Sra. Elisa Richardson (1) neste seu livro notável, que se intitula *Experiência pessoal da religião Católico-romana*, á pags. 34 e 35:

“Assim, fiz calar minhas dúvidas e prossegui no fito de patentear o fervor e sinceridade de neófito recém-convertido, sujeitando-me ao ato de confissão. E daí, cêrtamente, a fonte de uma nova amargura e inquietação, que não haveria de ser facilmente dominada.

A teoria, genericamente falando, parecera-me boa e razoavel, mas a realidade em alguns pormenores, era de fato terrivel!

Despida, para impressionar o público, dos seus característicos mais repelentes e coligida das obras teológicas com falsas presunções de verdade e pureza, ela, — a confissão, antolhava-se-me um dógma calculado, de molde a exercer uma influencia benéfica, moralizadora e, portanto, referido de utilidade.

Mas a verdade? Ah! — *a verdade é que, tal como sucede a todos os idealismos, a realidade era muito outra.*

Anotarei aqui, de passagem, o efeito que experimentei á primeira leitura das edições “mais antigas do *Jardim da Alma*”. Lembro-me do calhau que nele encontrei e tão rudemente contundiu-me o coração feminino. Página escura na história de minha experiência, foi essa que diz da minha primeira genuflexão aos pés de um homem mortal, afim

(1) Esta Sra., inglesa e protestante, converteu-se ao Catholicismo e entrou para um convento. Após cinco anos de prática confessional, não mais podendo aturar os escândalos, regressou á religião evangélica.

de lhe confessar aquilo mesmo que só pudera ser ouvido por Deus.

Posto que meu confessor se revelasse, ao meu ver, tão prudente quão bondoso em suas atitudes, nem por isso deixei de me impressionar e confundir profundamente com algumas ocorrências.

O recato com que fui criada, a minha formação moral e mental, por assim dizer, não me haviam fortalecido para uma semelhante prova, e assim, justo era que a minha sinceridade e o temor de praticar um sacrilégio concorressem para avolumar meus sofrimentos naquela conjuntura.

Uma circunstância houve, especialmente, que á consciência escravizada parecia insinuar tudo dissesse sem nada ocultar.

Sem dúvida, o terror e a perturbação cooperavam para que me tornasse menos explícita do que o seria em outras circunstâncias.

O inquerito foi, porém, de tal natureza, as idéias sugeridas ultrajaram de tal forma os meus melindres, que, esquecendo todo o respeito devido ao confessor e já me não preocupando com o receber ou não a absolvição, rompí de súbito exclamando: — *nada mais posso dizer!*

Nesse instante, passou-me pela mente a idéia da veracidade de tudo quanto a seu respeito assoalham os inimigos dessa instituição.

Parece também que, á essa altura, a prudência aconselhou o interlocutor a não mais insistir, e a atitude benevolente e quasi respeitosa que logo assumiu, concorreu para desvanecer tão desfavorável impressão.

Ao levantar-me, já ansiosa de lhe fugir para bem longe, de modo que não pudesse encará-lo, êle me dirigiu a palavra em tom familiar, falou-me de

assuntos outros, variados e com isso me reteve algum tempo.

Ignoro de que jeito lhe pude corresponder á conversa, para só lembrar-me que tinha o rosto em brasa e os olhos pregados no chão.

Não se me atribúa o proposito de estigmatizar a quem quer que seja.

E note-se que também não lanço toda a culpa ao sacerdotício.

Ao sistema, sim, cabe toda a responsabilidade. Um sistema que ensina haver assuntos que só em os lembrar devemos nos envergonhar á face de Deus e seus Anjos, e que, não obstante, obriga a que sejam *desvendados, discutidos e expostos minuciosamente*, aos ouvidos de um mortal igualmente frágil, pecador e que, por isso mesmo, susceptível das mesmas paixões da penitente á seus pés prosternada, exposto fica aos mesmos perigos, tentações, quedas enfim, fatais e vergonhosas.

Mas, sobretudo, que dizer da mulher? Correi o véu!

Oh! inocência, oh! castidade, oh! pudicícia femininas!

Lançai, sim, lançai o véu do esquecimento sobre essas provas arriscadíssimas por que haveis de passar! (Páginas 37, 38).

Ai de mim! — episódios ha que não se podem registrar; feitos demasiado surpreendentes e simultaneamente meindrosos para serem, de qualquer forma, arejados em público; entretanto, repito — ai de mim — porque, no imo da alma, no recesso do coração subsistem, fiéis á memória, com a impressão de vergonha e tristeza, as sombras negras que aniquilaram para sempre as nossas alegrias, as nossas melhores esperanças.

Apêlo para as minhas irmãs convertidas ao ro-

manismo e lhes pergunto quais as suas primeiras impressões colhidas no confessionário. Não se trata de saber como a intimidade superveniente pôde atenuar-lhe os efeitos, mas, sim é só do primeiro contato.

Dizei-me: que sentistes, irmãs? Claro que me não dirijo aqui ás impudicas, ás que já estão em pecado, pois sei que para essas um tal ensejo só pôde proporcionar maiores vergonhas.

Apélo para as mulheres dotadas de sentimentos delicados, puras de coração.

Negais que êsse primeiro passo não vos deixasse presa de receios indefiníveis, absolutamente desorientadas?

E não será também verdade que a essa impressão succedeu um sentimento de degradação, difficil de traduzir quanto de tolerar? (Pag. 39).

A' mim, a lembrança dêsse ato inicial (a primeira confissão) ser-me-á sempre penosa e repulsiva, posto que as provas ultteriores de muito a ultrapassem.

Porque aquella foi a minha lição inicial, em assuntos que jámais deveriam vizitar a imaginação de uma donzela.

Foi, por assim dizer, a entrada numa região que jámais devera franquear-se a almas candidas e retas. (Pag. 61).

Eu tive ensejo de consolidar amizades muito íntimas com pessôas adeptas do credo romano, pessôas que me falavam com desenvoltura e liberdades a que eu não estava afeita.

Essas amigas, porém, ou tinham sido educadas em conventos, ou tinham do regimen conventual profundos conhecimentos, de sorte que me não julgava com direito a duvidar de quanto me diziam.

Não obstante, hesitava muitas vezes em acredi-

tar certas coisas, que ultrapassavam as raias do que a experiência própria me houvera revelado.

Estava escrito, contudo, que a prova não havia de tardar, e de fórma a me não deixar resquícios de dúvida.

Era, na prática, uma página escura que se me deparava aos olhos, mas êstes, por deshabituaados, como que se recusavam a ver, para crêr, de pronto, no que viam.

Essa prática, essa realidade, patenteava-se-me como fruto de uma hipocrisia tão odiosa; de um sacrilégio tão vil; de um abuso tão repugnante e contrário a tudo que diz com a pureza e santidade, (ao demais personificada em quem, por seus votos, posição e leis da sua Igreja é obrigado a dar exemplos edificantes) que eu estive na iminência de absolutamente descreer da bondade e sinceridade humanas.

Os sacramentos havidos por mais sagrados, profanavam-se; desprezavam-se os votos mais solenes; o tão apregoado segrêdo do confessionário violava-se e pervertia-se-lhe a santidade para fins ilícitos. As próprias visitas particulares eram transformadas em recursos de tentação, graças á licenciiosidade de linguagem e de atitudes, incompatível com qualquer noção de santidade.

Assim, defluia e se me impunha a história nefaria e tristíssima, ao meu conceito. Aquele regime quasi que anulava toda e qualquer idéia séria sôbre religião.

Era uma influência medonha, corrutora, a provocar-me exaltação incoercível!

Sinto não poder aprofundar em pormenores, porque a isso se opõe o meu decôro feminino.

Direi, apenas, que, na companhia de duas jóvens amigas viajámos, certa feita, por visitar o con-

fessor de um convento algo distante, e expor-lhe umas tantas coisas que conoseco se passavam, tudo no pssuposto de que pudesse corrigi-las adequada e urgentemente, como se nos afigurava de mistér.

O padre ouviu-nos, mostrou-se indignadíssimo e nos concitou, sem hesitação, a escrevermos coletivamente ao Bispo diocesano, contando-lhe tin-tin por tin-tin quanto ocorria.

Fizêmo-lo; e o resultado foi o que se poderia mesmo esperar, isto é: — não tivemos resposta.

A evocação daqueles meses de tristeza e miséria, apresenta-se-me hoje qual pesadelo horrível, como algo de criminoso. Foi uma lição de verdadeira impiedade. (pag. 63).

A religião católica ensina que, se qualquer pessoa omitir algo no ato de confessar-se, embora tratando-se de coisa repugnante e contrária á pureza moral, e ainda mesmo quando haja dúvida sôbre o cometimento do pecado, as posteriores confissões resultam nulas e sacrílegas.

Além disso, prescreve se confessem os pecados mentais, para que o confessor ajuize se são mortais ou veniais.

Não ousaria eu descrever, ainda que o pudesse, a cadeia forjada nesse preceito, com o só intuito de avassalar as almas verdadeiramente conscienciosas.

Entretanto, ha que evidenciar esta cadeia, para que se possa compreender a sua eficiência e mecanismo.

Basta dizer que, atento o preceito, eu não fiz uma só confissão válida, nestes últimos meses transcorridos.

E agora, cheia de remorsos por essa conduta

sacrílega, resolvi fazer uma confissão geral com o aludido sacerdote.

O escrupulo dêsse clérigo foi além de tudo quanto até então eu tinha conhecido. Classificou como pecados mortais coisas que eu jamais pudera imaginar que o fôssem, e de tal modo me enliçou a consciência, que principiêi a sentir-me temerosa, relativamente á minha confissão geral. Não havia pois remédio senão renová-la, e assim volvi a percorrer a mesma senda de amarguras, que já supunha ter deixado para sempre.

Entretanto, se a primeira confissão foi para mim uma verdadeira tortura, essa tortura ficou a perder de vista, comparada a esta confissão geral de agora, cujas emoções se me tornam indescritíveis.

A dificuldade por mim experimentada para contar ampla e explicitamente tudo o que me afligia, ensejou a que o confessor me auxiliasse com suas perguntas; e quem me dera hoje apagar da memória o que ainda conservo dêsse lance, qual bôrra imunda e negra.

Não tardei a descobrir que êle classificava como pecado mortal o que meu primeiro confessor considerava niquícias.

Tambem por isso, não vacilou em dizer que até então eu não fizera uma boa confissão.

Minhas idéias tornaram-se, assim, cada vez mais baralhadas e confusas, de modo que cheguei a duvidar da possibilidade de cumprir satisfatoriamente o preceituado, e isto apesar de torturar a memória para lhe arrancar todos os incidentes, imaginários ou reais, que, omitidos naquele lance, pudessem de futuro roubar-me a tranqüilidade.

Claro, pois, que revelei trivialidades agora averbadas de condenáveis. E assim, diàriamente ge-

172 O Padre, a Mulher e o Confessionário

nufletida aos pés daquele homem, ouvindo-o e respondendo a admoestações calculadas para abater-me o ânimo e reduzir-me a nada, parecia-me que jamais pudera erguer a fronte. (Pag. 63).

Eis a paz resultante da confissão auricular!

Solenemente declaro que a maior parte das confissões outras coisas não revelariam se permitido lhes fôra dizer francamente a verdade.

Os apologistas mais fanáticos do nefando instituto não podem negar que o exame de consciência que precede o ato é difficilissimo e, em vez de pacificar a alma, antes engendra ansiedade e temores.

Será então aleatoria, post-confessional, essa tão alardeada e prometida paz?

Oh! não! Eles bem sabem que essa miragem tambem degenera em cruel decepção, visto que para fazer uma boa confissão importa á penitente historiar todos os maus atos, desejos e sentimentos, sem omissão de um só, e com todas as circunstâncias agravantes.

Mas, pergunta-se: algum desses corifeus encontrou, jamais, qualquer penitente convieta de não ter esquecido alguma talisca de sua alma?

Não, repito, e digo mais: esses pregoeiros da virtude sacramental não ignoram que é tão difficil repetir integralmente os pensamentos e emoções fugazes de um dia, ou de uma semana transcorridos, quanto o seria a contagem das nuvens que obumbraram o sol durante o temporal, um mês depois da sua passagem.

Eis o que seria impossivel. Um verdadeiro absurdo, pois não? Ninguem dirá que tal possa realizar-se a tempo algum.

Da mesma fórma, não é possivel angariar paz

enquanto a penitente não tiver certeza absoluta de haver memorado e exposto todos os pecados mentais, todos os delitos de palavra e de ação.

Temos assim, que é física e moralmente impossivel alcansar a pacificação da alma mediante a confissão auricular. Diz a lei: — sois obrigado, sob pena de condenação eterna, a lembrar todos os maus pensamentos, afim de os confessar com a maior exatidão possivel.

Se esta lei não fôra, de manifesto, uma invenção diabólica, deveriamos classificá-la entre as idéias mais infames engendradas em cérebro humano.

De fato, como poderá uma pessoa recordar tudo o que tem imaginado, desejado, praticado nesta existência acidentada, quão pecaminosa?

Onde o viajante que, depois de haver atravessado as florestas paludosas da América em três meses estivais, se ache apto a dizer o número exato dos mosquitos que o picaram e lhe sugaram o sangue?

Que pensaria êsse viajante se alguém um dia lhe dissesse á sério: um raio acabará por fulminarte, se me não disseres ao certo, com certeza matematica, quantas picadas te deram os mosquitos nos três meses que passaste embrenhado nas selvas marginaes do Missouri e do Mississipe...

Com certeza, julgaria o interlocutor egresso de algum manicômio.

E na verdade, bem ponderado, sempre haveria de ser mais facil a informação do viajante a contar mosquitos, do que a do penitente a contar quantos maus pensamentos lhe atravessaram o cérebro num dado tempo.

Verdade tambem é que, ao penitente se recomenda o esforço "possivel" para recordar o passado, mas, não lhe sendo possivel ter, nunca, a certeza de haver atingido aquele "possivel" canônico,

sobra-lhe o temor de ficar aquem do ponto desejado.

Todo e qualquer sacerdote honrado, se quiser ser verdadeiro, ha de admitir, sem hesitar, que os devotos mais inteligentes, especialmente as mulheres, mostram-se sempre atormentados pelo receio de algo haverem omitido.

E muitas dessas criaturas após a confissão geral são levadas, por escrúpulos de consciência a recommear na faina, visando suprir alguma falta grave, remanescente das confissões anteriores.

De fórma que, as confissões pretéritas em vez de constituirem um manancial de paz e alegria, transformam-se em outras tantas espadas de Dâmoçles, suspensas dia e noite sôbre suas cabeças, por saturá-las de terrores da eterna condenação.

Por vezes, afigura-se-lhes não terem tido sufficiente contrição; outras vezes, que não falaram com a necessaria franqueza sôbre assuntos que o pudor manda calar.

Muitas vezes tem ocorrido a divergência de julgamentos entre os confessores, de sorte que, o peccado tido por venial, numa confissão e por isso omitido noutra, é julgado posteriormente como grave peccado mortal.

De manifesto, pois, que todo o confessor sabe, em consciência, que está traíndo á verdade, como a si mesmo, quando se despede da sua penitente dizendo-lhe: — vai em paz, teus peccados te são perdoados...

Não se conclua daí, porém, que falte em absoluto o sossêgo espiritual, na prática da confissão auctuar.

Ha casos, muitos, em que êsse sossêgo é alcançado.

Queira o leitor certificar-se do assêrto e resol-

ver-se a visitar um cemitério, abra os jazigos lá existentes e repare bem...

Que silêncio profundo!

Que tranqüilidade perfeita!

Que paz terrificante!

Nem mesmo se imagina o apoiar do verme no seu macabro repasto...

Eis o sossêgo, a paz do confessionário...

Alma, consciência, respeito de si mesmo, tudo, tudo aniquilado, ali encontra o seu termo!

Sim, repito: — o confessionário é o túmulo da consciência, o jazigo da liberdade e da dignidade humanas.

E dizer-se seja êste o grau supino da perfeição papal; o supremo, o mais perfeito dos resultados alcançado pela Igreja de Roma!

Não resta dúvida que ha uma paz, uma tranqüilidade a lograr no confessionário, mas essa é a paz da morte espiritual!

CAPÍTULO IX

O DOGMA DA CONFISSÃO AURICULAR E' UMA SACRILEGA IMPOSTURA

Tanto os católicos como os protestantes têm incidido em grandes erros no concernente áquelas palavras contidas no Evangelho de S. João XX. 23, a saber: *aos que lhes perdoardes os pecados, ser-lhes-ão estes perdoados; e aos que os retiverdes também lhes serão retidos.*

Os católicos inferiram dessa passagem uma outorga de poderes a criaturas humanas, peccadoras, dos atributos divinos, inalienáveis, para perdoar e reter pecados; e os protestantes, mesmo em função de refutar o êrro, têm feito concessões assaz imprudentes.

Um exame mais minucioso da tradução dos "Setenta", versículos 3 e 6 do Cap. XIII do Levítico, teria evitado aos católicos tamanhos erros, e pouparia aos protestantes o gastarem tanto tempo em refutar raciocínios que de si mesmos se refutam.

Muitos acreditam, e com razão, que a Biblia dos Setenta ôra comumente lida e freqüentemente citada por Jesus, e pelo povo hebráico daquela época.

A língua em que essa Biblia se escrevera, foi,

provavelmente, utilizada algumas vezes pelo Salvador e compreendida por seus ouvintes.

Quando êle instrua os apóstolos de como deveriam anunciar a salvação aos leprosos espirituais, serviu-se sistematicamente da linguagem dos Setenta.

Essa versão foi fundamental á sua doutrina e ao testemunho do seu messianismo, de sorte que, para ela sempre apelava, visto ser êsse livro o maior tesouro da nacionalidade.

A começar do Antigo, até o fim do Novo Testamento, a lepra física, cujo tratamento incumbia ao sacerdote judaico promover, é apontada como emblema da lepra espiritual, ou seja do pecado, cuja penalidade o nosso Salvador aceitou, afim de nos resgatar por sua morte.

Essa lepra espiritual era precisamente o motivo de sua vinda ao mundo; da sua paixão e morte no mundo. E a lepra do corpo, que aos sacerdotes judaicos competia tratar, era o símbolo dos pecados que Jesus deveria expungir pela efusão do seu sangue, e dos quais os apóstolos deveriam tratar, até á consumação dos séculos.

Referindo-se aos deveres do sacerdote hebraico para com o leproso, dizem as nossas modernas traduções no Levitico, XIII, 6: *declará-lo-á limpo*; e no versículo 8 — *será declarado imundo*.

Contudo, a versão dos Setenta, usada por Jesus e seus coevos, exprime de modo muito diverso esta atitude sacerdotal, de vez que, não reza que o sacerdote *declare limpo o enfêrmo* e sim *que o limpará* (Ratharci) *ou tornará imundo* (mianei).

Nenhum judeu caiu no absurdo de imaginar que pelo fato da sua Bíblia consignar *limpará* (Ratharci) tivesse o sacerdote a milagrosa e sobrenatural virtude de remover a lepra orgânica.

Nem nos consta que em parte alguma e a qualquer tempo o sacerdócio hebreu se atrevesse a inculcar ao povo a prerrogativa divina de *limpar* a lepra, pelo fato de la estar escrito na Bíblia *limpará o leproso*.

Tanto o sacerdócio como o povo tinham inteligência e lealdade para compreender e confessar que aquela locução mais não significava que o direito legal que tinha o sacerdote de verificar se a lepra estaria ou não curada, cumprindo-lhe unicamente examinar certos estigmas ou marcas indiciadas por Moisés como probatorias de que Deus havia curado o mal, antes que o seu portador se lhe apresentasse a êle sacerdote.

Assim, curado exclusivamente pela misericórdia divina, á revelia do sacerdote e antes de se lhe apresentar, o leproso o fazia apenas por carecer de um atestado formal.

E' neste sentido e para um tal efeito que a Bíblia consigna que o sacerdote *limpava* ou *tornava imundo* o recorrente. (Versão dos Setenta, Liv. XIII, 6, 8).

Confrontemos, agora, o que disse Deus, por bôca de Moisés aos sacerdotes da antiga lei, relativamente á lepra do corpo, com o que disse pela bôca do Filho Jesus aos seus Apóstolos e á Igreja inteira, relativamente á lepra do espírito, de que nos livrou na Cruz:

E ao sétimo dia examiná-lo-á; e se a lepra aparecer mais escura e não tiver crescido sôbre a cutis, *limpá-lo-á* (Katharei) porque é sarna. Este homem lavará seus vestidos e *será limpo* (Katha-

S. João XX, 23.

Aos que vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão êles perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.

ros). Porém, se depois de visto e limpo pelo sacerdote, crescer novamente a lepra, tomar-lho-ão a levar. E êle será feito *imundo* (mianthesetai).

A analogia das enfermidades que aos sacerdotes hebreus, tanto quanto aos discípulos de Jesus incumbia tratar, aí está bem manifesta.

Manifesta, também, a analogia dos termos em que se lhes prescrevia as obrigações respectivas.

Quando Deus disse aos sacerdotes da lei antiga — *limparás o leproso e êle será limpo*, ou ainda — *fá-lo-ás imundo e êle o será*, deu-lhes apenas uma autorização legal para verificarem se havia ou não indícios, mediante os quais pudesse declarar que Deus havia curado o leproso, antes que o sacerdote o tivesse á sua frente e sob os olhos.

Da mesma fórmula, quando Cristo disse aos discípulos e á igreja em geral: — *aos que perdoardes serão perdoados* — deu-lhes tão só e unicamente autoridade para declarar que os morféuticos da alma, ou seja os pecadores, estavam reconciliados com Deus e teriam recebido o seu perdão divino, antes de chegarem á presença dos apóstolos.

E' verdade que os sacerdotes da lei antiga receberam de Deus, veiculado por Moisés, um regulamento a seguir, destinado a conhecer com segurança se a lepra havia desaparecido de fato.

Se a lepra aparecer mais escura e não tiver crescido sobre a cutis, limpá-lo-ás... porém se creceu novamente a lepra, fá-lo-ás imundo. (Lev. XIII. 6 a 8).

Persuada-se alguém que o Cristo falou o hebraico do seu tempo e que citava o Velho Testamen-

to hebraico e já não teremos senão a declarar que o hebraico corresponde exatamente ao grego, onde *limpar* e *fazer imundo* colhem a mesma acepção textual dos Setenta.

Temos assim que Jesus deu a seus Apóstolos e á igreja, em geral, regras e sinais infalíveis, pelos quais pudessem determinar o desaparecimento da lepra espiritual e purificassem o leproso, dizendo-lhe:

“Limpo-te ou faço-te imundo” — “Perdoo-te e retenho teus pecados”.

Efetivamente, necessário me fôra citar inúmeras passagens do Velho Testamento, se quisesse aqui reproduzir todos os sinais dados por Deus, por seus Profétas, por Jesus e seus Apóstolos, para que os seus prepostos e servos lograssem conhecer quando deveriam anunciar ao pecador a libertação dos pecados.

Não deixarei, contudo, de citar algumas:

- 1.^a *E disse-lhe: ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. O que crer e for batizado, será salvo; o que, porém, não crer, será condenado.* (S. Marcos XVI. 15. 16).

Vejamos só que falta de memória do Salvador do mundo! Êle esqueceu-se absolutamente de dizer que, além da fé e do batismo, a “confissão auricular” era imprescindível a quantos quisessem salvar-se! A todos os que creem e são batizados, Jesus autoriza os Apóstolos e a Igreja a dizer-lhes: “*Estais salvos, vossos pecados são perdoados, purificavo!*”

- 2.^a *E ao entrardes na casa, saudai-a dizendo: paz seja nesta casa. E se aquela casa na*

realidade o merccer, virá sôbre ela a vossa paz. Succedendo não vos querer alguém em casa, nem ouvir o que dizeis, ao sair para fóra da casa, ou da cidade, sacudí o pó de vossos pés. Em verdade vos afirmo isto: menos rigor experimentarás no dia do Juizo a terra de Sodoma e de Gomorra, do que aquella referida cidade. (Mateus X. 12 a 15).

Neste lance tambem o grande Médico diz a seus discípulos quando a lepra está expurgada, perdoados os pecados e purificado o pecador. Nem mais nem menos do que quando os leprosos, os peccadores, acolhem os seus dêle mensageiros e lhe aceitam a mensagem.

Mas não vemos aí uma palavra que diga com a confissão auricular, essa grande *panacéia* do Papa, que O Cristo não conhecia.

3.^a *Porque se aos homens perdoardes suas ofensas, tambem vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Mas se aos homens não perdoardes suas ofensas, tão pouco vos perdoará vosso Pai vossas ofensas. (Mateus VI. 14-15).*

Seria possível prescrever aos apóstolos e discípulos uma regra mais criteriosa e ao mesmo tempo mais singular para que soubessem quando e como poderiam dizer ao pecador que seus peccados lhe estavam perdoados ou retidos?

As duplas chaves do céu aí estão oferecidas solene e publicamente a todos os filhos de Adão.

Tão certo como haver um Deus no céu, tão certo como haver Jesus se imolado á salvação dos

peccadores, assim é certo que, perdoando alguém as ofensas de outrem por amor de Jesus, em nele crendo, seus peccados lhe serão perdoados.

Podem, portanto, os discípulos do Cristo, a qualquer tempo, dizer ao pecador que seus peccados lhe estão perdoados, não porque lhos tivesse confessado, mas, por amor de Jesus. Bem como que, a prova êle a terá no perdão que por sua vez conceda aos seus ofensores.

4.^a *E eis que um certo doutor da Lei se levantou, tentando-o e dizendo: Mestre, que cousa fazendo, herdarei a vida eterna? E êle lhe disse: que está escrito na Lei? Como lês? E respondendo êle disse: amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas fôrças, e de todo o teu entendimento: e a teu próximo como a ti mesmo. E, disse-lhe: Bem respondeste; faze isso e viverás. (Lucas X. 25 a 28).*

Que belo ensejo aí se deparava ao Salvador para que falasse da confissão auricular, como regra de salvação! Mas, eis que Jesus ainda uma vez se esqueceu de recomendar o remedio infalível dos Papas. Jesus falando, qual o fazem hoje os protestantes, manda que seus mensageiros anunciem o perdão dos peccados, não aos que se confessarem a um homem, mas, aos que amarem a Deus e ao próximo.

E assim haverão de proceder todos os seus legítimos representantes, até o final dos tempos.

5.^a E tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome. Levantar-me-ei,

e ir-me-ei a meu pai, e dir-lhe-ei: *Pai, contra o céu e perante ti pequei. E já não sou digno de ser chamado teu filho: faze-me como a um de teus jornaleiros. E levantando-se, foi a seu pai. E como ainda estivesse de longe, viu o seu pai e moveu-se a íntima compaixão; e correndo, lançou-se-lhe ao pescoço; e beijou-o. E o filho lhe disse: Pai, contra o céu, e perante ti pequei; e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse a seus servos: Trazei o melhor vestido, e vestí-lho; e ponde um anél em sua mão, e alparcas nos pés. E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos. Porque este meu filho, morto era, e reviveu; tinha-se perdido, e é achado.* (Lucas XV. 17 a 24).

Apóstolos e discípulos do Senhor, onde quer que, neste nosso mundo de pecados e misérias, possais ouvir a exclamação do filho pródigo, ou seja — *levantar-me-ei e irei buscar meu Pai*; onde quer que possais lobrigar esse filho pródigo, genufletido aos pés do Pai, que não aos vossos, a dizer: — *Pai, pequei contra ti — procurai juntar vossos louvores aos hinos jubilosos dos anjos de Deus, e repeti aos ouvidos do pecador remido a frase já brotada dos lábios d'Aquele cujo sangue purifica de todo o pecado. Dizei-lhe enfim: os teus pecados te são perdoados.*

6.^a *Vinde a mim todos os que estais cansados, e carregados, e eu vos aliviarei, e eu vos farei descansar. Tomai sôbre vós meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e hu-*

milde de coração; e achareis descanso para vossas almas. Porque meu jugo é brando, e leve a minha carga. (Mateus XI. 28 a 30).

Estas palavras, ditas ha mais de 1.800 anos, valem como se o fôsem hoje mesmo. E' como se Jesus as esteja pronunciando e dirigindo a cada instante do dia ou da noite, a todos nós, míseros pecadores. Eis que agora mesmo estamos a ouví-lo: *vem a mim e te darei descanso:*

Nunca o Cristo disse e nem jamais dirá a qualquer pecador: *vai, procura os sacerdotes para que te deem descanso.*

O que êle diz, notai-o bem, é: *vem a mim e eu te descansarei.*

Assim, temos que os Apóstolos e discípulos do Salvador proclamam repouso e paz, não para os pecadores que lhes vão aconfessar seus pecados, mas para aqueles que recorrem ao Cristo, e só a Êle, para nele e com êle reconciliarem-se.

Tão certo é que, a locução *vinde a mim*, pronunciada por Jesus, nunca significara nem jamais poderia significar: — *ide, confessai-vos ao sacerdote.*

O magnânimo Salvador jamais teria dito — *meu jugo é suave, meu fardo é leve*, visando estabelecer a confissão auricular, mesmo porque, o mundo nunca experimentou jugo mais pesado e tão humilhante qual o da confissão auricular.

7.^a *E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado. Para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.* (João III. 14 e 15).

Teria Deus, porventura, estabelecido alguma confissão auricular lá no deserto, quando ordenou a Moisés que alçasse a serpente?

Não, absolutamente.

Tão pouco, disse o Salvador que a confissão auricular era uma condição de salvamento daqueles que dirigem olhares de fé ao grande Substituto, que lhes resgatou as dívidas no madeiro. Aos israelitas que contemplavam a serpente levantada, foi ofertado um perdão gratuito. Também aos que o contemplam elevado no ambiente do coração, possuídos de fé, arrependimento, amor, também a esses êle ofereceu perdão gratuito e amplo:

Aos pecadores dêsse quilate, os ministros do Cristo poderão autorizadamente dizer enquanto o mundo existir: *vossos pecados estão perdoados, alimpamos vossa lepra.*

8.^a *Porque de tal maneira amou Deus ao mundo, que deu a seu Filho unigênito: para que todo aquele que nele crê não peca, mas tenha a vida eterna. Porque não mandou Deus seu Filho ao mundo, para que condenasse ao mundo, mas para que o mundo por êle fôsse salvo: Quem nele crer não é condenado; mas quem não crê já está condenado; porquanto não creu no nome do unigênito Filho de Deus.*

É esta é a condenação, que a luz veiu ao mundo, e os homens amaram mais as trevas que a luz, porque suas obras eram más. Porque todo aquele que faz mal aborrece a luz, e não vem a luz, para que suas obras sejam manifestas, que são feitas em Deus. (S. João III. 16 a 21).

Na doutrina romanista, só pela confissão auricular é que o pecador se pôde reconciliar com Deus e isso, já se vê, só depois de haver confessado minuciosamente todos os seus pensamentos, palavras e obras, pois antes que o faça, não poderá o sacerdote dizer-lhe — *teus pecados estão perdoados.*

Na religião evangélica, porém, a reconciliação é absoluta e se verifica exclusivamente mercê da obra de Jesus Cristo.

Esse maravilhoso perdão não é conseguido a custas de qualquer ato exterior do delinqüente, nem se lhe exige mais nada além da Fé, do arrependimento, do amor.

Estes, os sinais que indiciam a cura da lepra e, com ela, a absolvição do pecado.

A' todos os portadores dêsses sinais, ficam autorizados a dizer os embaixadores do Cristo, que seus pecados estão de fato perdoados, porque limpos são da lepra.

9.^a *E o Publicano, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia em seu peito, dizendo: oh! Deus, tem misericórdia de mim pecador. Digo-vos que mais justificado desceu êste á sua casa, do que aquele, porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado; e qualquer que a si mesmo se humilha, será exaltado. (Lucas XVIII. 13 e 14).*

Aí temos o pecador justificado! Sim, justificado, e sem a confissão auricular...

Ministros e discípulos de Cristo: sempre que virdes o pecador penitente batendo no peito a exclaimar — *meu Deus, sê-me propício a mim, pecador* — fechai ouvidos ás illusórias prescrições romanas, que

vos ordenam obrigar essa alma remida á uma confissão especial de todos seus pecados, afim de obter perdão. Muito pelo contrário, anunciai-lhe a mensagem de que o Cristo vos incumbiu, dizendo-lhe — *os teus pecados te são perdoados, estás curado.*

- 10.^a *E um dos malfeitores que pendurados estavam, blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós outros. Porém respondendo o outro, repreendia-o, dizendo; nem ainda tu temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós outros em verdade justamente: Porque o que nossos feitos mereciam, isso recebemos; mas este nenhum mal fez. E dizia a Jesus: Senhor, lembra-te de mim quando vieres em teu reino. E Jesus lhe disse: Em verdade te digo, que hoje estarás comigo no Paraíso. (S. Lucas, XXIII, 39 a 43).*

Sim, efetivamente, no Paraíso, ou Reino de Jesus, independente de confissão auricular! Lá, do cimo do Calvário, mãos pregadas na cruz, sangue a manar-lhe do peito lanceado, Jesus como que protesta contra a confissão auricular. Ali assim, na cruz, Ele será para todos os tempos, até a consumação dos séculos o Amigo do pecador, sempre pronto a servir e perdoar os que lhe invocam o nome e nele confiam.

Discípulos do Evangelho, onde quer que oigais a súplica do pecador repeso ao Salvador crucificado — *lembra-te de mim, quando entrares em teu reino* — correi por dar a essa alma penitente e redimida, a certeza do perdão de seus pecados. Limpai o leproso.

- 11.^a *O ímpio deixe o seu caminho, e o varão malino seus pensamentos, e se converta a Jeová, e se apiedará dele, como também a nosso Deus, porque grandioso é em perdoar. (Isaias LV — 7).*

Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos tratos de diante de meus olhos: cessai de mal fazerdes. Aprendei a bem fazer, procurai o direito, ajudai ao oprimido, fazei justiça ao órfão, tratai da causa das viúvas. Vinde então, e entremos em demanda, diz Jeová: ainda que vossos pecados fóssem como a grã, como a neve se embranquecerão; ainda que fóssem vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã. (Isaias, I, 16 a 18).

Eis aí os marcos que delimitam a misericórdia de Deus, fincados por suas mãos onipotentes!

Quem, perguntamos, ousará removê-los para os substituir por outros? Porventura teria Jesus neles feito qualquer alteração? Teria jamais dito, alguma vez, ao pecador que outra coisa se lhe exigiria, em penhor de perdão, a não ser a sua fé, arrependimento e amor, com os abençoados frutos daí decorrentes? Nunca, jamais!

A todo o tempo, os profetas do Velho, quanto os apóstolos do Novo-Testamento jamais disseram ou sequer insinuaram que a confissão auricular se impunha como condicional de perdão.

Oiçamos a David:

Meu pecado te notifiquei e minha maldade não encobri; dizia eu, confessarei a Jeová minhas transgressões: e tu perdoaste a maldade de meu pecado, Sela! (Salmos, XXXII, 5).

E, que nos diz o Apóstolo S. João?

Se dissermos que com êle temos comunhão, e em trevas andarmos, mentimos e a verdade não tratamos. Mas, se na luz andarmos como êle na luz está, comunhão temos uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purga de todo pecado. Se dissermos que pecado não temos, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade em nós não está. Se nossos pecados confessarmos, fiél e justo é êle, para que nos perdôe os pecados, e nos purgue de toda iniquidade. (1.ª Ep. S. João. I. 6 a 9).

Esta, a linguagem dos profetas e apóstolos. Esta, a linguagem do Velho, como do Novo Testamento.

A Deus, e só a Êle, o pecador é convocado a confessar-se. De Deus, exclusivamente, pode o pecador receber o perdão.

S. Paulo escreveu quinze epístolas, nas quais fala de todos os deveres postos á consciência humana, á face das leis divinas e dos preceitos evangélicos. Mil vezes se dirige S. Paulo aos pecadores instruindo-os de como se devem reconciliar com Deus. Quem poderá, no entanto, atribuir-lhe uma só palavra inerente á confissão auricular? Ninguém.

S. Pedro, S. João, S. Judas, também dirigiram seis cartas ás igrejas do seu tempo, nas quais acentuam com clareza o que devem fazer para se salvarem, os pecadores de diversas categorias.

E também aí não se nos depara uma única palavra condizente á confissão auricular.

S. Tiago diz: *confessai uns aos outros os vossos pecados.*

Este laço é, porém, uma repetição tão manifesta do preceito de Jesus, referente á reconciliação dos ofendidos e tão pouco se enquadra no dogma

da confissão sigilar, que os mais estênuos defensores da confissão eclesiástica ainda não ousaram recorrer a êsse texto na defesa da sua nova invenção.

Mas, já que não encontramos no Velho, nem no Testamento Novo, algo que autorize êsse dógma, digamos também, desde logo, que nada o indicia, igualmente, nos anais do primeiro milênio do Cristianismo. Isto positiva e exatamente, diga-se, porque, quanto mais estudámos a história da Igreja nesses primeiros dez séculos de sua existência, mais nos convencemos de que essa confissão auricular não passa de triste impostura, aliás oriunda do período mais obscuro do mundo e da própria Igreja.

Recorramos a quantas biografias existem dos primitivos Padres da Igreja primária, e aí também não ha encontrar uma palavra que indique a prática do confessionário, ainda que se mencionem mil coisas de somenos importância.

E' o que ocorre, por exemplo, com a vida de Santa Maria — a egípcia.

De fato, possuímos a narração minuciosa da sua carreira, dos seus escândalos públicos, da sua conversão, das suas orações aturadas, dos seus jejuns solitários, pormenores dos seus últimos instantes de vida e da sua morte, mas, nada nos diz que ela algum dia se houvesse confessado.

Evidente, assim, que viveu e morreu sem ter tido, jamais, essa lembrança.

O diácono Pôncio escreveu a biografia de S. Cipriano, que viveu no século terceiro.

Também êle não nos informa que o biografado tivesse tido algum dia a idéia de confessar-se, nem de ouvir alguém em confissão.

Mais, ainda: êste historiador fidedigno assegura que Cipriano incorreu na excomunhão de Es-

têvão, bispo de Roma, e morreu sem requerer a nulidade dessa excomunhão.

Nada obstante, parece que êsse fato não lhe interdito o caminho do céu, visto que os infalíveis Papas romanos, sucessores de Estevão, santificaram a Cipriano.

Gregório de Nissa nos brindou com a *Vida de S. Gregório*, de Neo-Cesarea, do século III e de *S. Basílio*, do século IV. Não ha em sua obra resquício de que se confessassem ou confessassem a alguem.

Assim, torna-se evidente que êsses dois grandes varões de santidade, tanto quanto todos os cristãos seus coevos, viveram e morreram sem conhecer o dógma da confissão auricular.

Temos tambem a interessante biografia de *S. Ambrósio*, do século IV, escrita por Paulino e dêste livro se infere, tão claro como dois e dois fazerem quatro, que S. Ambrósio nunca foi ao confessionário.

A história de S. Martinho de Tours, século IV, da autoria de Severo Sulpicio, do V século, vale por outra prova pristina de que naqueles tempos não havia confissão auricular, de vez que S. Martinho viveu e morreu sem praticá-la.

Palas e Teodoreto legaram-nos o panegírico da vida, sofrimentos e morte de *S. Crisóstomo*, bispo de Constantinopla, que morreu no limiar do século V, e ambos são absolutamente mudos no tocante ao dógma da confissão.

A julgar pelo que dizem, nada mais lógico do que inferir que o eloqüente e santo bispo viveu e morreu sem jamais cogitar da confissão.

Todos são concordes que não houve escritor mais profundado em pormenores do proselitismo cristão do que o erudito quanto eloqüente S. Jeró-

nimo, tambem do século V. Muitas das suas admiráveis epístolas foram dirigidas a presbíteros do seu tempo e a diversas matronas e donzelas cristãs, que lhe demandavam bons conselhos sôbre a melhor pauta de vida cristã.

Essas epístolas, que perfazem cinco volumes, constituem um dos mais curiosos depoimentos das atitudes, costumes, opiniões, moralidade, fé e prática dogmática dos primeiros séculos da Igreja, ao mesmo tempo que fornecem incontestavel prova da inexistência da confissão auricular como dógma.

Se fôsse um dever dos presbíteros ouvirem as confissões do povo, como admitir a omissão de S. Jerónimo, deixando de aconselhar e traçar regras á confissão auricular, quando sabemos que os pastores de seu tempo o consultaram sôbre a melhor maneira de desempenhar seu ministério?

Emprazamos, de consequente, o mais solícito sacerdote da Nova-Roma a descobrir em todas as epístolas de S. Jerónimo uma única linha que possa justificar a confissão auricular.

Na sua admiravel carta endereçada ao presbítero Nepociano, concernente á vida dos presbíteros, (Vol. II, pag. 203) falando das relações deles presbíteros com as mulheres, diz:

“Solus cum sola, secreto et absque arbitrio, vel teste, non sedeas. Si familiaris est aliquid loquendum, habet nutricem majorem domus, virginem, viduam, vel maritam; non est tam inhumana ut nullam præter te habeat cui se audeat credere”.

“Não te assentes á sós, com uma mulher, num lugar isolado. Tenha ela algo de particular a dizer-te, traga consigo a mais idosa fâmula doméstica

ca, seja uma donzela, uma viuva, uma casada. Nem deve ser tão ignorante das regras da humana vida que suponha não ter senão a ti para ouvi-la falar”.

Facílmo nos fôra citar aqui outras numerosas passagens, nas quais S. Jerónimo se revela peremptoriamente infenso a essas entrevistas ocultas entre padres e mulheres que, a pretexto plausível de conselhos e consolação espiritual, tornam-se freqüentemente um laço de perdição reciproca.

Mas, citemos ainda dêsse mesmo S. Jerónimo, a bela biografia de Santa Paulina, na qual, a despeito de nos fornecer todas as imagináveis atitudes e passos da sua biografada, como solteira, casada e viúva, — chegando a minúcias tais como a da forma e arranjos de sua cama — nada nos diz de molde a presumir que ela fôsse algum dia confesar-se.

O minudente biógrafo fala-nos das amigas de Santa Paulina, menciona-as nominalmente, narra incidentes minimísimos das viagens longas, das obras de caridade praticadas, da fundação de casas religiosas para os dois sexos, das suas tentações, fragilidades, heroismos, mortificações e, finalmente, de sua morte beatífica, mas não diz uma palavra sôbre confissões de Santa Paulina.

Não ha nenhuma referênciã, direta ou indireta, á escolha escrupulosa de um confessor honesto e santo!

Êle nos diz que o seu corpo foi conduzido ao sepulcro, aos ombros de bispos e presbíteros, como sinal de profunda veneração, mas não consigna que algum ou alguns dêsses sacerdotes houvesse jamais confabulado com ela na penumbra discreta de um confessionário, constrangendo-a a lhe revelar a trama das suas idéias, desejos e fraquezas durante a vida, assaz dilatada.

S. Jerónimo, testemunha mais que insuspeita, nos prova á evidência que a nobre e santa mulher viveu e morreu sem jamais recorrer ao tribunal da penitência.

A' pena de Possidio devemos interessante biografia de Santo Agostinho, do século V.

Aí tambem, procurámos de-balde qualquer indício de que o célebre bispo de Hipona fôsse algum dia confessar-se, ou recebesse em confissão qualquer ovelha do seu rebanho.

Ainda mais, e melhor: Santo Agostinho escreveu uma obra admiravel, intitulada *Confissão*, que é propriamente uma auto-biografia. Tendo sob os olhos êsse maravilhoso livro, nós podemos acompanhar Santo Agostinho, passo a passo, a toda a parte, nos episodios de sua existência.

Assistimos com êle, de fato, aquelas aulas tristemente famigeradas, nas quais lhe naufragaram a fé e a moral.

Depois, êle nos conduz ao jardim onde, vacilando entre o céu e o inferno, banhado em pranto, caminha para a fronde da figueira e clama: *Oh! Senhor, até quando permanecerei na iniquidade?*

Comove-se-nos a alma em ouvindo com êle a doce, misteriosa voz que lhe diz: *Tole! Lege!* — toma, lê.

Corremos, ainda, ao lugar onde deixou o exemplar do seu Evangelho, abrímo-lo com as mãos trêmulas e lemos: *Caminhemos á pleno dia, honestamente... revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.* (S. Paulo aos Romanos. XIII. 13. 14).

Esse livro incomparavel de Santo Agostinho nos faz chorar e exultar com êle: manifesta-nos todas as suas ações mais secretas, todas as suas tristezas, ânsias e gozos; revela-nos, enfim, toda a sua vida, diz-nos aonde vai, com quem peca, com quem

louva a Deus; e obriga-nos também a cantar e louvar o Senhor.

Poder-se-á, em face de tudo isso, admitir fôsse êle, algum dia confessar-se sem nos dizer onde, quando e a quem fez essa confissão auricular?

Será crível que êle houvera recebido a absolvição de um confessor, sem nos fazer partícipes da sua dita, sem nos convidar a, com êle, abençoar esse confessor?

Mas, a verdade é que em todo o livro não vislumbramos uma única palavra sôbre o assunto.

Antes, pelo contrário, a ilação, a impressão remanescente dessa leitura é que, tanto Agostinho como sua mãe, Santa Mônica, tantas vezes aí citada, viveram e morreram sem jamais se haverem confessado, e, portanto, que o dógma da confissão auricular é de invenção posterior.

Da primeira á última página do livro, o que se infere é que Santo Agostinho sempre nutriu como artigo de fé, sustentando-o, que só Deus podia perdoar pecados e que só a Deus devia o pecador recorrer, confessando-lhos, afim de lograr perdão.

Se escreveu as suas confissões, foi unicamente para que o mundo conhecesse quanto Deus fôra misericordioso para com êle — o confessando, e, assim também o ajudassem a louvar e engrandecer o nome do Pai celestial, infinitamente misericordioso.

No décimo tômo das *Confissões*, (Cap. III) Santo Agostinho protesta contra a idéia de que possam os homens, de qualquer forma, curar o leproso espiritual ou seja, absolver seus semelhantes.

Vejamos o seu eloqüente protesto:

Quid mihi ergo est cum omnibus ut au-

diant confessiones meas, quasi ipsi sanature sint languores meas?

Curiosum genus ad cognoscendam vitam alienam; desidiosum ad corrigendam.

“Que tenho com os homens para que oiçam minhas confissões, como se pudessem sanar minhas enfermidades?

Curioso é o mundo por conhecer a vida alheia, mas preguiçoso é êle em corrigi-la”.

Antes de Santo Agostinho erigir esse monumento sublime e duradouro contra a confissão auricular, já S. João Crisóstomo havia alçado a voz potente para condená-la, naquela sua homília concernente ao Salmo L. Assim, como porta-voz da igreja, diz:

Não vos convidamos a confessar pecados aos vossos semelhantes, mas tão sômente a Deus.

Nestorio, no século IV, predecessor de S. João Crisóstomo, mediante um ato público que os melhores historiadores romanos sempre identificaram, proibira solenemente a prática da confissão auricular.

Pois assim como de todos os tempos houve ladrões, ébrios e malfeitores outros no mundo, assim também, houve sempre mulheres e homens que, a pretexto de confidências, visando consôlo e edificação recíprocos, se entregavam a toda a sorte de abuso e concupiscência.

O renomado Crisóstomo, destarte, não fazia mais que consagrar com a sua autoridade a palavra do seu predecessor, advertindo os cristãos coetâneos contra o monstro recém-nascido.

Não vos convidamos a irdes confessar pecados a um homem pecador, afim de alcançardes perdão,

mas a que o façais unicamente a Deus. (Hom. Salm. L).

Foi entre os primeiros herejes, especialmente Marcião, que a confissão auricular abrolhou.

Belarmino diz que se deve praticar, mas oigamos o que dizem escritores contemporâneos, a êsse respeito:

“Certas mulheres tinham por hábito procurar o herético Marcião para lhe confessarem seus pecados. Êle, entretanto, deixou-se se impressionar pela beleza de tais mulheres e como lhe elas correspondessem ao amôr, abandonaram-se ao pecado”.

Atênda-se ao que diz S. Bazilio em seu comentário ao Salmo XXXVII da confissão:

Não me apresento ao mundo para fazer uma confissão de lábios. Ao contrário, cerro os olhos e confesso meus pecados no segrêdo de meu coração. Em tua presença, oh! meu Deus, solto os meus suspiros para que sejam deles a única testemunha. Meus gemidos são no âmago de minh'alma e para confessar não são precisas palavras muitas. O pesar e a contrição constituem a melhor das confissões. Os lamentos da alma até que te dignes de os ouvir, eis a melhor confissão.

S. Crisóstomo na sua Homília *De Penitência*, vol. IV, col. 901, diz o seguinte: *Não tendes necessidade de testemunhas da vossa confissão. Reconhecei intimamente os vossos pecados e seja Deus o unico a ouvir-vos.*

Em sua Homília V, *“De incomprehensibili Dei natura”*, Vol. I, diz: — *Portanto, vos suplico que*

sempre confesseis vossos pecados a Deus! Por mim, de modo algum, peço mos confesseis. Só a Deus deveis descobrir as chagas da vossa alma, pois que só dele podeis esperar lenitivo. Recorrei a Êle, portanto, e não sereis repellidos, mas curados, visto que antes de pronunciardes uma única palavra, conhece Deus a vossa petição.

No comentário ao capítulo XII da Ep. aos Heb., Homília XXXI, vol. XII, pag. 289, lemos ainda:

Não nos contentemos em nos dizermos pecadores. Examinemos nossos pecados e contêmo-los. Depois, não digo que os confesseis segundo o capricho de alguns, mas direi como o proféta: “confessai vossos pecados na presença de Deus, reconhecei as vossas iniquidades aos pés do vosso Juiz, orai no imo do coração e da mente, jamais com a língua e sereis perdoados.

Em sua Homília do Salmo I, vol. V. pag. 589, diz:

Confessai diariamente os vossos pecados, em oração. Porque hesitariaeis em fazê-lo? Não digo que te confesses a um homem tão peccador quanto tu mesmo e que te poderia desprezar conhecendo tuas faltas, mas que o faças a Deus, que é quem tas pode perdoar.

Naqueloutra admiravel Homília *De Lázaro*, vol. I, pag. 757, vêmo-lo exclamar: *Dizei-me porque vos envergonhareis de confessar vossos pecados? Acaso vos obrigamos a confessá-los a um homem, o qual poderia, a qualquer tempo, vô-los lançar em rosto? Alguem já vos ordenou que vos con-*

fesseis a um semelhante, capaz de os divulgar e vos prejudicar? O que pedimos é que mostreis vossas chagas dalma ao Senhor e Mestre, igualmente amigo, protetor e médico.

Em uma pequena obra dêsse mesmo S. Crisóstomo, intitulada — *Catechesis ad Illuminandos*, vol. II, pag. 210, encontramos estes conceitos admiráveis: *O que mais nos deve admirar é que Deus não só nos perdôa como também não os divulga, nem quer que divulguemos os nossos pecados. O que exige é que a êle só os confessemos, para que nô-los perdôe.*

Santo Agostinho em sua bela Homília referente ao Salmo XXXI, assim se externa: *Confessarei ao Senhor minha injustiça e Êle me perdoará todas as minhas iniquidades. E tal confissão não é feita de lábios mas só de coração. Mal abri a bôca para confessar meus pecados e fôram-me perdoados porque Deus já tinha ouvido a voz do meu coração.*

Na edição dos S. S. P. P., de Migne, Vol. 67, pags. 614, 615, lemos:

Cerca do ano 390, o ofício do penitente foi abolido na igreja, devido ao grande escândalo causado por uma mulher que se acusou publicamente de um crime contra a castidade, de parceria com um diácono.

Bem sei que os advogados da confissão auricular citam, a título informativo dos seus adeptos iludidos, diversos tópicos extraídos dos S. S. P. P., nos quais se alude que os pecadores iam a este ou àquele Bispo ou Presbítero, no intuito de confessar pecados.

Ha nessa respiga, porém, uma grande des-

lealdade, de vez que, a quantos conheçam algo de história eclesiástica daqueles tempos, claro se faz que os referidos tópicos tão somente se conjugavam á confissão de faltas públicas, feitas publicamente, mediante ofícios do penitenciário.

Este ofício de penitenciário exercia-se da maneira seguinte: em todas as grandes cidades havia um presbítero ou ministro, nomeado expressamente para presidir ás reuniões da igreja. Nessas reuniões, os membros que houvessem pecado notória e publicamente, eram obrigados a confessar a falta ou faltas diante da comunidade congregada, afim de se rehabilitarem com os privilégios peculiares á confraria.

A êsse penitenciário é que incumbia, em tais casos, ler ou pronunciar o veredito do perdão da igreja aos delinquentes, antes que pudessem ser readmitidos á comunhão.

Esta regra, aliás, estava em perfeita harmonia com o exemplo de S. Paulo no caso do incestuoso de Conrinto, pecador escandaloso que desacreditara os fóros de cristão, e que depois de confessar e deplorar perante a igreja reunida o seu pecado, logrou perdão, não de sacerdote qualquer, a que porventura houvesse detalhado o fato em suas mínimas circunstâncias, mas de toda a coletividade reunida.

S. Paulo aprova prazerosamente essa absolvição da igreja de Corinto e a readmissão, em seu seio, á tal preço, do transgressor arrependido.

Quando os S. S. P. P. dos primeiros séculos do Cristianismo falam da *confissão*, é sempre no sentido de *confissão pública e nunca auricular*.

Entre as duas fórmulas ha tanta diferença como entre o céu e a terra; entre Deus e seu grande inimigo Satanaz.

E', pois, verdade que a confissão pública data dos tempos apostólicos, e essa ainda hoje a praticam as igrejas protestantes.

A confissão auricular, porém, era desconhecida dos primitivos cristãos, tão certo como ser hoje repudiada com horror por todos os verdadeiros servos de Jesus Cristo.

Erasmus, católico dos mais eruditos que, no século XVI se bateram contra a Reforma tão admiravelmente iniciada por Lutéro e Calvino, afirma com toda a sua coragem e boa fé, no seu tratado *De Pœnitencia*, que:

Esta instituição da penitência (refere-se á confissão auricular) se originou antes de alguma tradição do Velho ou do Novo-Testamento; que, porém, os nossos teólogos não considerando prudentemente o que disseram os antigos doutores, se enganam. Assim, o que êsses doutores escreveram sobre a confissão geral e pública, é mais tarde desfigurado, torcido e aplicado a esta espécie de confissão secreta e particular.

Todo mundo sabe hoje que nenhum apolo-gista instruído da Igreja Romana jamais negou fôsse a confissão auricular elevada a dógma de praticagem obrigatória, antes do Concílio de La-trão, em 1215, sob o pontificado de Inocência III.

Antes disso, como tal, isto é, com fôros dogmáticos, é impossível encontrar-lhe vestígios nos fastos do cristianismo.

E assim havemos de convir em que Satanaz consumiu mais de doze séculos, após o nasçimen-to do Redentor, para aperfeiçoar a sua obra-pri-ma entre as demais que arquitetou, e mediante as quais, procura conquistar o mundo e destruir as criaturas humanas.

Pouco a pouco, se foi introduzindo essa farsa

no mundo, á maneira das sombras que se conden-sam e avançam dentro da noite em gradações tão imperceptíveis, que ninguém pode precisar o mo-mento do seu primeiro contacto com os raios so-lares. Sabemos dizer quando brilha o sol, bem como quando as sombras envolvem o mundo, mas não podemos fixar positivamente o momento em que se desvaneceu a primeira luminosidade.

O Senhor diz que *o reino dos céus é seme-lhante a um homem que semeiou boa semente em seu campo, e enquanto dormia veio o inimigo e lançou a cizânia em meio do trigo, e foi-se. E tendo crescido a erva e dado fruto, appareceu tam-bem a cizânia.*

E chegando os servos do pai de família, lhe disseram: Senhor! porventura não semeaste a boa semente em teu campo? Donde lhe veio, pois, a cizânia? E elle lhes disse: O homem inimigo é que isto fez. (S. Mateus XIII. 21 a 28).

O Bom Mestre nos diz que o inimigo semeiou a cizânia no campo, durante a noite, enquanto os lavradores dormiam.

Não nos diz, porém, a hora exata do aten-tado.

Contudo, se alguém deseja saber que medon-ha noite envolveu o "reino" e quanto era impla-cavel e cruél o semeador da cizânia, procure ler o testamento de Barônio, um dos mais sábios e de-dicados cardeais da Igreja Romana.

Ouçâmo-lo nos seus *Anais*, concernentes ao ano 900:

"E' claro que difficilmente se poderá erer nas coisas indignas, execráveis, vilissimas e odiosas que a *Séde Apostólica* houve de suportar quando os príncipes do século, embora cristãos, se arrogavam o direito de eleger os Pontífices Romanos. Ah!

que vergonha! E quanta desolação! Quantos monstros repugnantes usurparam, então, a Santa Sé venerada dos anjos! E quantos, quantos males daí derivaram, quantas tragédias se perpetraram! Pura, imácula até então, quantos negros estigmas lhe vincaram a tradicional pureza! Oh! os virus que a infeccionavam! *Com que espécie de depravação a poluíram. E por isso, ei-la denegrada de perpétua infâmia!* (Barônio, Anais, Ano 900).

“Est plané ut vix aliquis credat, immo, nec vix quidem sit crediturus, nisi suis inspiciat ipsi oculis, manibusque contractat, quam indigna, quamque turpia atque deformia, execranda, insuper et abominanda sit coacta pati sacrosanta apostolica sedes, in cujus cardine universa Ecclesia catholica vertitur, cum principes soeculi hujus, quantumlibet christiana, hac tamen ex parte dicendi tyranni oevissimi, arrogaverunt sib, tyrannice, electionem Romanorum pontificum.

Quot tunc ab eis, proh pudor! pro dolor! in candem sedem, angelis reverendam, visu horrenda intrusa sunt monstra? Quot ex eis oborta sunt mala consumatae tragediæ! Quibus tunc ipsum sine maculâ et sine rugâ contigit aspergi sordibus, putoribus infice, inquinati spurcitiis, ex hisque perpetuâ infamiâ denigrari!

CAPÍTULO X

A IGREJA ROMANA OBRIGADA POR DEUS A CONFESSAR AS ABOMINAÇÕES DA CONFISSÃO AURICULAR

Diversos, os meios empregados pelo sacerdócio romano, no intuito de iludir o povo a respeito da confissão auricular.

Um dos artificios mais comuns é a citação de alguns trechos truncados, nos quais se recomenda aos sacerdotes a maior prudência quando hajam de interrogar ás penitentes sôbre assuntos melindrosos, afim de as não escandalizar ou ferir suscetibilidades.

Verdade é que ha teólogos sensatos, compenetrados, mais que outros, dos perigos em que incidem e lhes importa conjurar. Esses sábios conselheiros, porém, muito se assemelham a um pai que recomendasse ao ingênuo filhinho todo o cuidado em não queimar os dedos, embora lhe permitindo meter a mão no fogo.

Porque, num como noutro caso, a discrição é idêntica.

Que diria o leitor, em vendo um pai desalmado deitando ás feras o imbele filhinho inexpe-

riente, possuído da cruel e ridícula esperança de que a prudência infantil só por só a salvasse?

Nós poderemos admitir a boa fé, a sinceridade dêesses teólogos ao darem tais conselhos, mas com a condição de os não conceituar sábios nem razoáveis.

Nem serics, nem verdadeiros poderemos considerar quantos alegam que a Igreja de Roma ordenando a todos que se confessem a seus prepostos, fizesse exceções favoráveis aos pecados contra a castidade.

Isso não passa de poeira atirada aos olhos dos protestantes e pessoas outras mal informadas, por evitar que penetre os horríveis mistérios da confissão.

Quando o concílio de Latrão resolveu que todos os adultos, de ambos os sexos, se confessassem ao menos uma vez por ano, não fez qualquer restrição, nem mesmo relativa aos pecados de lesa-moestia ou pureza moral.

E o concílio Tridentino ao confirmar e renovar a decisão anterior também não fez exceção alguma sôbre os assuntos em aprêço.

Tratava-se simplesmente de pecados confessáveis, como todos os demais.

A legislação dêestes concílios continúa a vigorar em toda a sua fôrça e plenitude, com applicação a toda a espécie de delitos.

E', por assim dizer, absoluta em seus imperativos e todo o bom católico, homem ou mulher, ha de prestar-lhe obediência, confessando *todos os pecados*, ao menos uma vez cada ano.

Tenho sob os olhos o catecismo de Butler, aprovado por diversos bispos de Quebec. Abro-o na página 62 e leio:

Todos os penitentes devem examinar-se em seus pecados principais afim de os confessar sem exceção alguma, sob pena de eterna condenação.

O célebre catecismo de controvérsia do padre Estêvão Keenan, aprovado unanimemente pelos bispos irlandeses, diz, positivamente, na página 186, que o *penitente deve confessar todos os seus pecados*.

Logo, a donzela jôvem e timorata, tanto quanto a mulher modesta e pudica, devem cogitar, examinar, evocar atos vergonhosos, idéias impuras, afim de confessar a um homem solteiro todas as faltas, vencendo embora naturais repugnâncias, e tudo para que essa confissão redunde num ensejo de perigo moral para o sacerdote compelido a ouvi-la.

Ninguem se forra á repelente tarefa. Tanto o confessor como a confessanda estão sujeitos aos imperativos da lei e teem de passar, forçosamente, pela prova contagiosa.

Êle, o sacerdote, está obrigado a *tudo esmerilhar*; ela, a responder-lhe cabalmente a *todas as perguntas*, sob pena de eterna condenação.

Tal a lei rigorosa, inflexível da Igreja de Roma, no que respeita á confissão.

E' assim que ela se depara nas obras de Teologia, é assim que se anuncia do alto dos púlpitos, é assim que se inscreve em todos os breviários e publicações ortodoxas.

Ela é, finalmente, uma parte essencial da religião católica.

O sacerdote lhe está adstrito, submisso e, por meio dela sujeita as penitentes á sua autoridade.

Ha, porém, maridos ciumentos, que não gos-

tariam dessas conversas entre suas mulheres e os padres celibatarios, se porventura se informassem dos assuntos que exatamente lá se ventilam.

Ha tambem pais e mães que mal se comprazem em vendo suas filhas preocupadas e absorvidas com as confidências do confessionário, e que haveriam de tremer pela integridade de sua honra, se pudessem devassar os pormenores dessas confabulações.

Necessário, pois, que se conservem na sua ignorância, fazendo a igreja o melhor do seu possível por lhes vender os mistérios do confessionário. Nem é com outro fito que aos confessores se recomenda a maior prudência „nestes assuntos”, e que só os versem de maneira mui discreta, veladamente, com as maiores reservas.

Porque, — acrescentam — muito importa *não ferir a modestia da penitente, não entristecê-la nem melindrá-la.*

Mas, nada obstante, é “indispensavel que confessem o pecado”.

Ora, aí temos os bons conselhos ministrados aos confessores, adequados a determinadas ocasiões.

Atento á voz de comando de Ligório, Gury, Scavani e outros que tais casuistas, o sacerdote se torna assim como um general enviado, pelas caladas da noite, ao assalto de uma fortaleza, com a recomendação de agir cautamente, antes que desponha o dia.

E’ uma comissão de violência e crueldade, tendo por aliada as trevas.

E’ uma comissão, principalmente, de fina astúcia, visto que, quando o Pontífice ordena, deve o sacerdote, como leal soldado, estar sempre pronto para obedecer.

E sempre de máscara ou disfarçar outro qualquer, para que se não torne conhecido.

Muitas vezes acontece, todavia, que depois de tomada a praça mercê de secretas manobras e de uma habil estrategia, o pobre guerreiro fica no campo da luta gravemente ferido e fóra de combate.

Caro terá pago a sua vitória. Mas a fortaleza por sua vez sofreu danos, não raro irreparaveis, para sempre.

O padre ardiloso, sagaz, conseguiu o seu objetivo, pôde convencer a penitente de que nada havia de impróprio, e antes necessário fóra abordar e discurrir asuntos que pouco antes ela não poderia memorar sem pêjo.

E a penitente logo de tal se convence, que sería capaz de jurar nada existir de censuravel na confissão.

De fato, este é bem o caso que justifica o provérbio: — *abyssus abyssum invocat*. Um abismo clama outro abismo!

Digno de notar-se é que os teólogos de Roma, Gury, Scavani, Ligório, etc. — nuunca tivessem a hombridade de declarar que Deus Santíssimo não impôs á mulher a obrigação de aviltar-se, de contaminar-se, contaminando o sacerdote com a narrativa de cousas que nem a um anjo deveriam contar-se.

Não! Neste ponto andaram êles bem avisados, porque a partir do momento que tal cousa asseverassem, desvendariam a sua própria felicidade e o estupendo, mas fragil edificio da confissão auricular desabaria, com grande prejuizo para os seus defensores.

Homens e mulheres, olhos abertos, veriam todos a fragilidade da causa.

E diriam em uníssonos, com inteira razão: se Deus pôde perdoar nossos maiores peccados con-

tra o pudor, sem os confessarmos aos homens, certo poderá absolver-nos de faltas menos graves: portanto, não é de mistér que nos confessemos a um sacerdote.

Todavia êles, os sagazes casuistas, fartam-se de saber que uma tal declaração lhes infirmaria a autoridade, o predomínio entre os povos avassalados ao credo romanista, especialmente o elemento feminino, seu melhor agente de propagação e dominação.

E assim é que preferem assegurar a própria suserania sôbre inteligências obscurecidas, consciências terrificadas, almas tímidas enfim.

Não admira, portanto, que aceitem e plenamente confirmem as decisões de Latrão e Trento, que ordenam — *sejam confessados integralmente todos os pecados, tal como os conhece Deus.*

Não admira se esforcem em vencer a natural repugnância da mulher a essas que tais confissões, ao mesmo passo que occultam os terríveis perigos que ameaçam o sacerdote em as ouvindo.

Deus, porém, na sua infinita misericórdia e a bem da verdade, obrigou a Igreja romana a reconhecer os perigos morais e as tendências corrutoras da confissão auricular.

Deus, na sua sabedoria infinita, reconheceu que os adeptos do romanismo haveriam de cerrar ouvidos a tudo quanto pudessem alegar os discípulos da verdade evangélica, no concernente á influência deletéria dessa instituição, e mesmo que haveriam de revidar insultuosa e falaciosamente aos argumentos racionais e verdadeiros a êles propostos com toda a lealdade, á exemplo dos judeus, que retribuiram com apodos e doestos ao Salvador, a boa nova de uma salvação gratuita.

Sim, Deus sabia que os devotos romanistas,

desencaminhados pelo cléro, haveriam de chamar mendazes, sedutores, possessos, aos apóstolos do Senhor, tal como fôra êle próprio havido por endemoninhado e impostor, para sueumbir ás mãos dos próprios acusadores seus.

Esse grande Deus tão compassivo hoje como naqueles tempos, para com os espíritos obscurecidos e ludibriados, operou um verdadeiro milagre em abrindo os olhos dos católico-romanos e como que os compelindo a nos prestar atenção, quando dizemos com autoridade divina que a confissão auricular foi engendrada por Satanaz para perder irremediavelmente, tanto os confessores como as confessandas.

Aquilo, pois, que nos não atreveríamos dizer aos crentes católicos, do que ocorre freqüentemente entre suas espôsas e filhas, com os padres, durante ou depois da confissão, obrigou Deus a Igreja a confessá-lo, revelando fatos que seriam inacreditáveis se publicados fôssem por nós ou qualquer outra pessoa estranha á sua grei.

Neste, como noutros casos, ela, a Igreja, inconscientemente se tem prestado a porta-voz do Criador, na consecução do seu grande e benévolo desígnio.

Queira o leitor atender ás perguntas que a Igreja por seus teólogos dirige a todos os sacerdotes, depois de terem ouvido a confissão de vossas espôsas e filhas:

1 — *None inter audiendas confessiones quasdam proposui questiones circa sextum decalogi præceptum cum intentione libidinosa?* (Miroir du clergé, pag. 582).

— “Não terei eu feito, em ouvindo confissões, perguntas concernentes aos pecados

contra o sexto mandamento, (1) com intenções libidinosas?

Oh! mães e filhas, aí tendes o homem a quem ides desvendar os atos mais recônditos da vossa vida.

Ajoelhai-vos a seus pés e lhes segredais ao ouvido os pensamentos e desejos mais íntimos, as ações, os estós mais secretos, porque a vossa igreja astuta, sofisticamente, conseguiu persuadir-vos de que não havia inconveniência em assim proceder, e que o homem eleito para vosso diretor e confidente não pudera ser tentado em face de narrativa tão impura.

Entretanto, essa mesma igreja, por fôrça de uma providência misteriosa, vê-se constrangida a confessar em seus livros, as mentiras do seu patrimônio.

A despeito de si mesma, admite que existe no confessionário um verdadeiro, um iminente perigo, tanto para a penitente quanto para o sacerdote.

E mais, que, voluntária ou involuntariamente, tramam-se ás vezes recíprocos laços fatais.

Dir-se-ia que, sentindo remorsos de consciência em permitir a seus sacerdotes o entrarem em tais confidências, a Igreja os segue com o olhar arguto e vigilante, enquanto a mulher lhes transfunde toda a maldade de sua alma, para interrogá-los, logo que a mulher se afasta, sôbre a pureza de suas intenções, sôbre a sua lealdade no abordarem assuntos tão delicados e perigosos.

Assim, temos, que logo lhes pergunta a Igreja: "Não é verdade que, a pretexto de ajudar a penitente em sua confissão, lhe fizeste certas per-

(1) Sétimo mandamento no Decálogo.

guntas no só intuito de satisfazer tuas péssimas inclinações?

2 — *Nonne munus audiendi confessiones suscepi, aut peregi ex prava incontinentie appetentia?* (idem, pag. 582).

— "Não tenho eu procurado o confessionário e ouvido confissões, levado por sentimentos depravados?"

Ah! mulheres! mulheres que tremeis, quais escravas, aos pés do confessor; que admirais a paciência; a caridade dêsse *bons* padres sempre prontos, de bom grado, a perder longas horas por ouvir vossos pecados íntimos, sem que saibais como lhes agradecer tanta bondade...

Dignai-vos, mulheres, ouvir a voz de Deus falando á consciência do padre, pela bôca mesma da sua Igreja.

Não é verdade — diz-lhe a Igreja — que *tens ouvido confissões de mulheres unicamente para te nutrires das paixões ignóbeis da tua natureza depravada, do teu coração corruto?*

Notai que não sou eu, nem adversário outro qualquer do vosso crêdo, quem formúla estas perguntas ao cléro.

E' Deus que, compadecido de vós, impele a vossa própria Igreja a fazê-las, afim de serem desvendados os vossos olhos e vos liberteis de todas essas contaminações arriscadas do confessionário, do seu jugo ao mesmo tempo aviltante.

E' Deus, sim, que vos deseja nobilitar e remir. Em sua infinita misericórdia, Elle vos tem proporcionado meios de vos safar do pantanal chamado confissão auricular, quebrando as algemas que vos prendem a um mísero peccador, o qual, fin-

gindo-se autoridade para vos absolver, usurpa as prerrogativas de alçada unicamente divina.

Eis porque, enquanto a êsse pecador confidenciais vossos pecados, diz-lhe Deus pela voz da sua própria Igreja, alto e bom som, para que todos oiçam: "*Ao confessares essas mulheres, não serás a isso levado por um impulso de lascívia?*"

Será que nisto não esteja, para vós mulheres, um como grito de alerta?

Podereis, de agora em diante, em perfeita convicção de segurança, tranqüilas como quem pratica um ato digno, vos acercardes dêsse homem para o qual a vossa confissão pode tornar-se uma armadilha fatal ou, no mínimo, uma fonte de perigosas tentações?

Podereis, enquanto nutirdes sentimentos de pudor e modestia, vos expordes voluntariamente aos lúbricos desejos do vosso confessor?

Será possível que, de posse ainda da vossa dignidade feminina, vades confiar a êsse homem os vossos mais íntimos pensamentos, as vossas ações mais humilhantes, depois de ouvirdes a declaração da própria Igreja, de que êsse tal homem poderá não ter outro fito, em vos ouvindo, que o de entreter uma curiosidade lúbrica, ou de espicaçar as suas paixões corruptas?

3 — *Nonne ex auditis in confessione occasionem sumpsi penitentes utriusque sexus ad peccandum sollicitandi?* (Idem, pag. 582).

— "Não me tenho eu válido do que ouvi em confissão para induzir no pecado os meus penitentes de ambos os sexos?"

Eu, por mim, me arriscaria a ser tratado com

o maior desprezo, se ousasse fazer uma tal pergunta aos vossos sacerdotes.

Vós haveríeis de conceituar-me por grande difamador em me atrevendo a duvidar da castidade, da pureza moral de criaturas tão beatificas. Chegariéis mesmo, talvez, a propugnar a absoluta impossibilidade do cometimento dos aludidos pecados, para concluir que jamais foram perpetrados tais crimes por meio da confissão.

Simples, enfaticamente, negariéis que o vosso confessor jamais houvesse dito, ou feito, coisa que vos levasse a consumir o mais leve peccadilho, ou qualquer ato menos digno.

Eis-vos perfeitamente tranqüilas e destemerosas de conseqüências funestas, quaisquer.

Mas, permiti vò-lo diga, minhas caríssimas senhoras, que sois demasiadamente ingênuas e confiantes, porque também vos conservam numa ilusão fatal.

Enquanto vos supondes perfeitamente garantidas, a vossa própria Igreja, graças ás advertências de Deus, á consciência de vossos teólogos, vos declara que ha um perigo real e iminente.

E' bem possível que nunca houvesseis suspeitado da existência dêsse perigo, mas a verdade é que êle lá está rodeando as grades do confessionário.

Mais, ainda, — êsse perigo demora em vosso próprio coração, tanto quanto no de vosso confessor.

E' possível que até aqui, êle se tenha abtido de vos tentar conservando-se, no mínimo, dentro de uma decência e moral aparentes.

Entretanto, nada vos resguarda de uma tentação superveniente, como também garantia algu-

ma de proteção se vos assegura, por vos defender de tais ciladas.

Nem me faltam provas em abono do que digo.

Triste ilusão, essa em que viveis. Sem o suspeitardes, estais á beira de um precipício em que muitas hão caído, confiantes em suas próprias fôrças ou então, na prudência e santidade do respectivo confessor.

E' pois a vossa Igreja quem se mostra solícita pela vossa segurança, quem teme pela vossa inocência e pureza.

Levada por seus temores, ei-la que vai acautelar o sacerdote, recomendando-lhe que vigie as suas paixões depravadas e considere a humana fragilidade.

Evidente se torna, portanto, que vos não podeis presumir mais fortes e invulneráveis do que o vosso confessor, fraco, segundo o juizo de sua própria Igreja.

E por que expor a tamanhos perigos a vossa candura, quando tão facilmente podeis evitá-los?

Por que cometer tão grande imprudência, collocando-vos na inelutavel contingência de tentardes e serdes por vossa vez tentadas, correndo o risco de uma perdição eterna?

4 — *Nonne extra tribunal, vel, in ipso confessionis actu, aliqua dixi autu egi cum intentione diabolica has personas seducendi?* (idem, idem).

— “Não tenho eu, fóra do tribunal, ou no próprio ato da confissão, dito ou feito certas coisas com o intuito diabólico de seduzir essas pessoas?”

Ao ler estas linhas, o leitor católico dirá: —

que grande inimigo de nossa religião teve o ímpio atrevimento de assim ofender, insultando-os, os nossos virtuosos sacerdotes?

A este leitor é facilimo responder, dizendo-lhe:

O grande inimigo de vossa religião é um Deus justamente ofendido, que admoesta e repreende a vossa cleresia, por se expôr a si mesma quanto a vós, em aventuras tanto mais perigosas quanto tentadoras.

E' êle quem os adverte das ciladas, tramas e corrupção da confissão auricular.

E assim, lhes diz: — precatai-vos, que podeis ser tentados — como de fato sereis — a dizer ou fazer algo capaz de macular a honra e a pureza moral.

Maridos e pais! — vós que prezais devidamente a honra das vossas espôsas, das vossas filhas; vós que collocais esse tesouro acima de todos os tesouros; que considerais essa honra como assaz preciosa para expô-la voluntariamente a influências tão corrutoras e que preferiríeis perder, antes mil vezes a vida, que ver cair nas garras do sedutor os vossos entes mais caros, lêde ainda uma vez, e ponderai bem o que a vossa Igreja pergunta ao sacerdote, após deixar êle o confessionário, onde aos pés se lhe rojaram as vossas espôsas, as vossas filhas, isto é: *No tribunal da penitência, ou após a confissão, não terás dito algo com o diabólico intuito de seduzir as vossas confessandas?*

Se o vosso sacerdote se mantém surdo a apêlos que tais, dirigidos á sua consciência, não será motivo bastante para não os atender e lhes negar todo e qualquer valor?

Como estar em paz, não temer algo do sacerdote nesses colóquios com as vossas mulheres e filhas, quando os maiores da vossa Igreja são os primeiros a tremerem pela sua conduta, pondolhes em cheque a integridade moral?

Sim, na verdade, êsses maiores divisam um enorme perigo para confessor e confessanda, por isso mesmo que sabem ter a confissão, em numerosíssimos casos, dado origem e aso aos mais vergonhosos escândalos.

Se não existira um real perigo para a castidade feminina nesse ato de comunicar a um homem os segredos do coração, acreditais que teólogos e Pontífices cairiam na leviandade de assinalar êsse perigo, ao ponto de formular, para uso de seus subordinados, perguntas que seriam não apenas inúteis, mas constituiriam verdadeiros insultos, se não houvesse motivos justificáveis que as legitimasse?

Não será, portanto, grande presunção e insensatez de vossa parte o presumir não haja perigo na confissão, quando é a mesma Igreja que vos declara positivamente a sua existência e emprega as expressões mais energicas para justificar os seus receios e zelos?

Vossa Igreja entende que ha poderosíssimas razões para receiar pela honra de vossas espôsas e filhas, assim como pela castidade do clero, e vós permanecéis de braços cruzados, alheios ao grave perigo a que se acham elas expostas?

Mas, neste caso, sereis como aquele velho povo judaico de antanho, a quem foi dito: — *ouvide, ouvintes e não o entendais; e vêde a visão e não a conhecéis*. (Isaias VI. 9).

Se, porém, já puderdes ver ou suspeitar do perigo de que vos advertem, se o olhar da vossa in-

teligência já puder sondar o abismo pavoroso no qual prestes a despenhar-se, encontram-se os seres mais diletos do vosso coração, não ha como declinardes da obrigação de os desviar da senda que os conduz ao precipício.

Nem vos demoreis, antes que tarde e quando não mais aproveite a intervenção.

Bem pode acontecer imagineis ainda longe o perigo que está próximo.

Aproveitai, sim, aproveitai a dolorosa experiência de tantas vítimas da confissão, perdidas definitivamente e para sempre.

A voz da consciência e a voz de Deus estão a dizer que a vossa relutância e demora podem comprometer a oportunidade que se vos oferece de resgatar os entes queridos.

Agradecei a Deus a misericórdia de os haver resguardado até o presente, mas não percais um minuto em os subtrair definitivamente á influência de tão poderosas tentações.

Ao invés de permitirdes se vão ajoelhar ás plantas de um homem por obter a remissão de seus pecados, encaminhai-as ás plantas do Salvador, único sólio ante o qual poderão lograr o perdão e a paz duradoira da alma.

E, por que hão de fazer tantos inúteis esforços em se lavarem em póea imunda, quando a fonte d'agua pura, de vida eterna, lhes é franqueada por Jesus Cristo, seu Mediador e Salvador único?

Em vez de pedirem a absolvição de um pobre, mísero pecador, tão fraco e tão falível quanto elas mesmas, que busquem a Jesus, único Homem inteiro, perfeito, esperança exclusiva de todos os pecadores.

Mulheres devotas da Romana Igreja, não vos

pode proporcionar perdão nem paz, mas, unicamente emboscadas perigosas, além de impor a escravidão e a vergonha em permuta á confissão de vossas faltas.

Atendei, de preferência, aos convites do vosso Redentor, que expirou na cruz por vos salvar e é só quem vos pode conceder descanso ao espírito combalido.

Ouvide-o, por quem sois, quando nos diz: — *Vinde a mim todos vós que andais em trabalhos e vos achais carregados e eu vos aliviarei... Os são não têm necessidade de médico, sim os doentes... Vinde, pois, a mim e eu vos curarei... Eu não repeli nem perdi os que verdadeiramente vieram ter comigo... Invocai meu nome... Crede em mim... Arrependei-vos... Amai a Deus e ao próximo como a vós mesmos e sereis salvos... Quando eu for levantado entre o céu e a terra, atrairei a mim todas as coisas...*

Mães, espôsas, filhas, mulheres todas, em vez de recorrer ao sacerdote para obter absolvição e salvação, ide a Jesus, que, tão insistentemente vos convida a fazê-lo.

Ide, e tanto mais resolutas, quanto mais reconhecerdes a necessidade de auxílio e graça divina.

Ainda que tenhais pecados, tantos quantos tinha Maria Madalena, podeis, tal como fez a pecadora, lavar os pés do Salvador nas lágrimas copiosas do vosso amor e arrependimento, e receber qual o recebeu ela, o perdão de vossos pecados.

A Jesus, portanto, e só a êle, deveis recorrer para confessar vossos pecados e alcançar a absolvição, visto que só em Jesus podereis encontrar a paz, a luz e a vida para este e para o outro mundo de eternidade.

CAPÍTULO XI

A CONFISSÃO AURICULAR NA AUSTRÁLIA, NA AMÉRICA E NA FRANÇA

Espero seja êste capítulo lido com interêsse em todas as regiões do mundo.

Entretanto, será êle especialmente interessante ás populações australianas, americanas, francesas.

Que o leitor medite nas severas lições aqui exaradas e verá como a confissão auricular vai espalhando em grande escala, mundo em fóra, uma corrupção inqualificável.

Vejam todos de que fórma o inimigo trabalha incessante, pugnaz, por destruir os últimos resquícios de honra no coração das filhas dêsses territorios.

Nos poucos meses que passei na Australia, pude recolher grande número de fatos autênticos e incontroversos, da destruição da castidade feminina, provenientes do confessionário, fatos que dariam asunto para encher grossos volumes e causariam verdadeiro alarme público, caso fôsem divulgados.

Jóvem senhora irlandesa, pertencente a familia das mais conceituadas da sua terra, foi confessar-se a certo padre em Paramatta.

Tais e tantas perguntas indecentes lhe fez o

sacerdote; tão insistentes foram os esforços que empregou para lhe vencer os escrúpulos de sua alma verdadeiramente religiosa, tendentes a induzi-la a aquiescer aos seus infames propósitos, que a dama escandalizada resolveu de pronto abandonar a religião católica, quebrando as algemas que de muito tempo vinham acorrentando-a aos pés dos seus sedutores.

Pela carta que ela fez publicar no "Sydney Gazette" de 28 de Julho de 1839, e que abaixo transcrevo, o leitor verá que ela acusa destemerosa e francamente os confessores de a terem ultrajado com suas perguntas, atentando contra o seu pudor e acrescentando que muitas de suas amigas afirmavam ter passado por idênticas provações humilhantes.

Sendo ela, ao demais, sobrinha de um conhecido Bispo e parente próxima de dois outros clérigos, é fácil depreender a grande repercussão que tiveram no espírito público as suas denúncias, a ponto de abalar profundamente a jerarquia eclesiástica.

Os fatos eram realísimos, inconfutáveis, divulgados francamente por uma testemunha fidelíssima.

O único recurso de que se puderam valer os orgulhosos inimigos de tudo o que é puro, santo e verdadeiro neste mundo, no afã de sustentar o seu abalado poder e prestígio com a máscara da honradez, foi aquele mesmo recurso que se lhes fez arma de todos os tempos, isto é: — *assassinar a jovem que não puderam reduzir ao silêncio.*

Poucos dias após a divulgação da sua carta, foi ela encontrada nas cercanias de Paramatta, numa poça de sangue, gravemente ferida.

Quis, entretanto, a Providência Divina, que os sicários empreitados para matá-la não consummassem completamente o atentado.

A vítima escapou e ainda pôde viver longos anos para proclamar, alto e bom som, que os padres romanos na Australia, a exemplo do que praticam em todo o orbe, valem-se da confissão auricular para corromper o coração e perder a alma de suas confitentes.

Agora, vejamos a carta dessa criatura nova, honrada e valorosa.

Assim a epigrafou ela:

O Confessionário

(Ao Redator da Sydney Gazette)

Ao ler, ha dias, nessa folha, a notícia de um julgamento do Supremo Tribunal, no dia 9 do corrente mês, notei com grande admiração o depoimento do Dr. Polding, Revmo. Bispo desta colônia, e agora me permito a liberdade de perguntar, por intermedio do seu jornal, se de fato existe qualquer diferença entre sacerdotes ingleses e irlandeses no seio da Igreja.

Admitindo não haja e bem assim que o Dr. Polding só tenha dito a expressão da verdade, claro fica que tenho sido injustamente tratada pela maioria dos padres com quem me tenho confessado.

Sei perfeitamente que um sacerdote romano jamais dirá — *pague-me tanto e lhe darei absolvição*, de vez que, com isso, trairia os segredos da sua casta. Contudo, as ações falam mais alto que as palavras e pelo que me toca eu posso dizer — (e quantos o fariam se o ousassem) que, bastas vezes tenho passado dinheiro aos confessores, ainda ajoelhada, a pretexto de missas e orações em intenção da alma de parentes, por liberá-las do purgatório.

O ensino deles recebido foi sempre o da nulidade das missas, a menos que me encontrasse liberta de pecados, ou seja, em estado de graça.

Conseqüentemente, necessário fôra ter alcançado a absolvição para validar as missas que encomendava, e todos os professores militantes da Igreja sabem que todas as missas hão de *pagar-se previamente para poderem ser ditas*.

Certo padre muito illustre informou-me que, quanto maior fôsse a dádiva, mais nos beneficiaríamos, eu e os meus parentes retidos no purgatório.

Ensinava-me a mais, que, sendo a Igreja infalível e incapaz de errar, idênticas eram as suas doutrinas e práticas em todo o mundo.

Dai, minha surpresa ao deparar o depoimento do Dr. Polding.

Conjeturo que êle labora num grande êrro quando afirma que é absolutamente defeso ao sacerdote receber dinheiro e que, mesmo admitindo a hipótese de que o faça para fins caridosos, isso só pôde succeder eventualmente e fóra do confessionário, por não ser de praxe, a menos que os sacerdotes irlandeses houvessem de ser tidos como escandalosamente simoníacos.

Poderá o Dr. Polding dizer-me, então, por que eu e muitos parentes meus pagámos durante longos anos aos padres o valor de reliquias tais como o santo lenho, os santos ossos, a cêra benta, o fogo sagrado, farrapos de vestes importados de Roma e allures, barro sagrado de tumulos santificados e mais — os Agnus Dei, evangelhos, escapulários, cirios, sal benzido, etc., etc. ?

Pois a mim não me sobeja tempo para especificar as inúmeras ilusões que tenho pago, das quais nem uma pudera ser levada á conta de transporte

ou viagem dos respectivos sacerdotes, visto serem todos residentes no local.

Mas é bem possível não sejam estes alguns daqueles atos suficientes para desacreditar um sacerdote no conceito de seus colegas, como diz o Dr. Polding.

Êle tambem afirma haver *certos atos que acarretam consigo inerente e incessantemente degradações e abominações*, mas eu com toda a humildade e de todo o coração dou graças a Deus, porque não me foi preciso *tornar-me protestante* para saber como tais atos influem no ânimo de quantos se encontram ao alcance de seu contágio, assim como protesto solenemente deante de Deus e dos homens, contra os artificios mentirosos e o culto idólatra da Igreja papalina, pedindo a Deus em preces constantes e fervorosas que, por sua infinita graça, dela afaste não só os meus parentes, mas todos os seus caudatários.

Sim; que se subtraíam ao seu jugo e dela desligados, qual me encontro, possam, “segundo a seita a que chamam de herética, servir ao Pai”. (1)

Mas, ha no depoimento do Dr. Polding uma assertiva que exige explicação particular, porque, ou vale por blasfêmia contra a Sagrada Escritura, ou o Dr. quer referir-se aos protestantes que procuram a regra da confissão romana na mesma escritura, e neste caso ignora o que os mais medioeres estudantes de Maynooth (2) estão fartos de saber.

Não estimasse eu muito mais a glória de Deus que os meus escrúpulos de pudor feminino, e tambem não teria de confessar, qual aqui o faço, de público e envergonhadamente, que tenho exami-

(1) Atos dos Apóstolos XXIV, 14.

(2) Seminário Católico da Irlanda.

nado com todo o cuidado a tradução dos trechos da *Teologia de Dens*, onde se encontra exposta a verdadeira prática do confessionário, aliás, também publicamente autorizada pelo Dr. Murray, Arcebispo de Dublin.

E declaro solenemente á face do meu Criador, que, a-pesar-da inominavel ascorosidade dessa obra, a mim me propuseram no confessionário perguntas cem vezes mais torpes que as ali encontradas, e a que tive de responder porque, — dizia o confessor — minha relutância e silêncio eram prova de achar-me incurso em peccado mortal.

Inúmeras vezes logrei severas penitências, pelo fato de, fóra da confissão, contar e comentar ás minhas colegas, algumas daquelas cousas ignóbeis para compará-las, — até onde o permitisse a decência, é claro — com as perguntas e fatos a elas ocorridos.

Que dirá, pois, o público protestante, ao lhe confirmar aqui, do modo mais categórico, que o tirocinio dessas colegas, notadamente de uma, foi muito piór que o meu, por comportar “atos” sequentes a determinadas perguntas, que também a mim me pareceu ter ouvido um dia, no confessionário?

Possa o Dr. Polding com a Sagrada Escritura e nela fundado, aduzir e firmar uma só prova que autorize e justifique o aqui exposto, em relação á confissão auricular, e que também pode lêr-se na *Teologia de Dens*, e eu assumo o compromisso de regressar á sua Igreja.

Deixo, porém, de parte e por enquanto o assumto capaz de prover por si só um alentado volume, afim de dizr algo sôbre o mercado das indulgências, que o Dr. Polding declara só haver conhecido *através dos livros protestantes*.

Neste lanço, confesso, não pude calar o meu assombro em ver que um Bispo de Roma desconhecia essa coisa das indulgências, quando eu mesma comprei uma indulgência, por ocasião da epidemia do cólera, em 1832.

Nessa ocasião, o pároco anunciára do altar que o Pontífice houvera concedido uma indulgência; e como a epidemia estava grassando em Dublin, receiava-se que ela se propagasse a todo o país. Na minha paróquia, todos os fiéis que se podiam arrastar até á igreja, lá acorreram sem delongas.

E ainda me lembro muito bem que, nessa ocasião, o vigário me apontou uma velhinha, no momento em que ela se acercava da bandeja das esmo-las, dizendo-me — *aquela não se confessa ha cincoenta anos*.

A *indulgência* era oferecida e concedida graças ao anúncio do vigário, e portanto aquela velhinha misturou com o seu o meu dinheiro, recebendo ambas a mesmíssima *indulgência*.

Poderá dizer-me o Dr. Polding a que fins se destinava êsse dinheiro?

E' verdade que, para alcançar a *indulgência*, preceituavam-se umas tantas orações como, por exemplo o “Saltério de Jesus”, etc.; mas, aqueles que não podiam satisfazer ao preceito, houveram de apresentar seus rosários, para que os padres lhes marcassem as orações que deveriam pronunciar desfiando-os.

O *quantum* da espórtula era facultativo, mas não a *espécie de moeda*, que só podia ser *prata*.

Lembro-me ainda de haver visto por lá, sôbre a mesa da sacristia, bandejas e salvas atestadas de prata, de ouro e boas cédulas bancárias.

Igualmente em Dublin, na capela de Marlbo-

rough Street, lobriguei bandejas para o mesmo fim colocadas em cima da pia de agua benta.

Quantas miseras criaturas conheci eu, naquela fase, que, prestes a succumbir de fome, iam pedir de emprestimo uma moeda de prata, por não faltarem á igreja!

Pelo que me dizia respeito, contudo, (a menos que fôsse tão insensível quanto as imagens que me ensinavam a adorar, mais que a Deus) impossível me fôra não conhecer á fundo êsse, como outros que tais abominaveis artificios, praticados a título de caridade e religião, uma vez que tinha na família tantos eclesiásticos, inclusive um tio bispo, ao demais educada dês do berço entre padres, frades e freiras de todas as ordens.

Eu era assim, o que se poderia chamar uma católica fervorosa na minha fé, antes de conhecer a — *Verdade em Jesus*.

Agora, abandono, qual já o fiz, todos os bens temporais, separo-me dos parentes abastados e de velhas amizades no só cordial desejo de, em perdendo todas essas coisas, poder avaliar o nada que elas representam, contanto que ganhe a Cristo e nele me encontre sem haver por justiça minha, proveniente da Lei, que eu tanto conceituava na Igreja de Roma, senão aquela que promana da fé em Jesus Cristo, ou seja a que advem de Deus pela fé. (1).

Reconheço que tenho roubado muito espaço ao seu jornal, mas, se a Deus provar que as verdades aqui expostas sejam abençoadas e levem á reflexão um só dos meus irmãos católico-romanos facilitando-lhes o rompimento do jugo servil em que se encontram e levando-os a raciocinar por si mesmos,

(1) Phil. III, 8. 9.

tenho a certeza, Sr. Redator de que se dará por compensado do ensejo que assim me facultou.

Agnes Catherine Byrne.

25 de Julho de 1839.

Nos Estados Unidos, todos os que pretenderem inteirar-se do que se passa entre confessores e confessandas, não têm mais a fazer que dirigir-se á encantadora vila de Malone, Estado de Nova York e recorrer aos anais do tribunal judiciário, para saber como o Revmo. Mc. Nully seduziu a gentil senhorita Mc. Farlane, que fôra sua hóspede, e de quem fôra êle instrutor.

Verão como os progenitores da pobre vítima justamente indignados denunciaram e processaram o sacerdote, condenado afinal ao pagamento de 2.129 dólares, por perdas e danos que, por sinal, recusou-se a pagar.

Conseqüentemente, recolhido á prisão conseguiu, contudo, evadir-se para o Canadá, onde foi bem recebido pelos Bispos e logo designado para confessor das jóvens irlandesas lá residentes.

Nos centros do mundo civilizado ainda repercutem os horrores de que foi teatro o Convento de Cracow, Austríã.

Não obstante os sobrehumanos esforços da imprensa católica para abafar e sofismar a verdade, os depoimento provaram que a inditosa freira Barbara Ubryk foi retirada completamente núa de uma lóbrega e infecta masmorra, á qual fôra atirada pelo só crime de se haver recusado a um conubio

imoral com o seu respetivo confessor, o Revmo. Pankiewicz.

E note-se que êsse miseravel não desdenhou confirmar todas as acusações a êle irrogadas, para em seguida, a exemplo de Judas, buscar no suicídio o termo de uma vida infame.

Tive ocasião de encontrar-me em Montreal com um sobrinho da freira Barbara Ubryk, o qual se achava em Cracow, quando explodiu o escândalo. Esse rapaz não só confirmou todos os detalhes divulgados pela imprensa, como ratificou a renúncia pública da vítima ao credo católico, cujo confessor, dizia ela saber de experiência própria, não passar de negregada escola de perdição.

Em 1851, visitei Chicago pela primeira vez, á convite do Bispo Vandervelde, cujo intuito era encher o Illinois de católicos procedentes do Canadá, da França e da Belgica, e dessarte colocar êsse magnífico território sob o domínio da Igreja católica.

Aproveitei a oportunidade para me inteirar com um sacerdote da morte do Bispo antecessor.

Meu interlocutor não tinha qualquer motivo para retrair-se, iludir-me ou ocultar fatos, e assim lhe ouvi eu, com todos os pormenores a triste narrativa a seguir, e cuja autenticidade igualmente me afiançou:

O Vigário Geral M... tomara-se de amores por sua formosa confessanda, a illustre Soror F... que era superiora do convento de Lorette.

Dessa paixão correspondida, resultou o afastamento obrigatório da freira, a pretexto de recupe-

rar a saúde, para uma cidade do oeste onde, pouco depois, faleceu do parto.

O grande sigilo em que envolveram tamanha iniquidade não obistou, entretanto, chegasse ela aos ouvidos do Bispo, o qual fez sentir ao autor a obrigação que se lhe impunha de abrir inquerito e interdita-lo de ordens, uma vez provada a realidade do fato.

O Vigário Geral, indignado, repeliu a insinuação, dizendo-a caluniosa. Protestando por sua inocência, declarou que desejava mesmo o tal inquerito para varrer a sua testada, mas, logo após reconsiderando melhor a sua atitude, mudou de parecer e resolveu poupar ao Bispo, de uma vez para sempre, as decepções, incômodos e surpresas do planejado inquerito.

E isso êle o fez ministrando-lhe simplesmente uma dose de veneno, que o aniquilou ao fim de cinco ou seis dias, para que os médicos atestassem *causa mortis* qualquer!!!

Confissão auricular! Eis laí um dos teus mistérios!

Os habitantes de Detroit, Estado de Michigan, ainda se não esqueceram de todo de um simpático sacerdote que ali teve grande voga e preferido das senhoras, velhas e novas.

Certo, êles ainda se lembrarão daquela noite escura em que êle fugiu para a Bélgica carregando consigo uma linda penitente, além dos 4.000 dólares subtraídos á bolsa do seu Bispo, para despesas de viagem.

E quem, nessa mesma cidade de Detroit, não se recordará compadecido daquele jôvem médico,

cuja espôsa fugiu nos braços do confessor, para aproveitar talvez mais caridosamente — suponhamos — os socorros do seu médico espiritual?

Mas, não se diga que isto são casos esporádicos ou excepcionais, quando possível me é provar que uma tal depravação representa a normalidade em relação à maioria do clero romanista.

O padre Jacinto declarou de público que noventa e nove por cento do clero vive em pecado com as mulheres por êle maculadas.

Nem se diga cu suponha, tão pouco, que isso ocorre só com o baixo clero, porque no que diz a Bispos, Cardeais e Papas, em nada se afirmam estes melhores.

O caso daquela jôvem australiana Armindale, que ainda ha pouco confessou aos pais atônitos haver sido seduzida pelo Bispo Mahoney é bem conhecido.

E tambem sabido é que, quando indignado o pai da menina resolveu responsabilizar o sedutor por perdas e danos, recebeu dêste 350 libras, com a condição de emigrar para a Califórnia, afim de lá ocultar a própria deshonra.

O piór, porém, para o Sr. Bispo confessor, é que a moça antes de partir deu á luz *um bispinho!*

Foi ainda na Australia que se registou o caso do padre Nihills, condenado a três anos de prisão celular, por ofensa á moral na pessoa de uma das suas confessandas.

Este caso sugere a citação de um outro que acarretou o deploravel gesto do Revmo. Cahill, em New England (Estados Unidos) degolando-se para fugir ás malhas de um processo por ter seduzido uma donzela, no confessionário.

Tambem não ha quem ignore a história do Vigário Geral de Boston, que se envenenou ha três

anos, na véspera do dia preciso em que se lavraria a sua condenação pelo Supremo Tribunal, por delicto idêntico ao do padre Cahill.

E na França? Não temos aí o forte abalo e horror da opinião pública em face das declarações feitas pela nobre Catarina Cadriere e numerosas amiguinhas suas, contra o procedimento do seu confessor, o padre jesuita João B. Girard?

Os pormenores das infâmias praticadas por êsse seráfico confessor e seus coadjutores são de tal natureza, que a pena cristã se recusa a descrevê-los, ainda porque não os leriam de bom grado olhos cristãos.

Longo vai êste capítulo, para que possamos minuciosamente contar como o padre Achazins, superior de um convento em Duren, França, costumava santificar as mulheres, novas e velhas, que o buscavam para descarregar seus pecados.

Digamos, contudo, que o número das vítimas foi tão elevado que o próprio Napoleão achou de intervir no assunto.

Os processos de que se utilizava esse *beatífico* confessor e guia espiritual de freiras, matronas e donzelas de Aix-la-Chapelle, fôram revelados por uma jôvem freira que conseguiu escapar-lhe á sãna e veiu a casar-se mais tarde com um official superior do exército francês.

E foi este official precisamente, quem chamou a atenção do imperador para as façanhas do reve-rendo.

A verdade, porém, é que os inqueritos superintendidos pelo Conselheiro de Estado Le Clerc e o Professor Gall, iam enrodilhando e comprometendo tantas figuras do clero e tantas senhoras da alta

sociedade, que o imperador arrefeceu completamente e principiou a receiar que a divulgação do feito levasse o povo francês a renovar as carnificinas de 92 e 93, nas quais trinta mil religiosos, padres, frades e freiras, fôram impiedosamente fusilados ou enforcados como implacáveis inimigos da liberdade e da moral social.

A razões que tais, conviria ponderar que, a êsse tempo, o ambicioso imperante já não pudera prescindir da conivência do cléro, no forjar das cadeias com que haveria de manietar o povo francês ás rodas do seu carro.

Assim pois, de súbito, determinou a suspensão do inquérito, alegando resguardo á honra de tantas famílias enxovalhadas pelos seus confessores.

Entendia êle que a prudência e a decência impediam se levantasse maiormente a negra cortina que os confessores sóem correr por vedar as suas práticas infernais, contentando-se em mandar encarcerar o Revmo. Achazins e seus coadjutores para o resto dos seus dias.

Mas, se abstrairmos as vistas do baixo cléro, dos sacerdotes obscuros e as lançarmos aos monstros que a Igreja adora como vigários de Jesus Cristo, — os Supremos Pontífices — haveremos de reconhecer que suas infâmias escandalosas ultrapassam tudo quanto a cleresia inferior mantém oculto na bastilha do confessionário.

Pois então, não é o Cardeal Barônio quem nos diz que *o mundo jamais presenciou excessos e peccados comparaveis aos de grande número de Papas?*

Não nos dão os anáís do Vaticano aquella história da célebre prostituta Marózia, que viveu em

concubinato público com o Papa Sérgio III, por ela própria guindado á curul dita de S. Pedro?

E não é certo que dele concebeu e teve um filho, que igualmente investiu no pontificado por morte do pai?

E mais: não foi essa mesma Marózia, aliada á sua irmã Teodora, que fez ainda de outro seu amante, o Papa Anastacio III, logo seguido de João X?

Não será também, universalmente sabido que êste Papa, em desmerecer da confiança de Marózia, acabou estrangulado por sua ordem, bem como que, Leão VI, o sucessor, foi por ela mesma assassinado quando a preteriu por outra mulher porventura mais devassa?

O filho de Marózia e Sergio III, foi eleito Papa, por interferência de sua mãe, tomando o nome de João XI, quando contava apenas 16 anos de idade.

E graças a desavenças sobrevindas entre êle e alguns inimigos de Marózia, foi agredido e encarcerado num calabouço, onde morreu afinal, envenenado.

No ano 936 o neto de Marózia, a prostituta, após varios recontros sangrentos com os adversários, conseguiu apossar-se do trono pontificio para reinar com o nome de João XII. Em falando dêste Papa, por caracterizar-lhe a impudência dalma e a depravação da sua côrte, afirma-nos o sábio Luitprand, Bispo de Cremerne que *nenhuma senhora honesta se atrevia a aparecer em público, porque o Papa não respeitava idade nem condições e fôssem solteiras, casadas ou viúvas, delas abusava, até mesmo sôbre os túmulos dos venerandos Apóstolos Pedro e Paulo.*

Este mesmo João XII acabou assassinado por um cavaleiro que o surpreendeu com a espôsa em flagrante adultério.

Outro fato assaz conhecido é a prisão e conseqüente envenenamento de João XIV, ordenado por Bonifácio VII, o qual logo após, ao falecer, teve o seu cadaver despido e arrastado pelas ruas, só escapando á voragem dos cães graças á piedade de uns padres que secretamente o enterraram.

Recorram os leitores á história do famigerado Concílio de Constança, convocado para resolver o grande cisma em que se debatiam três e as vezes quatro Papas, lançando-se entre si as maiores maldições e apôdos, tais como: Anticristo, adúltero, sodomita, assassino, inimigo de Deus e dos homens!...

Ora, sendo todos e cada um de per si infalíveis, segundo a decisão do último Concílio do Vaticano, somos obrigados a crer que essas blandícias se fundavam na verdade...

Um de entre êsses *santíssimos* papas, ou seja João XXIII, havendo comparecido perante o Concílio para justificar sua conduta, teve por comprovada, mediante depoimento de trinta e sete testemunhas, a imputação de haver cometido deflorações, adultérios, incestos, sodomia, simonia, homicídio e roubo.

Tambem ficou provado que violara tresentas freiras! O próprio secretário atestou que êle, Pontífice, mantivera um serralho em Bolonha, onde imolara á sua lascívia, para mais de duzentas donzelas!

E, que dizer de Alexandre VI? — êsse monstro que viveu num ostensivo incesto com duas irmãs

e com a própria filha Lucrecia, de quem teve um filho?

Basta, porém, que bem me custa aqui referir semelhantes vergonheiras, certo emitidas do melhor grado, se necessário não fôra enfrentar as insolências e pretensão do clero romano, tanto quanto demonstrar aos protestantes da Inglaterra e Norte-America os motivos pelos quais seus antepassados submetteram-se a tantos sacrificios, derramando o precioso sangue em tantos combates e morrendo até para espedaçar as algemas que os traziam rastejantes aos pés de padres e papas.

Não se persuada tambem o leitor de que os Papas hodiernos sejam moralmente superiores aos dos séculos dez, onze e dôze.

Creia que são absolutamente os mesmos, com a só diferença de andarem na atualidade melhor acautelados na ocultação de suas orgias, visto saberem que os povos modernos mais evolidos e já esclarecidos pela Biblia não tolerariam os excessos de outróra, antes, pelo contrário os lançariam ás aguas do Tibre se ousassem, á pleno dia, recapitular as façanhas que no passado celebrizaram Alexandres, Estêvão, Joãos, e outros que tais.

Ainda assim, cheguemos ali á Italia contemporânea e lá, os próprios católicos nos apontarão as duas formosas filhas que Pio IX logrou ter de duas das suas concubinas. E mais nos dirão o nome de cinco outras amantes de Sua Santidade — três freiras por sinal — do tempo em que era um simples sacerdote ou bispo.

Dessas criaturas, algumas ainda estão vivas.

Indague-se dos que pessoalmente conheceram Gregório XVI, antecessor de Pio IX e ter-se-á por miúdo a história das suas amantes, uma das quais era a mulher do seu barbeiro.

E eles dirão, a mais, que êsse Pio foi um dos maiores beberrões da Italia!

Haverá quem não tenha ouvido falar da filha do Cardeal Antonéli com a Condêssa Lambertini?

O processo a que deu origem êsse rebento do grande Secretário papalino encheu de vergonha a Italia e todo o mundo civilizado.

Contudo, não deve causar estranheza a devassidão do alto como do baixo clero romano, considerando que seus constituintes mais não são que méros sucessores daqueles antigos epulões de Baco e de Júpiter.

Pois não se vê logo, em tudo, o herdado patrimônio que deles houveram e conservaram, dê da autoridade até a indumentária?

Tal como aos de Baco, aos sacerdotes do Papa é interdito o matrimônio, graças á iniqua lei do celibato.

Ora, sabemos todos, também, que êsses sacerdotes de Baco, como homens solteiros, por se compen-sarem dos interditos do celibato, tal como fizeram os católicos-romanos, inventaram a confissão auricular.

Do mesmo modo, mercê das confidências sigla-res do confessionário, os prístinos sacerdotes idólatras pescavam as confitentes mais fracas e, sob a capa dos mistérios sagrados, em noitadas de ritual diabólico, sabiam como desferrar-se dos chamados votos de castidade.

Haja quem melhor queira examinar o assunto e não tem mais que ler as poesias de Juvenal, de Propércio, de Tibulo.

Ou então, que leia toda a história da antiga Roma, e logo se convencerá da notavel similitude e

afinidade entre os sacerdotes do Papa e os de Baco, no que diz com os votos de castidade, os segredos da confissão auricular, a celebração dos mistérios ditos "sagrados", para concluir pela inominavel corrupção moral de ambos os sistemas.

De fato, quem ler atentamente as poesias de Juvenal, ha de ter como retratadas deante de si, as obras de Dens, Ligório, Debréyne e Kenrick.

Vamos rogar a Deus e esperemos que não tarde o dia de sua compassividade por êste mundo pres-tes a succumbir.

E que êsses idólatras de nova espécie, falsos celibatários, quais os de outrora, com toda a bagagem da sua perigosa confissão auricular sejam, então, de vez e para sempre varridos da face da terra.

Nesse dia Babilônia, — a grande Babilônia ruirá — e o céu e a terra exultarão de alegria.

Porque as nações não irão mais abeberar-se nessas imundas cisternas cavadas pelo "homem do pe-cado".

Ao contrário, lavar-se-ão no sangue do Cor-deiro e o Cordeiro as purificará e libertará pelo seu Sangue e pela sua Palavra.

Amen.

CAPÍTULO XII

(UM CAPÍTULO PARA LEGISLADORES E CHEFES DE FAMÍLIA — ALGUMAS MATE- RIAS QUE AO PADRE INCUMBE VERSAR COM AS PENITENTES)

Dens quer que o interrogatório fira os seguintes assuntos:

- 1.º — *Peccant uxores, que susceptum viri semen, ejiciunt, vel ejicere conantur.* (Dens, tom. VII, pag. 147).
- 2.º — *Peccant conjuges mortaliter, si, copulá inceptá, cohibeant seminationem.*
- 3.º — *Si vir jam seminaverit, dubium fit an femina lethaliter peccat, si se retrahit a seminando; aut peccat lethaliter vir non expectando seminationem uxoris.* (Pag. 153).
- 4.º — *Peccant conjuges inter se circa actum conjugalem. Debet servari modus, sive situs; imo ut non praepostero, aliquoque non naturali. Si fiat accedendo a postero, a latere, stando, sedendo, vel si vir sit succumbus.* (pag. 166).
- 5.º — *Impotencia est incapacitas perficiendi copulam carnalem perfectam cum seminationem*

viri in vase debito seu, de se, aptam generationi. Vel, ut si mulier sit nimis arcta respectu unius viri, non respectu alterius. (pag. 273).

- 6.º — *Notatur quod pollutio in mulieribus possit perfici, ita ut semen earum non effluat extra membrum genitale. Indicium istius allegat. Billuart, si scilicet mulier sensiat seminis resolutionem cum magno voluptatis sensu, qua completâ, passio satiatur.* (Vol. IV, pag. 168).
- 7.º — *Uxor se accusans in confessione, quod navigaverit debitum, interrogetur an ex pleno rigore juris sui id petiverit.* (Vol. VII, pag. 168).
- 8.º — *Confessor pœnitentem, qui confitetur se peccasse cum sacerdote, vel sollicitatam ab eo ad turpia, potest interrogare utrum ille sacerdos sit ejus confessarius, an in confessione sollicitaverit.* (pag. 294).

Existem ainda outros muitos pontos igualmente indecorosos, nos volumes 4.º, 5.º e 6.º, que Dens inculca como obrigatórios e integrantes dos quesitos a formular ás penitentes, e que aqui omito por não alongar o trabalho.

Vamos agora ver o que diz Ligório. Este santo, assim chamado, não se mostra menos satânicamente impudico do que Dens, no que concerne á confissão das mulheres. Baste-me citar apenas dois têmeas dos que êle indica para guiar o médico espiritual no exame das pacientes:

- 1.º — *Quærat an sit semper mortale, si vir immitat pudenda in os uxoris?*
Verius affirmo quia, in hoc actu ob ca-

lorem oris, adeste proximum periculum pollutionis, et videtur nova espécie luxuriæ contra naturam, dicta irruminatio”.

- 2.º — *Eodem modo, Sanchez damnat virum de mortali, qui, in actu copulæ, immitteret digitum in vas præposterum uxoris; quia, ut ait, in hoc actu adest affectus ad Sodomiam.* (Tom. VI, pag. 935).

O célebre Burchard, Bispo de Worms, compi-
 lou em livro as perguntas que deveriam ser dirigidas aos confitentes de ambos os sexos.

Trata-se de obra que vigorou durante alguns séculos, aprovada e destinada ao uso do clero romano.

Dela, existem ao presente raros exemplares, mas o certo é que Dens, Ligório, Debréyne e outros dela se aproveitaram para intermiti-la na instrução dos confessores.

Citarei um diminuto cabedal de perguntas que essa obra reserva aos jóvens penitentes:

- 1.º — *Fecisti solum tecum fornicationem ut quidam facere solent; ita dico ut ipsi tuum membrum virile in manum tuam acciperes, et sic duceres præputium tuum, et manu proprio commoveres, ut sic per illum delectationem semen projiceres?*
- 2.º — *Fornicationem fecisti cum masculo intra coxas; ita dicto ut tuum virile membrum intra coxas alterius mitteres, et sic agitando semen funderes?*
- 3.º — *Fecisti fornicationem, ut quidam facere solent, ut tuum virile membrum in lignum perforatum, aut in aliquod hujus modi mit-*

teris, et, sic, per illam commotionem et delectationem semen projiceres?

4.º — *Fecisti fornicationem contra naturam, id est, cum masculis vel animalibus coire, id est cum equo, cum vaccá, vel asiná, vel aliquo animali? (Vol. I pag. 136).*

Nesta obra de Burchard, na parte concernente ao questionário das mulheres, deparam-se-nos os seguintes trechos, na página 115:

- 1.º — *Fecist quoud quædam mulieres solent, quoddam molimen, aut machinamentum in modum virilis membri ad membrum tuæ voluptatis, et illud loco verendorum tuorum aut alterius cum aliquibus ligaturis, ut fornicationem faceris cum aliis mulieribus, vel alio eodem instrumento, sive alio tecum?*
- 2.º — *Fecisti quod quædam mulieres facere solent ut jam supra dicto molimine, vel alio aliquo machinamento, tu ipsa in te solum faceres fornicationem?*
- 3.º — *Fecisti quod quædam muliêres facere solent, quod libidinem se vexantem extinguere volunt, quæ se conjugant quasi coire debeant ut possint, et conjungunt invicem puerperia sua, et sic, fricando pruritus illarum extinguere desiderant?*
- 4.º — *Fecisti quod quædam mulieres facere solent, ut succumberes aliquo jumento et illiud jumentum ad coitum qualicumque posses ingenio, ut sic coiret tecum?*

O célebre Debréyne escreveu uma obra referta das obscenidades as mais incríveis, destinada a instrução dos nóveis confessores.

Esse livro intitula-se — *A Mæquialogia*, ou Tratado de todos os peccados contrários ao sexto e nono mandamentos, bem como todos os assuntos interessantes á vida dos casados, ou os que com ela se relacionam.

Trata-se de obra mais que aprovada e apreciada quanto estudada no seio da Igreja; e no entanto, não sei eu de obra existente no mundo, que se lhe possa comparar em pornografia.

Citarei em justificativa do asserto não mais que duas perguntas.

Eis o que aos jóvens cumpre lhes pergute o confessor:

Ad cognoscendum an usque ad pollutionem se tetigerent, quando tempore et quo fine se tetigerint; an tunc quosdam motus in corpore experti fuerint, et per quantum temporis spatium; an cessantibus tactibus, nihil insolitum et turpe accideret; an non longe majorem in corpore voluptatem perciperint in fine tactuum quam in eorum principio; an tum in fine quando magnam delectationem carnalem sensuerunt, omnes motus corporis cessaverint; an non madefacti fuerint? Etc.

E mais o seguinte, destinado ás donzelas:

Quæ sese tetegisse fatentur, an non aliquem pruritus extinguere tentaverint, et utrum pruritus ille cessaverit cum magnum sensuerint voluptatem; an tunc ipsimet tactus cessaverint? Etc.

Kenrik, Bispo de Boston, já falecido, em livro

que publicou, com o mesmo fim, dá-nos em recheio de períodos igualmente obscuros, o seguinte:

Uxor quae, in usu matrimonii, se vertit ut non recipiat semen, vel statim post illud acceptum surgit ut expellatur, lethaliter peccat; sed opus non est ut diu resupina jaceat, quum matrix, brevi semen attrahat, et mox, arctis sime claudatur. (Vol. III, pag. 317-.

Puellae patienti licet se vertere, et conari ut non recipiat semen, quod injuriâ ei immittitur; sed exceptum; non licet expellere, quia jam possessionem pacificam habet, et haud absque injuria natura ejiceretur. (Vol. III, 317).

Conjuges senes plerumque coeunt absque culpa, licet contigat semen extra vas effundi; id enim per accidens fit ex infirmitate naturae. Quod si véres adeo sint fractae ut nullo sit seminandi intra vas spes, jam nequeunt juri conjugii uti. (Vol. III, 317).

FIM

INDICE

	Pags.
Apresentação	5
Biografia	7
Declaração	17
Introdução	19
CAPÍTULO I — A luta que precede à renúncia no confessionário. Do respeito próprio feminino...	23
CAPÍTULO II — A confissão auricular, abismo de perdição para o sacerdote	53
CAPÍTULO III — O confessionário é a Sodoma moderna	67
CAPÍTULO IV — Como a confissão auricular facilita o celibato clerical	75
CAPÍTULO V — A mulher ilustrada e finamente educada, no confessionário. Resultado da sua submissão incondicional. A ruína irremediável	85
CAPÍTULO VI — A confissão rompe todos os sagrados laços do matrimonio e da sociedade humana	101
CAPÍTULO VII — Deverá tolerar-se a confissão auricular em nações civilizadas?	135

CAPÍTULO VIII — Poderá a confissão auricular dar paz à alma?	149
CAPÍTULO IX — O dogma da confissão auricular é uma sacrílega impostura	177
CAPÍTULO X — A Igreja romana obrigada a confessar as abominações da confissão auricular	205
CAPÍTULO XI — A confissão auricular na Austrália, na América e na França	221
CAPÍTULO XII — (Um capítulo para legisladores e chefes de família — Algumas matérias que ao padre incumbe versar com os penitentes)	241

Fragmento das Memórias do Padre Germano

Um livro que, em nosso meio literário já atingiu a 5ª edição, é o que se pôde chamar um sucesso de livraria.

Está neste caso a obra mencionada acima. Trabalho mediúnico recebido psicograficamente por Amália Domingos Soler, foi traduzido para o nosso idioma pelo ilustre escritor patricio Manuel Quintão.

O leitor encontrará nas páginas desse livro as narrações levadas ao confissionário do Padre Germano; e si os nomes dos confessandos são apócrifos, para que se não traia o segredo da confissão, os episódios não deixam de ser verdadeiros, segundo afirma aquele sacerdote, que nos manda as suas memórias da outra margem da vida.

Aí se retrata a alma humana em toda a sua pequenez, apesar-de que os figurantes das cenas pertençam á mais alta hierarquia social. São pessoas da melhor estirpe da sua época, e essa seleção é sem dúvida feita muito de propósito, para que melhor ressalte o contraste entre a grandeza dos indivíduos e os seus atos de baixo carácter.

Muita vida na descrição dos fatos, muita verdade psicológica, uma sã filosofia coroando a obra no que ela tem de valor doutrinário, é assim esse livro, que mui calorosamente recomendamos ao leitor.

Br. 6\$000 — Enc. 8\$000. — Porte mais 1\$000.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação Espírita Brasileira, Avenida Passos 30 — Rio de Janeiro.

Porte de 500 réis por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo.

NAS PÉGADAS DO MESTRE

É um Evangelho vivo, porque sentido e res-
pigado nas cogitações triviais de todos os dias e
para os tempos que correm, de confusão, vacilação
e erronias.

O autor (VINICUS) bem conhecido pela sua
atividade doutrinaria, tanto quanto pela sanidade
da sua exegética, faz das suas elucubrações ver-
dadeiras hóstias de espiritualidade substancial.

Analisando atitudes ou ponderando preceitos
do Divino Mestre, em confronto com a expressão
da vida contemporânea; bordejando feitos ou exa-
minando sistemas e teorias, VINICIUS é sempre
o comentador argúto e sútil, que não perde pala-
vras em detrimento das idéias.

Senhor de um estilo agil quanto sóbrio, vai
êle logo ao fundo das questões para extrair-lhes
a seiva.

Dúvidas e controversias atinentes a passagens
escriturísticas, dogmas e preceitos abstrusos e
absurdos, são esvurmados nesta obra, que pode,
sem favor, considerar-se um prontuario para os
aficionados dos temas evangélicos á luz da her-
menêutica espirita.

Aliás, o rapido escoamento da 1.^a edição é o
que melhor recomenda esta obra.

Broc. 6\$000 — Enc. 8\$000

*Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale
postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Li-
vraria da Federação Espírita Brasileira, Avenida Passos, 30
— Rio de Janeiro.*

Porte de 500 réis por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo.

BITENCOURT SAMPAIO

JESUS PERANTE A CRISTANDADE

Séculos de lutas! e, quando esperavamos ver surgir na con-
ciência humana a compreensão do seu Deus, mistér se faz ainda
reproduzir o distico da fachada do templo de Delfos — *Homem,
estuda-te a ti mesmo!*

O sangue derramado na cruz tornou-se o lago onde a huma-
nidade se afoga em desesperos, sem compreender que êle, caindo
em jorros, tinha por fim trazer a paz, o amor, a confraternização
humana.

(Trecho extraído da obra do Dr. Bitencourt Sampaio, autor
da *Divina Epopéia*, na qual vason com o seu estilo de valor poé-
tico inconfundível, através destas páginas, a seiva pura de eter-
nas verdades, como a reviver episódios velhos em comentários
novos, que edificam e encantam ao mesmo tempo.)

Broch. 5\$000. — Encadernado 7\$000.

D. JOSE' AMIGO' Y PELLICER

ROMA E O EVANGELHO

O Evangelho é a fonte das verdades morais e religiosas e é o
fundamento da igreja cristã, da igreja da verdade. Mas, assim
como se deve ir buscar a agua pura e cristalina, não na corrente
porém no manancial primitivo, assim tambem o puro Christianis-
mo deve ser procurado, não na corrente romana, e sim em seu
principio — o manancial evangélico.

ROMA E O EVANGELHO — 3.^a edição, em português é uma
obra preciosa, inspirada em duas fontes: na do saber, que ilustra,
e na dos sentimentos que purifica.

Brochado, 6\$000. — Enc. 8\$000.

*Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, ou
carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Fe-
deração, Av. Passos 30, Rio de Janeiro. — Porte \$500 por volume.*

Enviamos graciosamente nosso catálogo.

Revelações de Além Túmulo

Obra espírita de alcance doutrinário, quanto de fino lavor literário.

Trata-se de um caso autêntico de tremenda obsessão na pessoa de uma jovem familiar do Paço, ao tempo do 2.º reinado, filha de nobre camarista do Imperador Pedro II.

Depois de percorrer as clínicas especialistas do velho mundo, sem resultado, essa jovem é aqui tratada e curada pelo Espiritismo.

O Dr. Antão de Vasconcelos, jurista de renome e literato de boa polpa, foi quem orientou, no grupo particular de sua diretiva, o trabalho de doutrinação, radicada em antecedentes remotos e complexos, que deram, na contextura dos episódios, um verdadeiro romance realista. Sendo o Espírito obsessor também um grande jurista do seu tempo, os debates de teorias e princípios da justiça humana ressaltam nesta obra, freqüentemente, em conflito com a justiça de Deus. E não faltam, em todo o volume, os lances emocionais, que prendem o leitor, da primeira à última página, ao mesmo tempo que o habilitam a conhecer mais ampla e seguramente a natureza transcendente, quão delicada e difícil, das curas da obsessão.

De sorte que o leitor espírita terá um manancial de conhecimentos neste livro, sem prejuízo do leitor leigo, que terá nele um belo romance estilizado, desses que ilustram a mente e edulcoram o coração.

Broch. 6\$000 — Enc. 8\$000.

FENOMENOS PSÍQUICOS NO MOMENTO DA MORTE

Contém esta obra numerosos e interessantes fenômenos observados nos leitos mortuários, os quaes denunciam a existencia do outro mundo. São casos relatados pelos proprios moribundos e referentes á nova existencia em que vão entrar e de que já dão testemunho, ou presenciados pelos que os rodeiam. O autor comenta esses casos e demonstra que elles podem ser explicados pela tése espírita.

Tradução de Carlos Imbassahy.

Volume brochado, 5\$000; encadernado 7\$000.

FETAPSÍQUICA HUMANA

O autor refuta nesse livro um trabalho do escritor francês René Sudré, contrario á hipótese espírita. Como as teorias deste citado autor representam as que têm sido apresentadas para combater a doutrina dos Espíritos, o livro, cheio de factos e rico de comentarios, é uma das mais categoricas e bem fundamentadas obras a favor do Espiritismo. Tradução conscienciosa de Araujo Franco.

Volume brochado, 4\$000; encadernado 6\$000.

A CRISE DA MORTE

Volume brochado, 4\$000; encadernado 6\$000.

LES ENIGMES DE LA PSYCOMETRIE

Volume brochado, 5\$000.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, ou carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação, Av. Passos 30, Rio de Janeiro. — Porte \$500 por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo.

ERNESTO BOZZANO

J. W. ROCHESTER

Os Enigmas da Psicometria e os Fenômenos da Telestesia

Obra de ricos e profundos ensinamentos, que ampliam a noção das atividades e possibilidades da alma. Clarividência, telepatia, premonição, tudo, enfim, que depõe a pról da existência e sobrevivência do sêr, encontra-se neste estudo consciencioso do eminente sábio italiano.

Com aquele rigor de lójica e com aquela acuidade analítica que lhe são peculiares, Bozzano estuda a propriedade conhecida e de controvertida origem, que tem os sêres animados e as cousas inanimadas, de revelarem a sua propriedade histórica, quando em contacto com os sensitivos.

Assim, panoramas cósmicos, geológicos, prehistóricos; a vida intrínseca de minerais e plantas, de animais ditos irracionais e instintivos, tanto quanto a de sêres inteligentes e racionais, são aí passados em maravilhosa revista, com o abôno de testemunhos insuspeitos, recolhidos de fontes diversas e fidedignas.

Como em todos os seus trabalhos, neste, o grande filósofo deixa patente a ascendência de um principio inteligente e imanente no Universo, que lhe encadeia os fenômenos e lhe dirige as atividades em perpétua evolução.

Lêr êste livro é como penetrar no âmago das cousas e dos sêres, para concluir pela existência e grandeza de Deus.

Ê também habilitar-se para bem discernir os problemas complexos do mediunismo espírita, chamado, nesta hora planetária, a tarefas superiores de lídima regeneração moral.

A tradução é de M. Quintão, que já deu, do mesmo autor, o "PENSAMENTO E VONTADE", com merecido successo. Broch. 5\$000 — Enc. 7\$000.

HERCULANUM

Os livros do Conde de Rochester, todos de fonte mediúnica, constituem um caso unico na literatura espírita, assáz copiosa.

Vasados nos moldes clássicos da escola romântica do último quartel do século XIX, êles tiveram successivamente uma consagração de repetidas edições, que se espalharam, traduzidas em várias linguas.

Entre nós, quem não conhece a "VINGANÇA DO JUDEU"? E contudo, êste não é senão um anél da luminosa cadeia que liga um grupo de almas, através de vários estágios na Terra.

De sorte que, além do ensino doutrinário, tem o leitor o panorama histórico-social de uma época.

Em "FARAÓ DE MERNÉFTA", por exemplo, é o velho Egipto que nos fala das suas múmias, dos seus mistérios, das suas pirâmides. Na "VINGANÇA DO JUDEU", surge-nos o quadro da sociedade européica com a chaga da sua civilização, de preconceitos de raça, classe ou fortuna.

E assim, em "HERCULANUM", vamos encontrar o cenário da Roma dos Césares na plenitude da sua hegemonia politica, mas tambem já minada pelo evangelismo cristão. O caso de *Jupiter*, aurora do *Cristo!* Embate fragoroso de duas civilizações — tumulo e berço. Uma que se precipita do Capitólio, outra que sobe das catacumbas.

Há páginas de colorido vivo e de emotividade extraordinária, quais sejam as que traçam a vesuviana catástrofe que soterrou as duas lindas cidades para um sono de vinte séculos.

Na catequese cristã, o leitor de "HERCULANUM" encontra um sabor especial, aproximando e comparando analogias concernentes á um Idealismo substancial e único.

E êsse sabor se refina quando encontra nessas páginas os mesmos personagens das outras obras de Rochester, para lhes fazer a psicologia e vêr quanto é difficil a ressurreição do espirito na trama das vidas successivas.

Tradução caprichada de M. QUINTÃO.

Broch. 8\$000 — Enc. 10\$000

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, ou carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação, Av. Passos 30, Rio de Janeiro. — Porte \$500 por volume.

Enviaremos graciosamente nosso catálogo.

A. WYLM

ROSÁRIO DE CORAL

O autor deste livro, Dr. A. Wylm, médico e neurologista, apresenta-nos, em fina tessitura romântico-literária, um caso sensacional de duas criaturas que se aproximam, se conhecem e se apaixonam em sonho, graças ao achado eventual de um colar abençoado pelo Papa.



Homem de ciência, vê-se que o autor colima, principalmente, a tésse científica, esfolando todas as hipóteses materialistas, mas sem descuidar da parte sentimental, conduzida com muita habilidade e fulgurância imaginativas, de maneira a prender o leitor, da primeira á última página.

De resto, ha uma interessante questão intercorrentemente esboçada neste livro, qual a da política clerical da França, após a queda do 2.º império.

Esta só circunstância bastaria para encarecer a leitura da obra como de plena atualidade no Brasil, em face da anquilostomiase católica, que ora nos ameaça os fóros da mais sagrada das liberdades, — a da consciência.

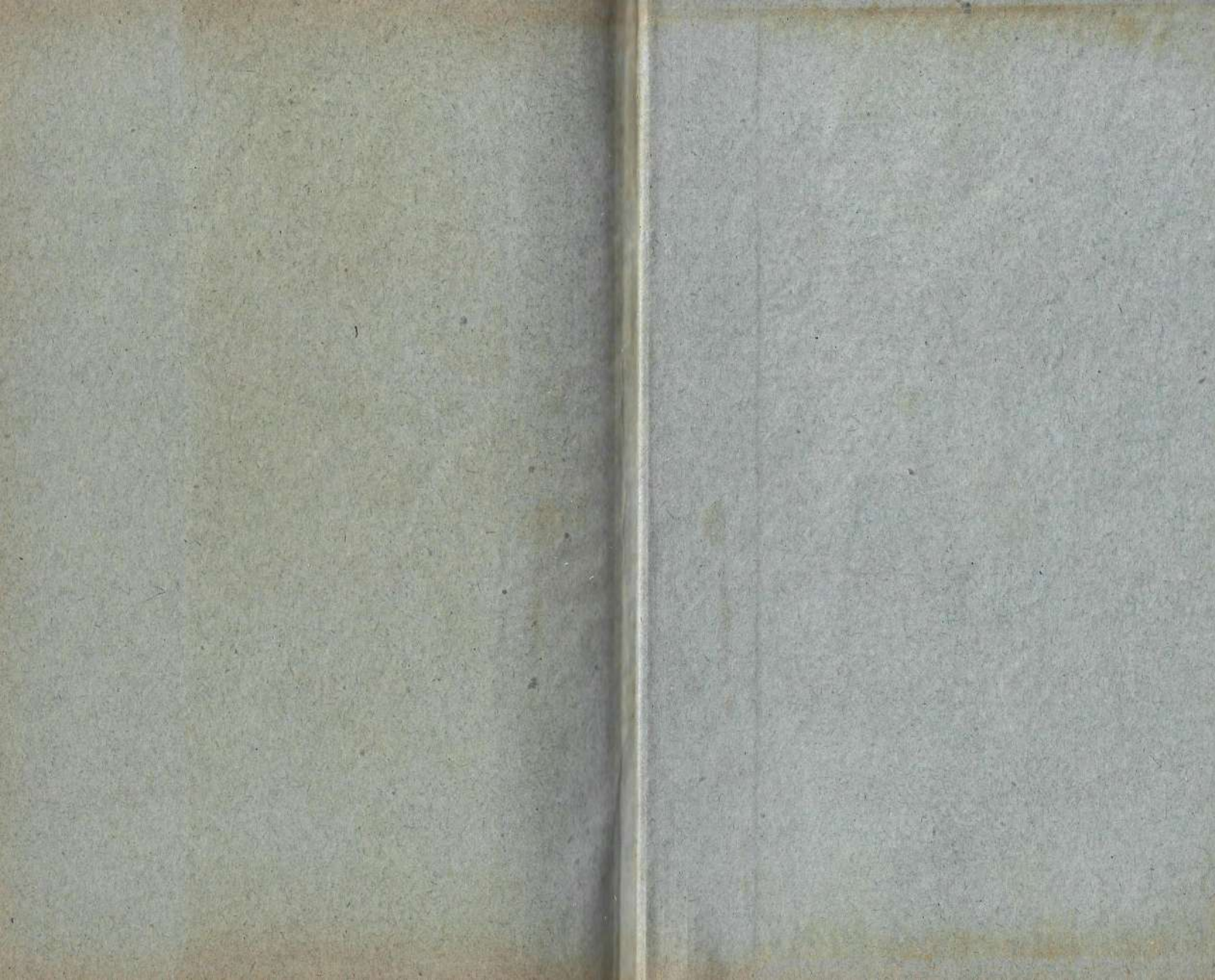
As personagens são nítidas, vivas, bem estudadas e movimentadas num ambiente de humaníssima realidade.

O ROSÁRIO DE CORAL é, em suma, um romance psíquico único no seu gênero.

Broch. 4\$000 — Enc. 6\$000. — Porte mais 500 rs. por volume.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, ou carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação, Av. Passos 30, Rio de Janeiro. — Porte \$500 por volume.

Enviamos graciosamente nosso catálogo.



STANTON MOSES

**Ensinos
Espiritualistas**

(Tradução de Oscar
D'Argonel)

Esta obra encerra um conjunto de esplêndidas comunicações de profundo alcance filosófico e moral, confirmando os ensinamentos dados a Allan Kardec em suas obras fundamentais, podendo-se com justiça considerá-las um raro e precioso escrínio de mais alto valor.

Vol. br. 6\$000

Enc. 8\$000

ENCADERNAÇÃO
RIO
R. DOS INVALIDOS 137

Obras
Notáveis

de
Ciência,
Moral
e
Filosofia
Cristã



LIVRARIA
DA
FEDERAÇÃO
ESPÍRITA
BRASILEIRA

Av. Passos, 30
RIO DE JANEIRO

LÉON DENIS

- DEPOIS DA MORTE — Demonstração da doutrina dos Espíritos; solução científica e racional dos problemas da vida e da morte; natureza e destino do ser humano; as vidas sucessivas. Tradução de João Lourenço de Sousa — 1 volume de 418 págs., br. 6\$000, enc. ... 8\$000
- O PROBLEMA DO SÉR, DO DESTINO E DA DOR — *Crescit eundo* — Estudos experimentais sobre os aspectos ignorados do ser humano — As personalidades duplas — A consciência profunda — A renovação de memória — As vidas anteriores e sucessivas, etc., br. 8\$, enc. 10\$000
- O PORQUÊ DA VIDA — O que somos; donde vimos; para onde vamos. Tradução de João Lourenço de Sousa, br. 4\$, encadernado 6\$000
- NO INVISÍVEL — Espiritismo e Mediunidade. — Tratado de Espiritismo experimental; os fatos e as leis. Tradução de Leopoldo Cirne, 1 vol. de 522 págs., br. 8\$000, enc. 10\$000
- JOANA D'ARC MÉDIUM — Suas vozes, visões, premonições. Seu modo de ver atual, expresso em mensagem. 1 vol. de 416 págs., br. 6\$000, enc. 8\$000
- O ALÉM E A SOBREVIVÊNCIA DO SÉR — Tradução do Dr. Guillon Ribeiro, br. 2\$000, enc. 4\$000
- O GRANDE ENIGMA — DEUS E O UNIVERSO — Seguido de uma síntese espiritualista doutrinária e prática em forma de diálogo. Tradução do Dr. Miguel R. Galvão. — br. 4\$000, enc. .. 6\$000
- CRISTIANISMO E ESPIRITISMO — Provas experimentais da sobrevivência. Relações com os espíritos dos mortos. — A doutrina secreta — A nova revelação. *Vitam impendere vero.* — Tradução de Leopoldo Cirne, br. 6\$000, enc. 8\$000